UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

SOCIABILIDADES E HEDONISMOS:

Etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas – Fortaleza – Ceará.

JAÍNA LINHARES ALCANTARA

NATAL - 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

SOCIABILIDADES E HEDONISMOS:

Etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas – Fortaleza – Ceará.

JAÍNA LINHARES ALCANTARA

NATAL - 2009

JAÍNA LINHARES ALCANTARA

SOCIABILIDADES E HEDONISMOS:

Etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas – Fortaleza – Ceará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle.

NATAL - 2009

JAÍNA LINHARES ALCANTARA

SOCIABILIDADES E HEDONISMOS:

Etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas – Fortaleza – Ceará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof° Dr° Carlos Guilherme Octaviano do Valle

Aprovada em ____/ ____/ ____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof° Dr° Carlos Guilherme Octaviano do Valle – Orientador

_____
Profª Dr° Rodrigo Grunewald – UFCG
Examinador Externo

_____
Prof° Dr° Edmundo Pereira – UFRN
Examinador Interno

_____
Profª Drª Eliane Tânia Martins – UFRN
Suplente

Dedico este trabalho:
Aos interlocutores desta pesquisa, por abrirem parte tão particular e subjetiva de suas vidas para que eu pudesse fazer este exercício acadêmico.
E aos meus amigos, que em geral foram parte não explícita dessa construção.
A Dona Eudina, seu Chico, Jamile e Luiza pela presença de sempre.

Agradecimentos

A princípio agradeço sinceramente a todas as pessoas que bem me receberam em suas casas, em seus locais de trabalho e em seus momentos de lazer. Forneceram-me além de sua atenção, as informações trocadas em conversas, materiais textuais, de áudio-visual e de som que me ajudaram a adentrar e tentar compreender parte do universo em que se achavam inseridos, de forma que o resultado deste trabalho se deve em muito as suas contribuições. Com algumas pessoas desenvolvemos maior interlocução e estas acabam em muito nos conduzindo de forma a dar os moldes que resultaram desse propósito que com o tempo se tornou partilhado por mim e certas pessoas. Compartilhamos esse processo. Tocar em emoções nessa pesquisa foi algo constante, principalmente durante o campo, creio que para alguns dos interlocutores também. Agradeço a cada condução!

Também rendo agradecimentos aos órgãos governamentais em nome de alguns componentes do corpo burocrático que me permitiram coletar certas informações úteis para complementar as analises das interfaces entre as redes sociais de jovens e a atuação destes órgãos.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/CNPq) pelos auxílios concedidos no último ano de mestrado e nas missões de pesquisa e estudos no Museu Nacional/UFRJ.

Minha família foi de fundamental importância durante todo o período do curso de pós-graduação. Desde me dar apoio no início, quando tive que sair da cidade em que vivia para residir em Natal, me trazendo em caravana com direito a companhia da Vó Lucivalda, a ela dedico (*in memoriam*) muito especialmente meus esforços. Uma senhora mulher! Obrigada pela atenção em cada passada, passagem, matéria jornalística; pelo zelo e a preocupação em saber dos ambientes em que entrei para fazer pesquisa, alguns tão “perigosos” (em seus entendimentos). Me desculpo se lhes causei apreensão em minhas investidas. A cada um ao seu modo devo parte da força que constituiu nosso elo de família. A luz (de nascer e de brilhar) que a Luíza nesse meio tempo trouxe e foi fundamental!

Agradeço ao Grupo de Apoio a Prevenção a AIDS que durante o primeiro ano de mestrado, mediante acordo, alugou meu carro e me auxiliou nesse período com essa espécie de financiamento.

Sou grata a Regina Barroso e Liliane Ribeiro por terem sido amigas que compartilharam em casa (Fortaleza) conversas muito interessantes sobre este trabalho. E a Zeila Costa pelas trocas antropológicas entre um dedo de café e de prosa em nossas casas!

Agradeço a meu orientador, Carlos Guilherme O. do Valle co-responsável pelo trajeto dessa pesquisa. Desde me fazer entender que ao mudar o foco do projeto de pesquisa traria questões inovadoras para este campo e um interessante modo de serem relatadas práticas peculiares presentes no contexto nordestino brasileiro, (...) até a esmerada revisão e costura do texto. Com ele pude compartilhar mais proximamente as tensões desse trabalho. Agradeço pelo aprendizado nos cursos e nas orientações, pelas cobranças em momentos devidos, e pela paciência com meus escritos e tentativas de conjecturas antropológicas, pela empolgação com meu campo, pelo apoio e gentileza. Sob sua orientação tive indicações importantes para uma boa fundamentação deste trabalho, e aqui me responsabilizo pelos deslizes que constem no texto. Para além de sua sensibilidade em perceber aspectos extremamente importantes com relação ao método de pesquisa etnográfica, ética na pesquisa, fez deste trabalho um bom esforço para dar conta da variados campos empíricos e bibliográficos no que toca as substâncias psicoativas.

As tantas casas que me receberam em Natal.

A primeira delas foi a república dividida com Jo Fagner, Nayline Sobral e Cia. Aos encontros e noites com suas/minhas amigas: Adélia, Fabi, Eduarda... Tentamos respeitar os ritmos de cada um/a, perceber a bagunça da parte coletiva da casa como algo a ser manejado e reclamado e acabamos nos gostando muito. A cada trago e não-trago desse período lembro achando bom. E fui voltando outras vezes para a casa da Adélia. Valeu demais pelo primeiro contato, pela acolhida e pelo carinho.

Agradeço a amizade, as conversas e a força de meus amigos Marquinhos e Claudíssima, colegas do PPGAS/UFRN, ambos se fizeram muito importantes em minha iniciação nesse processo de ser antropóloga e pensar as relações urbanas. Ao Eloi agradeço pelo passe em campo, pelas trocas, pelas escutas e respostas quase imediatas, querido boe.

As queridas amigas belezuras que ficaram em Fortaleza, mas que acompanharam "de perto" esse período da minha vida e as angustias da confecção do texto. Obrigada Diana por além de me acomodar em sua casinha no Rio, ler e opinar em uma primeira versão desse texto, e por sempre ter as palavras agudas para tirar a comodidade improdutiva. Ariadne, agradeço pelos encontros organizados, pelos livros encontrados, pelos afetos, à Samarica, fico sem palavras (fica a deixa!) e Nivoca. Sou grata pela confiança de que esse mestrado daria certo e que as contribuições do trabalho podem ajudar a pensar as "drogas" de outros modos.

Ao Roberto Brandão, Joana Dutra, Wanessa Holanda e Fernanda Meireles que desde que saí de Fortaleza estão também nessa torcida e acompanhando de longe o desenvolver desse trabalho e trazendo graça pra cada um de nossos encontros.

Agradeço a disposição e o trabalho que Liliana Uchoa, amiga arquiteta, teve ao desenhar, a base de narrativas, os croquis dos principais espaços etnografados.

À todos os meus colegas de turma, em especial ao Cyrão, Helô e Augusto que compartilharam horas em discussões dentro e fora de sala de aula, além dos momentos des-contraído. A minha querida Sté, de quem aprendi gostar e respeitar pela força, rapidez e vivacidade. Agradeço por cada encontro em nossas casas! A Bel por me mostrar sua amizade em momentos tão singulares. E à Gretel Echazú devo a recuperação de fôlego para a revisão final deste trabalho. Muito obrigada pela escuta e partilha, querida!

Aos professores do Museu Nacional Luis Fernando Dias Duarte, Fernando Rabossi, Antônio Carlos Sousa Lima e Adriana Bezerra Vianna, pelas trocas muito significativas proporcionadas em nosso intercâmbio. E às colegas Laura Navallo a quem devo grande estima, a Paula Lacerda e Andrea Lacombe com quem estabeleci ótimos contatos, Martinho Tota pela cumplicidade, risadas e boas conversas sobre os relatos de campo. Isis e Aline, agradeço pelos convites, encontros e gentilezas.

Agradeço a especial atenção que o professor Gilberto Velho dedicou-me ao ler, comentar e sugerir leituras a partir do texto de qualificação deste trabalho.

Agradeço também ao Professor Rodrigo Grunewald que participou da minha singular banda de qualificação dando importantes indicações e discutindo com paciência aquele texto.

Ainda gostaria de agradecer ao corpo de professores pelo empenho ao ministrarem seus cursos e prepararem atividades extra-curso que trouxeram-nos bons *insights*. Em especial agradeço ao professor Edmundo Pereira por ser um constante

debatedor do meu trabalho e a Elizete pelas indicações de leituras e debates sobre gênero. Parabenizo a todos por levarem a frente um programa de pós-graduação em antropologia social recentemente iniciado, mas com a vontade de fazê-lo uma referência para UFRN e para o Brasil. Obrigada aos funcionários que fazem o secretariado da Antropologia: Ana, que não mais está na função de secretária, mas quem sempre quebrou os nossos galhos. Ao Adriano do DAN que está sempre disposto a nos ajudar. E ao Diego que chegou de mansinho na secretaria do PPGAS e que nos auxiliava nas horas burocráticas de nosso contato com o curso.

Sou grata a cada uma destes aqui citados.

RESUMO

Esse trabalho dissertativo consta de uma comparação entre práticas relativas ao corpo, às identidades e à saúde de jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas e manipuladas que vivem em Fortaleza. Através do acompanhamento etnográfico de festas e de duas redes sociais de jovens pude verificar as diferenças e proximidades que fazem destes usuários singulares e plurais em suas noções de *ethos* e visão de mundo. Noções do ser hippie/alternativo e do ser punk estão em jogo entre estas redes. Por terem práticas de usos e circulação em ambientes geralmente distintos é possível traçar pontos singulares entre as redes e suas atuações. Em paralelo, na tentativa de triangular dados, obtive informações relacionadas a 'juventude' e 'drogas' nas mídias locais e em instituições governamentais ligadas a gestão da saúde mental e da segurança no município. Com esta junção de dados abro a perspectiva para questões que envolvem controles formais e informais importantes para a condução de suas vidas e identidades. Apresento com isso uma continuidade em estudos já bem desenvolvidos no Brasil sobre juventude em interface ao uso de "drogas", porém pouco explorados no estado do Ceará.

Palavras-chave: Juventude; Substâncias Psicoativas; Etnografia; Representações.

ABSTRACT

This dissertation shows a comparison between practices related to the body, to identities and to the health of young drug takers of synthetic and manipulated psychoactive substances living in Fortaleza. Through ethnographic accompaniment of parties and two social nets of young people I was able to verify the differences and similarities that make these addicted singular and plural in their notion of ethos and world vision. Notions of being hippie/alternative and being punk are present between these nets. Because their use and circulation are developed in environments usually distinct, it is possible to trace singular aspects between the nets and its actions. In parallel, on the attempt to build a triangulated data, I had information related to "youth" and "drugs" in local media and in governmental institutions bound to health mental and city security policies. With this junction of data I present a perspective to questions evolving formal and informal important controls to the conduction of their lives and identities. I present this as a sequel to well developed studies in Brasil about youth in interface to "drug" use, although still not very explored in the state of Ceará.

Key-words: Youth, Psychoactive substances, Ethnography, Representations.

Lista de Abreviaturas e Siglas

ACERD – Associação Cearense de Redução de Danos

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância em Saúde

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CAPS ad – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas

DENARC – Delegacia de Narcóticos do Ceará

GAPA – CE – Grupo de Apoio a Prevenção à AIDS sede Ceará

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

SENAD – Secretaria Nacional Anti-Drogas

SNGPC – Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados

UNAIDS – Nações Unidas e a Resposta a Aids

UNODC – Escritório sobre Drogas e Crimes das Nações Unidas

Lista de Ilustrações

Ilustração 1: Recorte do Jornal Diário do Nordeste 34
Ilustração 2: Mapa da cidade de Fortaleza 44
Ilustração 3 e 4: Fotografias da Festa *Rave* 69
Ilustração 5: Fotografias da Festa *Rave (Gal)* 70
Ilustração 6: Fotografia Recepção do Studio.....72
Ilustração 7 e 8: Imagens Flanelógrafos Studio.....73
Ilustração 9: Sala de Vendas do Studio 74
Ilustração 10: Quintal do Studio.....76
Ilustração 11: Imagens Flanelógrafos Studio.....79
Ilustração 12: Imagens esterilização Studio.....80
Ilustração 13 e 14: Imagens esterilização Studio.....81
Ilustração 15: Preparação para Tatuar 82
Ilustração 16 e 17: Preparação para Tatuar.....83
Ilustração 18: Croqui da Funhouse.....99
Ilustração 19 e 20: Imagens frigideira flambando e no fogo 122
Ilustração 21 e 22: Imagens F.Q cristalizando e preparação para "mandar".....123
Ilustração 23, 24 e 25: Imagens de busca da veia, pico, baque 124
Ilustração 26: Imagem Ramon mandando em si.....125
Ilustração 27: Imagem marcas nos dedos de Dourade 139

Sumário

Introdução **1**

I.1 A estratégia para triangulação de dados 5
I.2 Tratamento Metodológico 8
I.3 Como se forma alguém que estuda os usos de substâncias psicoativas: a escolha do objeto de pesquisa. 15

I. Noites, festas e desejos em contexto: Fortaleza em foco **31**

1.1 Entrar à noite exige t(r)ato. 38
1.2 Os contextos da pesquisa em pormenor: uma etnografia das festas. 42
1.3 Festas, hedonismo e redes sociais: 53

II. A Rede Social do Studio: tatuagens, música eletrônica e influências "Nova Era" **57**

2.1 - Apresentando os atores da rede social do Studio: 61
2.2 - Zona Vibe – Festa psy-trance: algumas considerações etnográficas 67
2.3 - O Studio como espaço social 71
2.4 – Higienização 78
2.5 -"Drogas fáceis": uso de substâncias psicoativas, controle e redução de danos 85
2.6 - Quando o campo conduz? 90

III. FUNHOUSE: Uma Rede Social de Jovens Junkies **92**

3.1 - A Festa da BOATE MOTEL 90 95
3.2 - A Funhouse como espaço de sociabilidades junkies 97
3.3 - Apresentando os junkies da rede social da Funhouse 106
3.4 - Etnografia: Uma noite na Funhouse 113
3.5 - Remédios e Farmácias 116
3.6 - Mandando na veia: uma etnografia do uso de morfina injetável 119
3.7 - Pausa para demonstração 121
3.8 - Efeitos e Alívios Possíveis 125

Em conclusão **135**

Voltando novamente a Funhouse 143

Glossário **150**

Bibliografia **154**

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma mistura de investimentos em pesquisa etnográfica, curiosidade e cuidados sobre as condições de pessoas que se encontram de alguma forma marginalizadas e/ou estigmatizadas pelos discursos e práticas da justiça e da medicina pelo fato de usarem determinadas substâncias psicoativas classificadas como ilícitas.

Através desta pesquisa realizada entre pessoas de origens e trajetórias sociais bem heterogêneas, mas aproximando-se com mais intensidade a jovens atualmente localizados em camadas médias[1] e baixas de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, pode-se tomar conhecimento sobre as razões que, nos diversos contextos analisados, eles e elas decidem ou acabam sendo influenciados a adotar certos estilos de vida[2] em que o consumo de substâncias psicoativas configura-se em fator importante para a agregação de pessoas, formador de hábitos e, além disso, como gerador de um saber prático sobre uso do corpo desenvolvido através do aprendizado de efeitos físicos e químicos de determinados psicoativos[3]. Isso implica estarem ligados a certas redes sociais de trocas de técnicas e práticas específicas que envolvem experimentar e vivenciar cotidianamente os desdobramentos dessa posição no mundo.

Em resumo, o objetivo desta dissertação é, portanto, compreender um pouco do universo das relações sociais entre homens e mulheres jovens com idade variando de 18 a 34 anos, que vivem na cidade de Fortaleza, evidenciando através das práticas relativas ao corpo e a operação de identidades em contextos de "sociabilidade" ou em outras relações sociais, mas também desejo compreender como eles e elas se preocupam com a saúde, com a moral, com seus pares e com a lei. Estes jovens utilizam substâncias psicoativas sintéticas lícitas e ilícitas

---

[1] A categoria sócio-econômica é abordada por alguns autores que tomo como referência para este trabalho. Gilberto Velho (1975) a define em seu estudo denominado "Nobres e Anjos: um estudo de tóxico e hierarquia" realizado entre os anos 1972 2 1974 e MacRae & Simões (2000) a retomam quando discutem o uso de maconha entre jovens de camadas médias nos anos 1980. Estes últimos autores consideram importante para a definição da categoria no estudo adotar as características de "camadas médias urbanas formalmente integrados à sociedade de consumo e ao mercado de trabalho, no pleno gozo de sua sanidade física e mental". Nesse sentido, tomo camadas médias em conformidade com o exposto e acrescento que também trabalhei com pessoas de camadas populares, visto que muitos dos interlocutores não se encaixavam no perfil de camadas médias formalmente ligadas ao mercado de trabalho formal.

[2] Ver Gilberto Velho 1975.

[3] No primeiro capítulo discutirei o uso das diferentes nomenclaturas adotadas neste trabalho.

que chegam até eles "prontas" para o consumo ou que eles próprios manipulam. Seu uso pode ser ingerido, inalado (cheirar e fumar) e injetado (intravenoso) em freqüências e quantidades variadas. Em sua maioria, meus interlocutores se reconheciam como provenientes de "classe média" ou "média-baixa", porém há uma grande diversidade no que tange ao comportamento, a inserção em redes sociais, a ocupação laboral, a condução de suas identidades e ao manejo de seus "usos" e "vícios", aos cuidados relativos à saúde e à experimentação do prazer. Explorarei o perfil socioeconômico desses jovens ao longo da apresentação do trabalho etnográfico.

Questões morais, de risco e de saúde/doença estão em foco no trabalho. Além disso, as relações que estabelecemos em campo tiveram que se apoiar em mútua confiança e de certa cumplicidade entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. As informações aqui contidas foram liberadas mediante discussões prévias entre a pesquisadora e seus interlocutores ao ter indicado, como primeiro ponto de partida da pesquisa, meus propósito e objetivos finais da pesquisa e do texto etnográfico, que tinha a ver, evidentemente, com a contextualização do cotidiano de pessoas que usavam determinadas substâncias psicoativas ilícitas. Procuro, assim, desmistificar algumas posições que marginalizam pessoas por assumirem determinados hábitos de uso. Muitas das informações aqui contidas foram confirmadas através de conversas complementares ou pela troca do texto, via internet com alguns dos meus interlocutores. Entendo que, ao escrevermos um trabalho acadêmico, devemos pensar nas pessoas que o lerão e nos desdobramentos éticos, sociais e políticos que ele poderá causar *a posteriori*, principalmente para quem está implicado diretamente no processo de pesquisa. De antemão, é preciso salientar que os locais, as pessoas e os eventos descritos foram substituídos por nomes fictícios, embora fossem trocados ou mantidos de acordo com a situação. Algumas características e descrições são propositalmente misturadas para que não haja identificação imediata, visto que não há interesse aqui de colocar em risco nem estigmatizar os locais que pesquisei. Pretendo "desvendar (algumas) máscaras sociais" (BERREMAN, 1980) cuidadosamente elaboradas pelas pessoas, que aqui povoam as afirmações feitas sobre suas vidas e ações.

Um exercício que creio ser pertinente para iniciar esse trabalho diz respeito ao modo como me inseri nos contextos de pesquisa. Para isso, apresento agora um pouco de minha trajetória de pesquisa e do trabalho desenvolvido em movimento social (como membro de

uma ONG) que conduziram-me a esta enseada de estudos da "juventude" e das "drogas", explorando alguns dos meus interesses na interface destas duas categorias. A formação de quem pretende examinar contextos urbanos exige certo distanciamento de categorias nativas e um rigor epistemológico a fim de propor determinados entendimentos e análises. De fato, a idéia e a prática de "estranhar o familiar" (VELHO, 1994, 2003) refletem-se no modo pelo qual a sistematização de ações e relações próximas ao cotidiano de quem realiza a pesquisa tornam-se, então, um objeto analítico perscrutável, demonstrando, na exposição do estudo, alguns produtos e produtores em tais contextos. Isso permitiu sensibilidade mais acurada sobre os contextos e interlocutores dessa pesquisa.

Situo meu trabalho no bojo das pesquisas antropológicas em contextos urbanos, mais próximos e familiares dos meus próprios universos de socialização e conhecimento (VELHO, 1994, 2003; CAIAFA, 1985; MACRAE & SIMÕES, 2000; BACAL, 2003; FERNANDEZ, 2007). Circulei pelo centro urbano de Fortaleza, seus bairros, hospitais, universidades, festas, bares e lugares de lazer. Assim, o que interessa a ser analisado antropologicamente através das relações sociais acaba por apurar-se nas relações que, de certa forma, se organizam frouxamente, tendo que observar como se organizam socialmente as pessoas, as famílias, os grupos, as situações gregárias; diferenciando-se em parte dos estudos realizados nos ditos "campos" antropológicos mais longínquos. Estranhar o que está próximo ou o que constitui a própria base para a nossa formação é exercício um tanto desafiador e capaz de causar deslizes. Não me eximo deles. Contudo, a tentativa de tornar questionáveis alguns comportamentos, características, termos e conceitos se faz presente no trabalho.

Ao iniciar minha pesquisa, tinha como projeto analisar relações de sociabilidades entre pessoas que estivessem utilizando substâncias psicoativas sintéticas (Ecstasy ou MDMA, Ácido ou LSD, Ketamina ou Special K[4]) em festas chamadas *raves*. Busquei dialogar um pouco sobre o conceito de "pânico moral" (COHEN, 1972; YOUNG, 1972; THOMPSON, 1998) em interface com as práticas de sociabilidade de "*tranceiros*"[5] tentando perceber o que estava em jogo na estigmatização, proibição e difamação das festas em que a música

---

[4] Ver esclarecimentos sobre substâncias no glossário.

[5] *Psy-trance* é uma variação de estilo musical entre as categorias da música eletrônica que existe no Brasil desde os anos 1990. (Bacal, 2003). *Tranceiro* é uma categoria operada por alguns interlocutores para identificar pessoas que são afinadas com tipo de festa eletrônica na qual o principal estilo musical tocado é o *psy-trance* ou *trance*; Seriam as, localmente, chamadas *raves*.

eletrônica é o carro chefe e a presença maciça de jovens forma seu público. No primeiro capítulo, exploro as observações etnográficas feitas durante algumas "festas de música eletrônica", algumas não são necessariamente *raves,* mas são espaços onde a música eletrônica é tocada, além da presença ser especialmente de jovens. Todas organizadas na cidade de Fortaleza, as festas etnografadas aconteceram entre os meses de janeiro a julho de 2008. De fato, uma delas, oficialmente *rave*, foi realizada em Caucaia, cidade vizinha a capital, mas que faz parte de sua área metropolitana. Nesses ambientes de boates e ao ar livre, segui o método antropológico da *observação participante*, procurando evidenciar as características que distinguiam o público pelo tipo de festa ou local, pela variação do estilo de música tocado, pelo tipo de vestimenta e adereços exibidos, pelas substâncias que eram consumidas abertamente. Quando podia ver ou notar o consumo de substâncias ilícitas, tentei também descrever a forma que esse uso era feito. Farei o relato de quatro "festas de música eletrônica" que foram anunciadas por mídias escritas (*flyer* e jornal local) e uma "festa de rock" cuja divulgação se deu por cartazes e em *sites* de relacionamento. Tentarei fazer, igualmente, os contrapontos e as aproximações entre os ambientes de lazer em que a música é um dos marcadores de diferença na "cena eletrônica" e na "cena do *rock underground*" de Fortaleza do período de investigação. Não me ative, porém, a maiores aprofundamentos, pois a proposta da primeira fase do trabalho era a de fazer uma pequena cartografia de algumas festas.

Em meio à pesquisa de campo tive contato com alguns jovens que faziam uso de substâncias psicoativas injetáveis (morfina e ketamina processadas por eles, e cocaína que compravam de pequenos "traficantes"). Uma das festas apresentadas no capítulo introdutório aconteceu num motel do centro da cidade. Fui à esta festa para tentar encontrar com alguns dos jovens que compartilham tal prática: organizadores, músicos que tocavam *punk-rock* e mais outros jovens que participaram de seu público. Como foi meu primeiro contato com eles, não pude fazer observações mais sistematizadas e me detive às impressões de quem participa de uma festa um tanto "exótica" por acontecer em um motel no centro da cidade, um local pouco convencional de realização de festas. Numa "edição" anterior da festa, houve performances de sexo explícito. Mulheres foram leiloadas para passar a noite com quem arrematasse a "prenda". Pude descrever algo do que vi e retomar narrativas destes jovens sobre outras destas festas que aconteceram uma ou duas vezes em anos anteriores. Cada festa envolvia e movimentava aproximadamente 250 pessoas, incluindo público, músicos e

organizadores. Nesta festa, minhas observações se deram a partir de um ponto fisicamente localizado no final do corredor que dava acesso ao salão interno do motel, *strip-tease* de moças em cima de pequenas mesas rodeadas por pequenos grupos que compunham o público da festa. Fiquei ao lado dos quartos que, em todo momento, eram alugados por dois, três, quatro ou mais participantes da festa. Pode-se dizer que era uma celebração ao estilo orgiástico.

I. 1 A estratégia para triangulação de dados

Para abranger de alguma forma outras escalas e outras representações das abordagens sobre usuários de substâncias psicoativos sintéticos e manipulados ou, do mesmo modo, sobre as próprias substâncias, consumidas pelas pessoas com quem estive em contato, tomei outras situações para desenvolver focos de pesquisa, tais como uma delegacia e a Secretaria de Saúde do Município, onde seus funcionários relataram sobre a entrada de pessoas no "mundo das drogas" através do tráfico e do uso de substâncias ilícitas. Como eles se referem a estas pessoas? Quais eram as condições colocadas e classificadas pelo serviço de saúde municipal? Preocupada com essas noções, em um segundo período de pesquisa etnográfica, tentei explorar campos mais institucionalizados que lidassem com o "problema das drogas" no sentido de serem aparelhos administrativos governamentais, representados, assim, pela Delegacia de Narcóticos do Ceará (DENARC) e a Célula de Saúde Mental (CSM), vinculada a Coordenação Municipal de DST/AIDS (ambas compõem quadros e cargos administrativos da Secretaria de Saúde do Município de Fortaleza). Nesta parte, exponho algumas situações etnográficas nas quais as interpretações entre interlocutores e a pesquisadora deram subsídios para se explorar analiticamente e metodologicamente sobre as representações sociais que envolvem as interfaces sociais dos mais diferentes atores.

Ao mesmo tempo, nesta fase da pesquisa também pude situar uma parte considerável da etnografia, que foi mais focada e detalhada em dois *lócus* distintos. Um deles foi um estúdio onde são feitas tatuagens e aplicados piercings, localizado numa área tida como nobre da cidade de Fortaleza. Foi lá que acompanhei a circulação de várias pessoas que promovem, trabalham e freqüentam festas *raves*. O segundo *lócus* de trabalho mais efetivo foi a

Funhouse, uma casa particular localizada num bairro periférico, onde residia o "ego" da rede social de jovens que usavam substâncias injetáveis. Era o lugar onde a maioria dos seus amigos e conhecidos iam de modo freqüente, quase cotidiano, para uso injetável de morfina, além de outros motivos interpessoais, para eles socialmente relevantes, que serão também apresentados no trabalho. Além destes dois locais, também acompanhei alguns interlocutores em festas e em um bar específico, o *Needle's Bar*, administrado por um dos interlocutores que compõem a *Funhouse*. A escolha destes locais se deu por motivos peculiares que renderam diferentes tipos de considerações para a pesquisa. Possibilitaram-me fazer comparações sobre os cuidados que estas pessoas têm ou estabelecem com seus corpos, pensando também nos riscos a que se expõem. Ressalto o desafio na tentativa dos interlocutores de controlar impressões (GOFFMAN, 1988), percebidas em interface com as pessoas com as quais mantêm relações mais próximas e prolongadas ou, por outro lado, mais distantes e pontuais. As nuances dos controles que se estabelecem de modo moralmente mais "oficializado" (os controles da ANVISA e através das leis) são ganchos para trabalhar as noções de sanções e práticas, igualmente locais. O primeiro capítulo está dividido em duas partes. A primeira que apresenta estes campos mais institucionais, os "órgãos administrativos do estado". A segunda parte expõe, então, diversos espaços onde realizei etnografia e que me sensibilizaram e me orientaram para os locais que estrategicamente priorizei na pesquisa.

Metodologicamente, decidi proceder na pesquisa dividindo os jovens com os quais pude estabelecer contato mais efetivo em duas *redes sociais*. Por encontrá-los para os momentos da etnografia, principalmente, em dois locais específicos, são por mim chamadas de *redes social do Studio* e de *rede social da Funhouse*. A utilização da categoria "rede social" será discutida mais adiante, mas saliento que um dos motivos que levou-me à esta opção metodológica foi detectar pontos de encontro, certos "nós", entre as pessoas que compõem as duas redes, por exemplo: os locais de lazer e circulação destas pessoas se cruzam em momentos onde estabelecem certos tipos de relações.

O contato com a primeira rede se deu pela proximidade anteriormente estabelecida entre a pesquisadora e o "ego" da rede social do *Studio*, esclareço tomando este aspecto como um aporte metodológico para a discussão da etnografia, feita de forma "próxima ao familiar". A opção pela segunda rede social apareceu por intermédio de um amigo em comum, Nícolas, entre mim e o "ego" da rede social da Funhouse. Encontrar espaço e disposição para fazer

investigações que dizem respeito a aspectos muito particulares da vida das pessoas exigiu negociação sobre minha presença e das minhas observações entre os componentes das duas redes. Desse modo, senti-me aceita amplamente, tanto no Studio como na *Funhouse*, para desempenhar meu papel de pesquisadora, assim como nos passeios e "noitadas" em que acompanhei meus interlocutores de pesquisa na cidade de Fortaleza. (VELHO, 2003; SLAVIN, 2004; GOFFMAN, 1988).

Finalizo este trabalho apresentando o que pode ser entendido como um estudo de caso. Encaro esta parte do trabalho como um desdobramento provável entre as possibilidades que estes jovens tiveram quando aparentemente fazem certa economia e/ou cálculo das suas práticas relacionadas aos usos de psicoativos, quando visam realizar seus projetos de vida (VELHO, 1994) e manter boas condições de saúde física. De modo complementar, descrevi a partir dos relatos de "ego", dentre outras pessoas da rede social da *Funhouse*, sua procura por atendimento psicoterápico, enfatizado por ele a procura pela técnica de substituição[6], em um serviço público de saúde mental, o Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas, gerenciado pela Secretaria Regional X de Fortaleza (CAPS ad da SER X), cuja estratégia principal gira em torno do que vem sendo chamado "política de redução de danos", implementada pelo governo federal. Entrei em contato com a psicóloga que os atendeu e a partir de algumas conversa sobre suas impressões a respeito de seus atendimentos, apresentei algumas observações sobre a interface entre os relatos dos "usuários de psicoativos", os "usuários do serviço" e uma "profissional da equipe de saúde". Também evidencio algumas nuances da interface "serviço de saúde versus cliente" como uma tentativa de mediação feita por mim entre um interlocutor que queria ser atendido neste CAPS ad e sua psicóloga. Como conclusão, proponho uma breve analise tomando como base as relações acompanhadas entre todos os interlocutores acessados, guardando as peculiaridades dos locais de onde falam para argumentar sobre os dados relacionados às práticas corporais, aos estilos de vida e as identidades em jogo.

---

[6] O entendimento que a OMS tem sobre a estratégia de substituição é trocar a "drogas de rua" (heroína, morfina, cocaína) pelas substâncias legalmente comercializadas (codeína, metadona, e de efeitos teoricamente menos danosos). Tal medida tiraria o usuário de locais marginalizados de uso como as ruas, terrenos baldios, esgotos e canais, colocando-os em outros – salas de "uso controlado", acompanhados por equipes de profissionais da saúde – que lhes parecem a salvo de vários problemas que estes locais apresentam. Além disso, o uso de "medicamentos" garantiria certa segurança do que há na composição das substâncias vendidas em farmácias e não as que estão à venda nas ruas.

I. 2 Tratamento Metodológico

A importância dada pela antropologia aos dados coletados em primeira mão tem suas primeiras manifestações nas experiências relatadas pela expedição ao Estreito de Torres, cujo formato da equipe era eclético no que tange a formação profissional dos pesquisadores. Estas expedições buscavam explorar a geografia, geológica, a diversidade biológica na fauna e flora, e começaram a perceber a importância das observações que contemplavam registros sobre os instrumentos e utensílios encontrados nesses locais, sobre os modos de andar, vestir, se relacionar de serem distintos deles mesmo, etc. Ao mesmo em tempo que a expedição ocorria, Franz Boas fazia pesquisa de campo entre os esquimós *Inuit* no Ártico canadense, ainda no fim do século XIX (BOAS, 2005). Na segunda década do século XX, Malinowski (1984), importante pesquisador entre outros que inicialmente realizaram empreendimentos etnográficos, buscou, através da obtenção de dados empíricos, respostas para pesquisa antropológica, organizando-os de forma esquemática, dispondo informações em "quadros sinóticos" que cruzadas com questões levantadas pelo pesquisador de campo geram dados, uma maneira de organizar e sistematizar informações e dar respostas às questões sócio-culturais relativas aos grupos estudados. Desta forma, o método etnográfico que se apóia fundamentalmente na "observação participante" passou a ter força central na Antropologia como uma disciplina específica dentre as ciências sociais. Posto em ação em parceria de ferramentas como questionários, mapas, fotografias, gravações (etc.), este método facilitou a coleta e a organização das informações obtidas em "campo" (CLAMMER, 1984). Será durante a pesquisa etnográfica de campo que o antropólogo forja suas próprias maneiras de coletar dados. Na interação entre o pesquisador e seus interlocutores descobrem-se os canais de acesso mais viáveis para o tipo de pesquisa a qual desejava realizar. Assim, a elaboração, adaptação e as mudanças nas técnicas de pesquisa antropológica vêm acontecendo ao longo dos quase cem anos da disciplina. Manter técnicas ganhando sofisticação e qualificação mediante a coleta de dados quantitativos (*survey work*) e qualitativos (*intensive work*) vem sendo um paradigma sustentado e que de certa forma sustenta a antropologia (HOLY, 1984).

Deve-se ressaltar a importância do ponto de vista do pesquisador-observador como uma das características fundamentais na coleta de dados para as análises etnográficas. Isto significa valorizar a história de vida, o *background* e as características pessoais de quem

observa, transcreve, escreve e narra outras histórias (BRUNER, 1986). Em segundo lugar, significa também situar o leitor de forma que ele possa entender os contexto e recortes temporais e físicos que foram escolhidos para fazer a interpretação dos papéis dos sujeitos e das ações em análise. Implica esclarecer, acima de tudo, que há uma troca implícita de impressões e de direcionamentos entre observadores e interlocutores.

Os pressupostos estabelecidos revelam muito da ancoragem sobre a qual se efetiva a socialização dos sujeitos que pesquisam e sobre as quais se formulam os "problemas" através dos critérios escolhidos pelo próprio pesquisador influenciado pelo recorte de determinado "mundo social" (BERGER e LUCKMAN, 1990). Para tal argumentação, faz-se importante apresentar as formulações metodológicas e os processos de pesquisa respondendo: *Como* os pesquisadores se aproximam de temas que lhes são afins pela própria trajetória de vida e *como* eles elaboram as formas de desnaturalização de conceitos e categorias com os quais constroem objetos de pesquisas guiadas por uma "vigilância epistemológica" (BOURDIEU: 2002) para, então, considerar os ganhos teóricos e acadêmicos contidos em tais abordagens.

Quando a interação em campo passa a ser tomada como parte reveladora para a formulação dos problemas da pesquisa e forte condutora nas inovações e na escolha das ferramentas de coleta de dados a noção de trabalho de campo ganha maior plasticidade. O famoso antropólogo britânico, E. E. Evans-Pritchard (2005 [1943]), deixou claro, em sua avaliação da pesquisa que realizou entre os Azande, o quanto teve que flexibilizar seu olhar de pesquisador para tentar apreender através do contato com "seus nativos" quais eram os fatores que moviam suas práticas, crenças, as relações de poder e econômicas daquele grupo.

Acredito que a complexidade dos problemas de pesquisa e os dados construídos na pesquisa de campos podem nos levar a certas conexões entre os contextos sociais diversos que se interceptam, envolvendo aspectos morais, de ética, de saúde, de corpo, de legalidade, de religiosidade, das identidades, etc. Atuamos e devemos reconhecer em nossas investigações que tais assuntos não estão isolados de forma alguma. E que se ligam em diversos níveis a partir de distintos graus de proximidade. Uma delegacia de polícia que abriga em suas dependências imagens de santos católicos, cartazes estampando o Papa Bento XVI, em que a fala do delegado entrevistado associa "droga" ao diabo deve ser analisada com um olhar especial para os tipos de conexão estabelecida pelo corpo técnico e burocrático responsável no estado pela segurança relacionada ao crime envolvendo comércio de substâncias ilícitas. O

que pode está por trás de práticas e discursos deste tipo? Que tipo de ancoragem estas pessoas carregam para atuarem desta maneira?

Ulf Hannerz (2003) trabalha com a noção de híbridos para tentar explicitar as conexões e os trânsitos de bens, informações e forças globais, que influenciam movimentos em paralelo geográfico, mas que ganham adaptações na forma local de conceber os eventos a partir de características de organização de poder. Algo que pode complementar a utilização dos hibridismos como categoria válida para pensar historicamente acontecimentos e fatos é a noção de escalas (TILLY, 1984) a partir da qual observações em níveis diferentes de análise podem expor argumentações fundadas em evidências críticas (coadunação entre dados coletados e argumentação).

Tentarei esclarecer o que pretendo dizer quando penso em escalas com a argumentação de Michael Gossop (1982) quando apresenta uma conjunção de fatores que pode fundamentar esta maneira de se constituir um "mundo das drogas". O "mito *junkie*" (drogado), para o "*straight world*" (mundo dos "caretas", certinhos), é o do usuário de drogas muitas vezes visto como um depravado criminal, assim como uma pessoa doente que precisa de ajuda, mas a adicção geralmente é uma "ficção" até para eles mesmos. A fascinação do combate à adicção não se dirige a pessoa dependente de drogas, mas sobre suas sombras fabulosas. O autor ressalta que um dos mais poderosos mitos sobre as drogas é o do "dope fiend"[7], fortemente divulgado no início do século XX pelo comissário Anslinger, autor do US Commissioner of Narcotics. Uma das estratégias de mais sucesso de Anslinger foi o ataque à cannabis (maconha), abrindo caminho para a xenofobia que começou a circular na sociedade norte-americana. A cannabis passou a ser vista como uma droga de fora, não americana, que mexicanos e negros fumavam. Pensar esse tipo de discurso reproduzido no Brasil para atingir certos fins dá-nos a possibilidade de argumentar sobre os tipos de controle moral, étnico, social e geracional pretendidos pelos agentes estatais ao tachar substâncias como impuras e práticas como amorais, desviadas, e chegam a ser classificadas como insanas ou destrutivas pelas agências ligadas aos controles de saúde e de epidemiologia.

---

[7] Livre tradução: não encontrei uma tradução para o termo, mas *dope* está ligado a narcótico, entorpecente, estupefaciente e *fiend* envolve significados como viciado, demônio. Uma dupla interpretação possível seria "entorpecente que provoca vício ou narcótico do diabo/demônio".

Responder a pergunta: "onde você fez seu trabalho de campo?" até meados do século XX era algo que não suscitava tantas questões metodológicas, principalmente no que diz respeito ao recorte geográfico. Ora, fazia-se trabalho de campo em determinados locais com uma prévia delimitação territorial, com população a ser definida a partir das variantes da coleta de dados *in locu*. Com a gradual percepção de que considerar aspectos "diacrônicos", historicamente definidos, e não apenas os temporalmente sincrônicos, fazia diferença para a abrangência das afirmações obtidas pelos pesquisadores através do trabalho de campo, iniciou-se, então, uma maior combinação entre dados sociais coletados de modo empírico e dados conseguidos em arquivos fazendo dessa combinação um aporte estilístico para a narrativa etnográfica.

Em "campo", estabelecem-se as relações privilegiadas a partir das quais questões relevantes sobre o local e as pessoas emergem de observações que estão próximas ou ligadas à situação etnográfica. Para apontar aspectos de configurações sociais, políticas, econômicas, territoriais, identitárias, percebidas ou articuladas ao contexto de pesquisa, é necessário partir deste contexto e buscar conexões destes fatores entre outras pessoas ou grupos organizados localmente e também em outros lugares e em outras arenas sociais, dando conta de processos mais amplos e reconhecendo algumas ligações locais com as questões levantadas com importância no campo mais global (TILLY, 1984).

Em uma perspectiva processual, um dos fatores ressaltados para a construção do saber antropológico vem da necessidade de estabelecer diálogo entre o que está sendo retratado como o "problema de pesquisa" e as conexões históricas que envolvem exatamente tal problema. Expor dados que possam ajudar a realçar ligações entre campos vistos como distintos é uma das faces da pesquisa etnográfica em amplo sentido. Portanto, nessa perspectiva, fazer pesquisa etnográfica não se restringe ao estar "em campo", mas abrange também investigação através de documentos, mapas, registros, tabelas, certificações, cartas, ou seja, outros materiais que podem tornar mais claras as questões averiguadas no presente com as possíveis questões que as envolveram numa situação passada a partir da ótica alcançada pelo pesquisador (ZANANIECKI & THOMAZ, 1974; HANNERZ, 2003).

A construção desta pesquisa se deu por meio da proposta de pesquisa antropológica hoje denominada de "etnografia multi-situada" (MARCUS, 1995; HANNERZ, 2003) por entender que os reflexos de processos sociais de larga escala ultrapassam fronteiras nacionais,

camadas e grupos sociais, sendo comunicados e apreendidos de diferentes modos em cada localidade e por diferentes parcelas de atores sociais em seu tempo. Essa proposta pode ajudar a interligar três níveis dessa pesquisa etnográfica: os dados dos órgãos/agências do estado, as redes sociais de jovens usuários e as farmácias. Centra-se nas informações que circulam entre essas duas redes sociais ou entre os diferentes níveis (escalas) dos campos de pesquisa. Nesse sentido, o que vem sendo chamado de etnografia multi-situada considera e valoriza o que pode ser pensado como os aspectos, os nós e os elos que interligam diferentes contextos e "sítios". Preza por fazer visíveis as conexões desses encontros, além de possibilitar uma apreensão da diversidade de dados cujas problemáticas envolvem bases, às vezes, muito distintas ou que se apresentam de modo aparentemente descontinuado. A argumentação de George Marcus e outros antropólogos contemporâneos em favor desse tipo de procedimento etnográfico está na possibilidade de se mostrar as continuidades e as interfaces dos contextos de pesquisa, alocadas em ramificações de um mesmo processo, porém em "sites"/contextos diferentes. Assim, algumas interligações que parecem despercebidas ou apagadas podem se mostrar nodais (Marcus, ibid). Com intenção de dar conta da importância histórica que permeia os contextos pesquisados, fazer etnografia é:

> to expend and innovate the possibilities for making arguments through description, the delineating of processes, the orchestrating, representation (or evocation) of voice, etc. For me, the development of multi-sited strategies for doing ethnography so as to discover and define more complex and surprising objects of study is literally one important way at present to expand the significance and power, while at the same time changing the form, of ethnography knowledge. (MARCUS, 1995).

O reconhecimento da globalização[8] se torna pertinente para reavaliar a maneira e os modelos de pesquisa antropológica envolvendo populações em iminente movimento, com trânsitos de materiais/mercadorias, de tecnologias, mas, igualmente, vale destacar, para os interesses dessa pesquisa, de saberes (APPADURAI, 2001). Um movimento que envolve uma constante negociação de poderes. Para validar nossos estudos, é interessante e necessário, tal como recomenda Ulf Hannerz, considerar as proporções relativas à distribuição dos poderes

[8] Globalização nesse sentido está diretamente ligada a concepção da 'antropologia transnacional' na qual Ulf Hannerz alinha a três palavras-chave "fluxos", "limites" e "híbridos" nas transposições e misturas culturais. (Hannerz, 1997)

globais. Afinal, para ele, ainda há centros irradiadores de valores e tecnologias dentro do Ocidente.

> Algumas redes de assimetria de fluxo durante o ultimo século parecem-me inegáveis, por exemplo, na disseminação de algumas habilidades fundamentais e formas institucionais centrais que denominamos coletivamente como modernidade; é o caso de certos tipos de educação básica e superior de origem ocidental, práticas administrativas e biomédicas (mesmo quando adotadas de forma não exatamente igual ao original) (HANNERZ, 1997: 14).

Essa é uma importante consideração para o que venho a tratar a seguir. A noção de *"agência"* dos interlocutores, enquanto pessoas que, tal como a pesquisadora, carregam em si marcas do que se constitui enquanto cultura e subjetividade, centradas temporal e localmente. Como ignorar o sentido de agência (*agency*) quando estamos tratando das relações entre pesquisador/a e interlocutores/as? Nessas interações, há intencionalidades, dispostas abertamente, mas muitas vezes deixadas nas entrelinhas. Através das falas, mas também pelas relações interpessoais é que podemos transpor códigos, termos, atitudes, gestuais que são coletados enquanto dados de representação das pessoas em duas vias, demonstrando a inserção de ambas em determinados universos coletivos. (GOFFMAN, 1988).

Pesquisas envolvendo práticas, ditas, marginais podem demonstrar algumas maneiras de re-apropriação nos fluxos culturais. A particular liberdade dos que assim se posicionam, ou assim são reconhecidos, como marginais, gera uma espécie de capacidade criativa derivada da adaptação à situações limítrofes, arriscadas. É de fundamental importância apurar os sentidos (incluindo a conotação biológica do termo) para a 'agência' desses sujeitos, geralmente situados em áreas fronteiriças dos espaços e dos conhecimentos. As maneiras forjadas para dar sentido às práticas que lhes perfazem são as mais variadas. Buscar argumentos com os quais justificam seu prazer pelo uso de substâncias psicoativas dando relevância as boas sensações é uma das mais freqüentes afirmações ao argumentarem sobre suas práticas ligadas ao uso de "drogas", arranjar uma ligação com o sofrimento de familiares próximos (irmãos, tios, primos) que tem problemas psicológicos, psiquiátricos ou mesmo de dependência de drogas ecoam na forma como lidam com sua situação de usuário, trazendo de algum modo os laços sangüíneos como fatores contributivos para a situação na qual se encontram. Em alguns casos, reconhecer o vício como uma característica individual é também uma maneira de

representar a si como alguém que depende de substâncias psicoativas, mas também como alguém que precisa das relações externas, mas próximas, para ajudar-lhes a regular seu uso. Além desses argumentos, colocaram-se em campo outros modos de identificar-se, algo que pareceu-me interessante para pensar o cálculo de um certo poder de convencimento sobre suas condutas, práticas e discursos ligando-os a um tipo de "identidade de vanguarda" (VELHO, 1975). Literatura, música, cinema, artes plásticas, práticas alternativas ligadas ao corpo e ao meio ambiente foram ferramentas utilizadas pelos variados interlocutores para afirmar um tipo de conduta com a qual pretendiam se diferenciar e se apresentar diante de seus pares.

A diferença entre uma pessoa que observa o seu dia-a-dia e as observações de uma pesquisadora seria, no caso da última, a "sua natureza propositiva e sistemática" (ADLER & ADLER, 1994). O que quero ressaltar com isso é a importância do que é imediatamente percebido como 'interessante' ou 'curioso' para quem realiza a pesquisa. Algo que lhe salta aos sentidos, visto que faz parte de alguma forma do que lhe toca, mas a diferença está em como desenvolver a articulação de dados encontrados de maneira dispersa ou com poucos nexos aparentes.

Para chegar à esta configuração das redes sociais e dos contextos nos quais elas próprias estão inseridas na cidade de Fortaleza, foi necessário uma ampla coleta de dados e de informações. Realizei entrevistas gravadas quando foram necessárias e/ou possíveis tanto com os interlocutores centrais como com outros agentes que estavam implicados com as relações de comércio, as políticas e as pesquisas locais sobre uso e consumo desses psicoativos. Utilizei também a internet como um instrumento ou forma de coletar dados, tais como, por exemplo, o bate-papo *online* (MSN) e as páginas de Orkut de alguns interlocutores. Utilizei imagens (fotografia e filmagem) dos ambientes e das pessoas, registrando os utensílios necessários para a manufatura e processamento da morfina (substância extraída de um medicamento vendido em farmácias) e para utilização da cocaína, para registro e posterior discussão sobre a disposição corporal destas pessoas quando estão fazendo uso e quando estão sob efeito. Assim, também fiz o registro do material utilizado para fazer a esterilização das agulhas reutilizadas no Studio de tatuagens, apontando para os cuidados com a higienização e assepsia de todo o ambiente. Todo o material de imagem e registro de fala foi negociado e permitido pelos interlocutores em campo, (algumas fotografias foram feitas por alguns dos interlocutores enquanto estava com a câmera em campo). Também fiz pesquisas em mídia

escrita para coleta de notícias e matérias relativas ao consumo dessas substâncias em dois jornais de grande circulação local (O Povo e Diário do Nordeste), por eles serem veículos difusores de informações de grande alcance local e que podem influenciar públicos variados, além de fazerem parte do contexto social dos interlocutores dessa pesquisa. Essa foi uma das formas que puderam ser utilizadas para 'triangulação' dos dados.

I.3 Como se forma alguém que estuda os usos de substâncias psicoativas: a escolha do objeto de pesquisa.

A princípio, eu pensei em realizar uma cartografia parcial de algumas vertentes de estilos musicais presentes em Fortaleza e seus respectivos públicos dispostos na "cena eletrônica"[9]. Passei a freqüentar, assim, no inicio de 2008 locais e eventos de provável ludicidade nas noites da cidade: festas, boates e bares se tornaram locais da pesquisa. O intuito foi encontrar pessoas e grupos com os quais poderia aprofundar os objetivos mais específicos da pesquisa através da observação participante e entrevistas em profundidade.

A presença do universo *psy trance* tornou-se preponderante na fase subseqüente desta pesquisa pela abertura de canais de interação entre a pesquisadora e os interlocutores que proporcionaram melhor acesso à coleta de dados, informações e imagens. Esses foram receptivos à minha presença em seu local de trabalho e ao acompanhar-lhes em alguns programas noturnos de lazer ou a trabalho. Voltei minha atenção para esta rede social de pessoas jovens que freqüentam e produzem festas de estilo *rave* e/ou que se identificam com o uso de substâncias sintéticas[10] muito difundidas nesse meio e pude observar como eles e

---

[9] A expressão é tomada como categoria nativa, já que faz parte da linguagem da maioria dos interlocutores nesta fase da pesquisa. Carolina Abreu (2005) apresenta a noção de "cena eletrônica" como: "um universo semântico de estética, ideologias, comportamentos e práticas associados à música eletrônica", especificando as raves em: "apenas um evento peculiar desse universo". Tatiana Bacal (2003) utiliza os termos "cultura da música eletrônica" e "cena eletrônica" remetendo-se a algo que "integra *estilo de vida*, clubes noturnos e gosto musical". Para outras referências ver Érica Palomino (1999) e Tiago Coutinho (2005). O termo "cena" também é usado pelos interlocutores para designar determinados contextos musicais que se desenvolvem no atual momento. Por exemplo: "cena rock", "cena eletrônica", "cena gay", etc.

[10] Há certo consenso entre os interlocutores sobre muitas das substâncias sintéticas que se fazem presentes nas diversas ocasiões: "ácido", "doce", "microponto" (LSD), "E", "bala", "ecstasy" (MDMA), "special K", "keta" (Ketamina), "anfeta" (anfetaminas), cocaína e, mais raramente, "crack".

elas lidam com o prazer (des)controlado e cuidam do corpo com vistas à certa assepsia. Para contextualizar a rede de jovens com quem convivi é preciso deixar claro que em grande parte são tatuadores e aplicadores de body piercing. Eles compõem o que chamarei de **rede social do Studio** (de tatuagens e piercings).

Posteriormente, pude comparar as práticas e saberes relativos aos corpos observados entre os participantes de uma outra rede de jovens, que se auto-denominam "junkies", que chamarei de **rede social da Fun House**. Em sua maioria, estes jovens são estudantes ou graduados provindos de camadas médias e populares que usam alguns psicoativos sintéticos de forma intravenosa. Por uma questão de recorte, essas comparações não serão exploradas aqui. Aponto a discussão por achar válida para entender o procedimento que a pesquisa teve.

Creio ter achado os contextos de trabalho para mim e certos interlocutores em ambientes festivos e de lazer interessantes o suficiente para responder a algumas questões sobre sociabilidade e hedonismo[11] numa concepção ocidental moderna (DUARTE, 2008). Tema teórico que será discutido nos próximos capítulos. Entendo que, nesses momentos e contextos, há um cálculo do que se faz com o corpo e sobre o corpo e como isto é percebido por quem está ao redor e nos entornos. Se os julgamentos morais são inescapáveis, a flexibilidade de tratamento intra-grupo é que toma forma e força diferentes pelo entendimento mútuo do prazer ao se desfrutar pelos usos de substâncias psicoativas. Mas os extremos são pedagogicamente explicitados e recomendados como evitáveis.

---

[11] A definição de hedonismo competente desenvolvido por EUGÊNIO (2006) em sua pesquisa entre jovens na capital cariocas destaca interesse sobre o "Argumento que o *hedonismo competente* perfaz uma 'tendência' contemporânea, relevante e observável para além da própria cena carioca. Tendência a um remapear das 'prescrições', que por um lado se privatizam e, por outro, deixam de recair sobre conteúdos específicos para vir a se apresentar, antes, como um maquinismo. Este, orientado para a produção de simultaneidade e conciliação entre as 'esferas da vida', vem a substituir visivelmente um regime de alternâncias. Operando por síntese disjuntiva, o hedonismo competente se cumpre à medida da contaminação recíproca entre as 'esferas da vida', que deixam neste movimento de caracterizar domínios estanques, definidos por oposição excludente (ou seja, espécies), para vir a diferenciar-se por gradação, local e contingentemente". Não é exatamente a alocação espacial da ancoragem da noção de hedonismo competente pelos interlocutores o que persigo quando utilizo a noção de hedonismo, a discussão que aproxima a pesquisa aqui realizada deste campo é o entendimento de que a necessidade de se fazer avant guard de um movimento pretensamente *looser* ou de um movimento de religação com a natureza, "new hippie", é o que aproxima os achados em campo da idéia que o grupamento "se funda num senso peculiar das condições de satisfação dos sujeitos sociais, caracterizado pelo juízo interior, subjetivo, individualizado, a respeito da 'qualidade' das sensações e da 'intensidade' da satisfação". (DUARTE, 2008). Pode ser associado aqui ao que P. Bourdieu chamou de "senso prático" no jogo social onde cada jogador realiza ações precisas para obtenção do fim desejado. Abro a possibilidade do erro do cálculo ser também uma ação possível.

Quando Favret-Saada (2005) critica a forma desencantada de perceber a interação entre o pesquisador e os sujeitos a serem observados e descritos, conclama a reabilitação da "velha sensibilidade". Certamente, a autora está imbuída do entendimento de que 'observar' significa "observar e participar", ou seja, significa participar com todas as implicações que ambos os movimentos podem gerar quando postos em contato na observação participante. Ao relatar ser 'desenfeitiçada' durante uma pesquisa sobre feitiçaria realizado no Bocage francês, percebeu que começou a fazer parte de práticas veladas e acessar saberes considerados importantes nas representações locais, ao mesmo tempo em que entrou em áreas de interdição da disciplina, vista desse modo por uma face mais ortodoxa da antropologia. Abriu para a pesquisa uma chave de entendimento onde linguagens comuns, sentidos e sentimentos são compartilhados de outra forma que não apenas a formal relação "pesquisadora-nativos". Assim como abre (ou fecha?) outra chave: a do risco de não reconhecimento científico e acadêmico do que está sendo produzido. Produções entendidas a esse nível podem ser relegadas pela comunidade acadêmica a "folhetins pseudo-científicos" cujo valor acadêmico dá lugar a discursos envoltos por sentimento e interesse político.

Perceber-se e ser vista enquanto "afetada" é uma maneira, entre outras, de se fazer partícipe dos fatos aos quais se pretende entender e descrever. Mas até que ponto? Experienciar é algo recomendado pela etnografia que preza o "estar lá" (GEERTZ, 1998). Só até certo ponto! Até não estar 'muito' envolvida, perigando a perda das noções de "distanciamento" ou de "vigilância epistemológica" (BOURDIEU, 2002), é uma garantia da objetividade das conclusões da pesquisa. Mas, há ainda uma questão de ordem subjetiva a ser objetada: para realizar pesquisas hoje, em mundos interconectados, "híbridos", e em constante transição, o que motiva está muito influenciado inclusive pelos interesses das pessoas de quem as realizam. Desse modo, partem as considerações geradas por *um* olhar de antropólogas/os. Entretanto, ser "afetada" por determinado fato (usar psicoativos, por exemplo) não quer dizer que eu, pesquisadora, vá saber o que motiva alguém a fazer uso de tabaco, ecstasy, LSD, ou lexotan. Talvez abra algumas portas. Em festas, encontros de estudantes, saídas, passeios, interesses em assuntos comuns, tudo isso fez desse período um novo momento de socialização no qual o espaço para experimentação tornou-se muito mais aberto e possível do que antes. Como 'comunicação' em campo relatada por Favret-Saada:

> o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e

> desprovida de intencionalidade, o que pode ser verbal ou não (FAVRET-SAADA, 2005)

Se a etnografia pode ser entendida como uma espécie de alinhamento entre "programas de verdades", quais sejam, "o ideal do conhecimento do antropólogo" e "as representações nativas", poderemos trabalhar na perspectiva de que a produção desses conhecimentos partilhados admite mais de uma voz, torna-se de alguma forma polifônico os reflexos no texto (CLIFFORD, 2002). As pesquisas que venho realizando acontecem em paralelo aos trabalhos em que me envolvi até o momento, pode-se perceber que o que ressalta o interesse de pesquisadora está intimamente ligado a vivências do cotidiano, o que põe os "sistemas e redes de relações" como interessantes maneiras de averiguar questões para a antropologia. É através de relações muito próximas a mim que venho desenvolvendo as investigações que me proponho. Com as pesquisas que venho realizando, continuo em constante contato com pessoas 'familiares' (VELHO, 2003), mas nessa pesquisa, em especial, abri o leque de contatos com outras redes de relações sociais bem diferentes das quais me insiro de modo mais direto.

Aprender academicamente maneiras de estranhar o trivial e de tornar o estranho ou pouco familiar em algo que não seja exposto com o ideal do "exoticismo" é papel de quem pretende "relativizar" com os contextos de pesquisa (VELHO, 1994). Tal tensão faz dos estudos antropológicos um exercício entre a tênue ligação entre os meios subjetivos e objetivos perpassados pelo tempo que o formam na pessoa que pesquisa.

Em pesquisas envolvendo contextos urbanos, o 'familiar'[12] surge, de algum modo, em nossos objetos. Precisamos cuidadosamente recortá-los e delinear sua características e os fatores que ajudam a orientar-nos são apresentados pela diferença de status, renda, crenças, educação e estilo de vida. Em sua pesquisa que resultou na tese intitulada Nobres e Anjos: estudo de tóxicos e hierarquia, Gilberto Velho afirma que um dos principais fatores que o aproximou dos universos pesquisados foram as relações de parentesco, amizade e coleguismo; e fatores que o afastaram: a diferença de idade, *ethos* e linguagem. (VELHO, 2003). Portanto,

[12] Uso o termo no sentido de algo que está próximo e/ou tem alguma afinidade por ligações de convivência, aprendizados e sentimento de pertença.

explicarei mais adiante como me aproximei das pessoas com quem empreendi a etnografia e como pude trocar várias informações e experiências importantes. Pode explicar, assim, o que despertou meu interesse pelo uso de substâncias psicoativas bem como das culturas jovens que freqüentam a "cena eletrônica" de Fortaleza.

Desde o ensino médio, quando estudei num colégio que utilizava a pedagogia construtivista, e no próprio curso de graduação em Ciências Sociais, convivi principalmente com pessoas de camadas médias, muitas delas influenciadas por visões diferenciadas de "problemas" como o da diferença radical das condições socioeconômicas na vida de outras pessoas, das desigualdades de poder entre gêneros e "raças", dos posicionamentos políticos discordantes. Algumas dessas pessoas observavam esses "problemas sociais" de modo a serem ao menos questionados, e durante algum tempo acreditei que seriam possíveis mudanças para melhorar essas condições e diferenças através da atuação em movimentos sociais e políticos radicais. Algum tempo depois, passei a entender que toda interação social envolve jogos de poder e conflitos pertinentes aos processos de lutas entre diferentes atores e grupos políticos. Durante a graduação, como bolsista de iniciação científica, realizei pesquisa entre jovens universitários, buscando apontar através de técnicas como o "brainstorm" (tempestade de idéias) que as representações sociais sobre o clientelismo apareciam entre jovens universitários de ciências sociais. Nesse período, pude investigar um pouco das realidades políticas nordestinas e perceber alguns posicionamentos dos jovens de classe média nesse âmbito. Quando, em seguida, fui monitora de Antropologia tive contato com outro tipo de pesquisas e de metodologias utilizadas por essa disciplina. Interessou-me muito a forma etnográfica de investigar a realidade vivida pelos, até então, "objetos de estudo". Inserir-se no cotidiano das pessoas que estavam sendo foco de análise e encontrar em suas falas categorias que lhes são importantes para organizar o mundo. A noção de respeito para com o 'outro' e a aproximação de certa realidade dava sentido ao que pretendia chamar de "estudo científico".

Em paralelo a essas atividades universitárias, comecei a trabalhar como "educadora social" num projeto que visava informar sobre formas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs/AIDS) e ao uso indevido de drogas entre adolescentes de um bairro da periferia de Fortaleza. O projeto era gerenciado pelo Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS do Ceará (GAPA-CE), uma organização não governamental (ONG) com mais de dezessete anos de atuação no Estado. Assim, pude conviver mais intensamente com adolescentes de baixo

poder aquisitivo, bastante preocupados/engajados com mobilização social e com a saúde/prevenção com a qual se encontravam seus "pares" e famílias. Em 2002, fui indicada para participar de uma "formação para redutores de danos" oferecida pela Associação Cearense de Redutores de Danos (ACERD). Esse foi um período no qual o uso de crack tornava-se mais evidente na Grande Fortaleza e a violência, roubos, furtos, assassinatos estavam sendo vinculadas aos usuários dessa droga pelas mídias televisivas, impressas e por várias pessoas que estavam próximas a mim. As políticas de redução de danos no Brasil começaram a tomar maior vigor com os direcionamentos do Ministério da Saúde relativos à humanização dos serviços de saúde influenciados pela luta anti-manicomial. São prioritariamente direcionadas a usuários de drogas injetáveis e, posteriormente, aos usuários de crack. Como suas ações diretas, há a troca de seringas, o fornecimento de cachimbos e o incentivo ao uso do preservativo realizadas por "redutores de danos"[13] em campo.

A junção de características pessoais, a vida acadêmica e o aprendizado com o "trabalho social" fizeram-me chegar ao tema sobre o qual venho averiguando. Comecei a questionar o que realmente estava em jogo sobre tais problemas que "apareciam" nessa determinada configuração. Por quê atribuir à uma substância e a seus usuários a causa de diversos problemas vivenciados na vida urbana? Nesse caso, "os vilões" eram o crack e a maioria das pessoas envolvidas com seu uso e comercialização, "midiaticamente" distribuídos nas camadas populares, dentre elas os moradores de muitas das favelas de Fortaleza.

Decidi realizar uma etnografia do trabalho feito pela equipe de redutores de danos no Bairro Lagamar, conhecido e divulgado como um dos principais locais de fornecimento de "drogas" para a cidade. Tinha o intuito de apresentá-la como minha monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Foi quando encontrei o primeiro obstáculo enfrentado por uma jovem pesquisadora advinda de camadas médias, de pele clara, e com traços que demarcam a posição social em que me inseria. Não era moradora do local e estava sendo guiada por dois moradores (um líder comunitário envolvido com o movimento gay e uma travesti que fazia parceria com ele nos trabalhos de prevenção e redução de danos em

[13] O termo "redutor de danos" é usado para designar, normalmente, atuantes políticos em suas localidades, que se preocupam, discutem e informam agindo com o intuito de reduzir os possíveis danos à saúde, causados pelo uso abusivo de algumas "drogas" e informando sobre a prevenção das DST/AIDS distribuindo preservativos. Geralmente, já usaram ou ainda usam algum tipo dessas substâncias, mas acreditam na possibilidade de mudanças sem a radicalização do "não às drogas".

campo, ao que me pareceu, ambos eram muito conhecidos dentro do bairro). Sentia que era observada com estranhamento pelas pessoas do bairro, enquanto acompanhava a dupla de redutores de danos e quando ia voltar para casa sentia receio por não estar na companhia deles e muito do que se reflete, pela sensação de estar num local que não me trazia segurança, no qual parecia ser vista como diferente. No início da pesquisa, houve logo o um assassinato de um policial que morava no Lagamar e, então, fiquei impedida de ir a "campo", pelas recomendações dos dois redutores de danos. Eles afirmavam ser um período de embates armados entre a polícia e os comerciantes de "drogas" do local. Seria perigoso transitar por aquela área mesmo sendo morador, ainda mais não sendo uma moradora do local.

Em parte, o "abandono" da pesquisa nesse contexto social me fez perceber algo que parecia novo no caso do consumo de crack. Jovens de classe média, alguns amigos meus, começaram a relatar sobre suas experiências pontuais com o uso de crack. Ou falavam de pessoas que estavam com problemas decorrentes de seu uso e atribuindo certo tom de desaprovação a tais atitudes. Foi, então, que resolvi trabalhar com as representações hierárquicas aparentes nos contatos sociais e nos jogos de poder entre os usuários de diferentes substâncias psicoativas e a segurança de um campus universitário localizado na região central de Fortaleza. Observando estudantes e outros jovens que viviam no entorno verifiquei conflitos explícitos com a segurança e a administração do local, além de confrontos implícitos de status e de representações sobre o uso de substâncias psicoativas hierarquicamente diferenciadas entre usuários de psicoativos ilícitos distintos. Tomei termos 'nativos' como "maconheiro", "pedreiro", "bebum", "vagabundo", "guardinha", dentre outros, para exemplificar nas diferentes formas de serem acionados e por quem significando o modo por eles utilizados de gerar associação, dissociação, diferenciação e, por conseguinte, hierarquização entre as pessoas que conviveram de maneira mais próxima naquele período.

Há status diferenciados para o uso das palavras, variando entre quem as profere e em que situação, podendo ganhar conotações de aproximação ou de hostilidade. Para exemplificar, vejamos o termo "maconheiro", se usado por aqueles que se reconhecem enquanto tal pode parecer algo que os torna mais próximos por praticarem uma mesma ação. Já quando proferido por alguém que não se vê enquanto tal e usa de forma depreciativa torna o termo afrontoso, podendo gerar embates e desagregação. Ainda há uma maneira que pude perceber ser utilizada de forma diferente das anteriores. O tom fica entre o de apoio e o de

chacota, normalmente quem utiliza essa forma de se comunicar são conhecidos como "caretas legais", pois são pessoas que não fumam maconha, mas não se incomodam com o uso alheio. Essas pessoas tem certa liberdade para usar o termo em tons de brincadeira ou de aprovação da prática.

Em minha monografia de graduação, refleti, assim, sobre os efeitos de poder (FOUCAULT, 1979) representados especialmente pelas atitudes de sanções verbais e físicas empreendidas explicitamente pelos guardas a pessoas entendidas por estes (e subentendido, por quem coordena o local) como "vagabundas" ou "traficantes". Observando seus revides como reflexos das violências: o retorno ao local, as resistências, o riso. A proibição da permanência e expulsão de "maconheiros" e "pedreiros"[14] de determinados locais destinados exclusivamente para uso e permanência de "estudantes", foi uma forma encontrada de classificar "quem" pode fazer "o quê" em locais "esquadrinhados" e com funções determinadas. As apropriações simbólicas do local eram representadas em pinturas, textos, cultivos de plantas, e na formação de grupos de capoeira, de música e dança de reisados pelos estudantes e moradores do entorno. Percebi também, tal como afirma Bourdieu (1998), as formas de violência simbólica acionadas através da destruição ou modificação esses lugares, referidos e simbolizados com afetividade pelos sujeitos da pesquisa, um dos fatores que utilizei para apontar para a noção de resistência.

Descrevi também os "modos de fazer" (MAUSS, 2003) e de utilizar substâncias psicoativas como crack e maconha, álcool, aprendizados socializados entre grupos específicos (BECKER, 1977). Apresentei uma comparação das "rodas de baseado" aos rituais de separação/liminaridade/reagregação (TURNER, 1974) entre os sub-grupos. Tratou-se de um momento no qual as diferenças entre os grupos se colocavam mais claramente, encontrando resoluções temporárias para conflitos permanentes. Com essa pesquisa etnográfica, complementada por entrevistas em profundidade, conversas e fotografias, como metodologia e recursos de coleta de dados, pude ter contato com diferentes posições de depreciação e valorização dos diversos atores e grupos investigados em suas atitudes e estilos de vida. Durante esta pesquisa, aliás, tive um breve contato com um rapaz que fazia uso de morfina. Ele era chamado de "Sacolinha" por sempre andar com uma bolsa na mão, muitas vezes o vi

[14] Pedreiro era o termo usado para designar pessoas que fumavam pedras de crack.

tentar comercializar revistas de histórias em quadrinhos (HQ's), vídeos e livros em troca de dinheiro, 'baseados' ou 'bleids'[15]. Contudo, não sabia, até então, da existência de um lugar, uma casa, onde as pessoas se encontravam freqüentemente, dentre outros motivos, para tomar derivados de opióides ("morfina") juntas. Esse tipo de experiência será um dos tópicos tratados neste trabalho.

Percebo que a pesquisa feita na graduação teve um alcance restrito, visto que não pude averiguar outros tipos de representações, como as que podem ser feitas pelos diretores do campus, ou pessoas que estão menos envolvidas com a administração formal do local como os prestadores de serviços do campus, cantineiros, jornaleiros, funcionários administrativos, etc., mas que se encarregam de um certo tipo de condução moral do local onde trabalham cotidianamente. Percebendo essa falha, tentei me aproximar de alguns órgãos estatais e comerciais nesse novo campo, buscando encontrar interface entre redes sociais informais e redes sociais mais formalizadas. Estar em locais diferentes dos campos onde os usuários de psicoativos estão em momentos de diversão, de lazer, de uso foi um certo desafio, pois me expunha a outro tipo de interface e nessa interface, na troca de informações que permeia um contato etnográfico tinha receio de expor também meus outros interlocutores que poderia vir a ter problemas caso fossem investigadas suas práticas.

Outro fator que pode ser encarado como importante na formação de uma pesquisadora é o desafio de se manter em campo sob tensão por determinadas situações. O receio de ser abordada pela polícia quando por algumas vezes acompanhei meus interlocutores ao fazerem compras suas em "bocadas" e farmácias, ou de estar na Funhouse em alguns dias que lá estava um dos conhecidos vendedores de cocaína do bairro, que relatou-me ter sido preso por alguns anos por furto e tentativa de homicídio, mas que naquele momento estava "limpo com a polícia". Ele estava na *Funhouse* vendendo cocaína e crack. "Estar limpo com a polícia" para ele naquele momento significava não estar cumprindo pena. A angustia que eu senti ao ir as primeiras vezes à *Funhouse* e ver os rapazes se "picando", primeiro porque o fato de ver alguém se injetar com aquela substância que eles chamavam de morfina era forte demais para as minha noção de higiene e noção de prazer pelo uso de algo, também temia o fato de presenciar alguém sofrer uma "overdose", avaliando que as dosagens utilizadas não eram

[15] Bleides ou bei-bleides era o termo utilizado para nomear o cigarro feito da mistura de maconha com pedaços de pedra de crack.

muito precisas, principalmente quando se tratava de cocaína. Além disso, até este momento tinha uma espécie de vertigem ao ver sangue, quando eles erravam a veia, tinham que fazer mais de um furo o sangue saia e eles limpavam com a outra mão ou lambiam o seu sangue. Em alguns momentos, ensejei algo como o escurecer de vista, senti a pressão arterial baixar, mas nunca cheguei a desmaiar na *Funhouse*. Com o passar do tempo, fui começando a estranhar menos o fato deles se injetarem e tendo mais tolerância com a noção e as práticas de higiene que prevaleciam na casa. Encontrei nas bibliografias consultadas outros pesquisadores que tiveram que lidar com estes impasses éticos e que envolvem riscos em campo. Slavin (2004) em sua pesquisa sobre uso de psicoativos e socialidade gay nos "nightclubs" de Sydney experimentou a tensão de acompanhar seus interlocutores em momentos de negociação e uso das substâncias, Philip Bourgois (apud FERNANDES, 2009) em seus trabalhos com usuários de crack e de heroína em bairros pauperizados de São Francisco e Nova Iorque nos Estados Unidos viveu o cotidiano de moradores de rua e se arriscou junto com pessoas que comercializavam e usavam substâncias ilícitas, o que resultou em dados etnográficos que contextualizavam a marginalidade e pobreza que vivam estas pessoas no momento em que participaram do estudo.

A partilha de riscos vem sendo uma das formas que encaro como parte das trocas que envolvem nosso trabalho, com etnografia, com interação. Trata-se de um risco no sentido ético, jurídico, mas também físico e corporal do termo. Uma das preocupações sempre presente é a de não expor as pessoas que estão imersas em dinâmicas cujas estratégias remetem à inventividade, perícia e poder. Por exemplo, na delegacia, apresentei e deixei uma cópia em registro da carta contendo informações sobre os objetivos da minha pesquisa para obter permissão e anuência de alguns profissionais (delegados, policiais, cartorários, recepcionistas) que compõem o corpo técnico e burocrático da delegacia de polícia que se dispusessem a dar entrevistas e conversar sobre o assunto, nas primeiras conversas explico que estou buscando informações sobre os tipos de substâncias sintéticas são mais apreendidas. Quais os procedimentos aplicados aos usuários e aos traficantes desses tipos de psicoativos que são encaminhados para DENARC? Que diferenças eram dispensadas ao usuário e ao traficante depois da lei 11.343 que descriminaliza o uso de substâncias ilícitas? Se fizesse isso de modo pouco cauteloso poderia por em risco as pessoas que também se dispuseram a colaborar com a pesquisa, mas que praticam pequenos "delitos" e usam drogas. Além disso, meu trânsito, tanto entre as redes de jovens como dentro destes órgãos, poderia gerar algum

tipo de receio ou suspeitas tanto para alguns interlocutores das redes informais como para os das formais. Na *Funhouse*, um dos rapazes com quem tive pouco contato levantou uma hipótese, em tom de brincadeira, de que eu poderia ser algum agente infiltrado na casa para fazer denúncias à polícia. Durante o período em que realizei as entrevistas, me fiz algumas questões: será que haveria a possibilidade de despertar a atenção da polícia para as práticas realizadas por alguns dos meus interlocutores? O delegado com quem pude conversar afirmou que a apreensão de mercadorias como ecstasy, LSD, morfina e ketamina era quase inexistente no Estado, mas que em sigilo estavam montando campanha nos aeroportos e alguns policiais disfarçados já estavam indo a festas *rave*. Será que a falta de apreensões revelaria justamente a diferença de tratamento dada pela polícia devido ao perfil socioeconômico de quem consome estas substâncias no Estado? Pelo tipo de uso mais restrito do que outras? Fazer essas incursões implicaria em riscos de expor jovens de camadas médias que conseguem selos ou cartelas de LSD e comprimidos de ecstasy ou micro-ponto por vias que não são tão fiscalizadas pela polícia? Ou aqueles que conseguem cocaína nas bocadas, rivotril e dimorf vendidos através de receitas falsificadas entregues em pequenas farmácias com o consentimento velado de alguns donos. As "bocadas" que vendem crack, cocaína e maconha que são "estouradas", extorquidas e negociadas entre policiais e traficantes servem de bases para pensar como é negociado também outro tipo de tráfico?

Outro lugar em que também tive que ter cautela foi nas farmácias para fazer as entrevistas. Tive o cuidado de ir a farmácias localizadas no Centro da cidade, primeiro porque é um local que imaginei ser de circulação de variados públicos e depois porque não iria fazer as entrevistas nas farmácias que os interlocutores desta pesquisa iam quase que diariamente, para não correr o risco de despertar a atenção dos funcionários para as estratégias utilizadas pelos jovens que utilizam morfina e outros medicamentos, já que é a farmácia perto da *Funhouse* o local onde conseguem as substâncias para o posterior processamento.

Nessa pesquisa, coloca-se também em foco a presença de uma pesquisadora mulher em contextos que requerem maiores cuidados e precauções, mas que também apresentam subterfúgios para estar neles justo por ser uma mulher em campo. Assim, a categoria gênero, percebida como construção e forma de posicionar-se no mundo, torna-se interessante como ferramenta de análise quando aliada a outras relações como as de classe social e as de etnia, rendendo observações válidas às diferentes vertentes de correntes na antropologia. Scott

(1990) define gênero como uma categoria mais ampla e enfatiza o seu aspecto relacional. Nenhum conhecimento nesse nível pode ser obtido senão a partir da interação entre mulheres e homens, estudá-los separadamente acarretaria a impossibilidade de verificar as diferenças deixando a cargo da desigualdade explicações que se tornaram caducas para nossas investidas teóricas atuais. Pois, como já foi dito, não se trata apenas de uma divisão de poderes, mas de entender como se dá a construção das interações entre esses seres diversos. Na recepção da delegacia, um estagiário, estudante de direito, perguntou se eu era assistente social. A antropologia feita em contextos urbanos abre possibilidades de cruzar papéis e representações sobre pesquisadores ao "estar em campo", mas refletem igualmente alguns estereótipos de gênero e de aparência.

Outro plano de relações sociais deve ser destacado em termos de experiências pessoais prévias, que facilitaram posteriormente a pesquisa. Tenho uma amiga que namorou um rapaz durante alguns meses no ano de 2000. Ele assumia o posto de Dj de música eletrônica em algumas festas realizadas nas casas de amigos. Fui convidada a uma dessas festas e pude presenciar alguns fatos que lá aconteciam, além de conviver um pouco mais próxima dele. Em uma vez que estávamos todos juntos na Praia de Iracema, guardo uma lembrança que me deixou impressionada, a de vê-lo cheirando ketamina com um um amigo[16]. Ele me disse que aquilo era anestésico para cavalos. Pouco tempo depois os olhos dele, de um azul bem claro e a íris escura, dilatou tanto que só a borda da pupila ficou azul. Ele ficou muito quieto e um pouco "travado" (como se os movimentos estivessem restritos e curtos). Na convivência com eles, tive contato com um estilo de música eletrônica: *techno*.

Outro contato que me trouxe mais interrogações e que pude estabelecer algumas interligações foi o fato, ainda na graduação, de conhecer Marcelo e Maria, que estavam também namorando no período. Os conheci através de um casal de amigos, Sininho, colega de minha turma de Ciências Sociais, e Estilingue, analista de sistemas terminando a graduação em Informática. Soube nesse período que Estilingue era amigo de Marcelo desde a adolescência. Depois de algum tempo desse primeiro contato soube que Marcelo e Maria e mais algumas pessoas estavam organizando festas em estilo "*rave*" e que em poucos dias

[16] Cloridrato de Cetamina, um forte anestésico que pode gerar efeitos psicodélicos. Vendido em lojas veterinárias em estado líquido. O que eles estavam cheirando era um pó branco que pode ser processado a partir do medicamento.

haveria uma nas margens da lagoa de Sapiranga em Fortaleza. Um grupo de amigos se organizou para ir. Acompanhei a compra de ingressos, ácidos lisérgicos (LSD) e/ou ecstasy, o encontro com amigos na casa de alguém da turma e de lá sair para a "balada". Fui dessa vez até a porta da festa, mas por motivo particular não entrei e voltei para casa. Nos dias seguintes, ouvi os comentários do que acontecera na festa, dos encontros com conhecidos ou amigos que não se viam há muito; de quem tinha tomado o quê, qual a sensação que tinham sentido, com qual fulano tinha "ficado", se a música estava boa. Enfim, eram curiosidades banais do dia seguinte de uma festa da qual você estava preparada para ir e não participou.

Quando passei no mestrado de Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, continuei com a proposta de pesquisa de averiguar os usos hedonistas e as dinâmicas de sociabilidade entre usuários de psicoativos sintéticos. Em 2008, recorri ao casal Marcelo e Maria para saber um pouco mais sobre o que estava acontecendo sobre a "cena eletrônica" da cidade. Eles se dispuseram a colaborar com a pesquisa desde o início. Numa conversa com Maria, que nesse período já não morava mais em Fortaleza e sim em Goiás, pude saber que havia um "coletivo" (grupo de pessoas que tocam, trabalham ou se interessam por alguns estilos de música eletrônica, principalmente o *psy-trance,* sediado em Fortaleza) Junto de outras pessoas, esse "coletivo" tem organizados festas chamadas "*rave*".

Existe uma diferença entre "festas *rave*" e "festivais de música eletrônica". Para Marcelo é nos festivais que as pessoas começam adquirir consciência sobre a cultura do trance. Os festivais duram dias e as festas entre doze e quinze horas. Para Maria, o que forma o público das festas rave são diferentes "egrégoras"[17], mas o que as liga é a prática comum de atividades alternativas. Comenta que até as "drogas" que usam são "mais leves" comparando ecstasy e ácido a crack e cocaína (que seriam as drogas mais pesadas). Perguntei se não havia uso de cocaína nas festas '*rave*', mas ela me respondeu que a cocaína era usada em muitos âmbitos em que "rola música", mas diferentes dos sintéticos que estão mais presentes nas "*raves*". Contou sobre a "chegada" do *psy-trance* em Fortaleza depois de já existir de forma consolidada na "cena eletrônica" da cidade, o *techno*. Entende que o *psy-trance* é a "bola da vez" e sua consolidação se deu nos últimos três ou quatro anos. Disse que essa concepção

[17] O que ela chama de egrégora, pelo contexto da fala quer dizer agregações ou grupos.

sobre práticas alternativas vem muito influenciada pela ida de algumas pessoas de Fortaleza aos festivais de música eletrônica realizados em outros estados e em outros países.

Identifiquei que o Studio de tatuagens e piercings era um local no qual havia a venda de ingressos para algumas festas de música eletrônica e que muitos das pessoas que trabalhavam ou perambulavam por lá estavam envolvidos nesse universo. Foi lá que decidi sediar o primeiro local de pesquisa fazendo observação participante. Pude perceber que esta rede social parecia estar embebida pelas influências romantizadas do re-encontro com a natureza em lugares paradisíacos, de experimentar sensações de modo a explorar todos os sentidos e tendente a práticas relacionadas ao orientalismo e ao universo New Age.

Além dos aspectos e questões levantadas anteriormente, passei a me interessar mais e tentar compreender sobre as relações e cuidados com a saúde e o corpo que as pessoas que utilizam psicoativos citam como importantes ou demonstram ter em suas vidas. Outra face do que pretendo entender tem a ver com as relações de afinidade que se estabelecem entre as redes de pessoas que compartilham essas práticas: aprendizados, códigos, símbolos, enfim, saberes que têm um circuito um tanto restrito. Através da observação participante em conversas e entrevistas em profundidade, acompanhando as redes em seus locais de saídas, trabalho e lazer. Além de trazer algumas imagens e fazer a seleção de material produzido por alguns interlocutores (letras de músicas, fanzines e flyers). Esse tipo de informações tem certo grau de dificuldade de ser acessada pela necessidade de confiança e cumplicidade entre quem pesquisa e quem assume o uso. O principal motivo é o fato de serem substâncias ditas ilícitas e que carregam um valor moral. Outro motivo é que quando se trata de pessoas jovens agindo em desacordo com as normas socialmente aceitas (usar "drogas" é visto como algo moralmente problemático) a facilidade de tratar o fato como "problema" de desvio se torna mais simples. Farei uma discussão mais adiante que poderá ilustrar tal afirmação. Exporei dois casos peculiares retratados em duas entrevista-conversas feitas a partir do bate-papo, msn, com dois interlocutores.

Existem estudos realizados sobre práticas homossexuais classificadas como marginais (HUMPHREYS, 1974) que não tiveram tanta preocupação com a relação ética entre quem pesquisa e quem cede informações. Não questiono os ganhos para antropologia no sentido final do trabalho, mas a posição enquanto pesquisadora, entre pessoas muito próximas e

outras nem tanto, mas que de certa forma gera alguns efeitos ao relatar de forma escrita muitas de suas historias e trajetórias.

Por utilizar o método etnográfico que implica tocar em questões que perfazem alguns caminhos sociais e subjetivos traçados pelos pesquisados é que indico o contexto social no qual me insiro enquanto pessoa e agente, contextualizando para o leitor as prováveis linhas que guiam o levantamento das hipóteses e a chegada a alguns *insights* aqui contidos. Tal exercício tenciona o posicionamento da pesquisadora, da pessoa e da autora que constata, realiza e escreve a dissertação.

Remeto-me à *socialidade* como uma dessas formas de captar através da sensibilidade e assim, acredito estar enredada nas questões aqui apresentadas. Inspirada nas considerações de Marilyn Strathern (1999), que vê nessa maneira de relacionamentos sociais poucas normatizações, refletindo em conflitos próprios da prática da alteridade. Difere, desse modo, de *sociabilidade* entendida nos processos, nas relações e estruturas sociais, uma face mais institucional das relações. A *socialidade* questiona esses processos, relações e estruturas, buscando compreender os limites, os híbridos, os sentidos, os valores, os corpos e o que os afeta na sociedade contemporânea. É uma categoria que pretende dar conta, em parte, do que está em movimento em locais definidos.

Socialidade está aqui entendida como uma categoria metodológica (STRATHERN, 1999) que envolve quem pesquisa e quem está sendo colocado como sujeito-objeto (ZALUAR, 2009), posto que as relações estabelecidas são partilhadas em campo, mas como também tenho a compreensão de que são historicamente influenciadas utilizar a noção de sociabilidade é produtivo para delinear processos de interação. Daí a opção por utilizar duas possibilidades de analise envoltas em agenciamentos que partem dos interlocutores para com seus pares e dos interlocutores para com quem realiza a pesquisa. A categoria que seria uma estratégica forma de distanciamento é a de sociabilidade utilizada para analisar relações entre interlocutores. Entendo isso como sendo sociabilidade conforme Simmel (1983).

O interessante aqui é colocar em foco que essas foram, e estão sendo as minhas possibilidades de leitura do cotidiano das pessoas com as quais tive contato e me propus indagar e aferir sobre suas práticas de sociabilidade, saúde e prazer. Destaco aqui experiências que poderão mostrar alguns dos vieses aos quais devem estar associadas análises aqui

esboçadas. Acredito que o zelo com quem está fornecendo informações é uma das principais. Resguardar suas identidades é o mínimo que posso fazer, na tentativa de lhes poupar alguma estigmatização ou problemas com agências estatais. A ética e a conduta em campo da pessoa que está nessa coleta também são fatores que demarcam o perfil do trabalho. Essa é a minha proposta em relação às pesquisas realizadas em ambientes urbanos ou em situações fronteiriças, intersticiais, híbridas (HANNERZ, 1997).

I. Noites, festas e desejos em contexto: Fortaleza em foco

Escrevo uma dissertação que tem como proposta etnografar relações de sociabilidade e saberes relativos ao corpo entre redes sociais de jovens que fazem uso de substâncias psicoativas sintéticas de variados modos. Este trabalho surge do conjunto de observações etnográficas feitas durante as duas primeiras fases dos três períodos de pesquisa etnográfica "em campo" realizados em Fortaleza, capital do estado do Ceará, situado na região Nordeste brasileira. Observando as trocas de saberes relativos ao corpo pude perceber nuances de gostos e comportamentos que se refletem nas identidades em rede. Tenho a noção de que a discussão sobre uso e consumo dessas substâncias acontece em escalas política, econômica, jurídica, médica, moral, etc. Contudo, disposta a enfocar algo que me parecesse mais exeqüível, inseri-me inicialmente em contextos onde busquei encontrar e descrever os modos lúdicos do uso de psicoativos sintéticos e as interações proporcionadas nesses ambientes. No trabalho, duas categorias tornaram-se centralmente importantes e merecem esclarecimentos, uma delas por envolver o principal mote para os questionamentos objetivos da pesquisa – **psicoativos** - e a outra por ser uma ferramenta metodológica que entendi como apropriada para esta investigação **- redes sociais**.

"Psicoativo" é o termo genérico utilizado pela farmacologia para designar de forma abrangente substâncias que produzem alteração do estado psíquico e mental (MacRae e Simões, 2000). São assim definidas substâncias que ao serem utilizadas em determinada proporção podem causar modificação na percepção de sensações. O termo data de 1961 a partir da difusão e influência da palavra inglesa *psychoactive*. Utilizo tal termo com maior freqüência por abranger a linguagem atualmente utilizada por agências nacionais e internacionais (SENAD, UNODC, OMS) e movimentos sociais organizados envolvidos na discussão política referente ao tema e também porque tomei conhecimento no inicio de minhas pesquisas. De acordo com alguns pesquisadores que utilizam o termo, "psicoativo" remete-se à uma gama de substâncias que podem alterar o estado psíquico e mental. Ao longo da pesquisa percebi que o termo mais freqüentemente acionado entre os interlocutores desta pesquisa para se reportarem genericamente as substâncias que consomem é a palavra "droga" que também acabo por utilizá-la na construção desse trabalho respeitando o uso nativo da palavra. Tenho a preocupação de refletir sobre essas "categorias" por entender o poder que elas exercem em nossos textos, ou seja, pelo próprio uso, desavisado muitas vezes, de termos carregados, de pré-noções, tais como, por exemplo: 'tóxico', 'narcótico', 'entorpecente',

'psicotrópico', inclusive 'droga'. Voltarei à essa discussão no decorrer desta dissertação.

Tomo como referência o entendimento de *redes sociais* utilizado por Barnes (1987) que justifica o conceito metodológico em contextos de pesquisas onde se pretende analisar circulação de bens e informações entre pequenos grupos. Complementado com a noção trabalhada por Elizabeth Bott (1976) que diferencia o grupo da rede.

> ...um grupo organizado, no qual os indivíduos componentes formam um todo social mais abrangente, tendo objetivos comuns, papéis independentes em uma subcultura peculiar. Na formação de rede, por outro lado, somente alguns, e não todos, indivíduos componentes têm relações sociais uns com os outros [...] em uma rede, as unidades componenciais externas não formam um todo social mais abrangente; elas não estão cercadas por uma fronteira comum (BOTT, 1976: 76)

Minha escolha inicial do trabalho etnográfico se deu, em parte, pela atual situação de "alvo moral" em que as festas de estilo *rave*[1] se encontram nas mídias e, de algum modo, no senso comum. Na Europa, várias matérias jornalísticas deram atenção às "*raves*" nos últimos anos, relacionando-as ao "problema" social e pessoal das drogas. Em 2007, as festas voltaram a ganhar destaque nacional por conta de um alardeado alto consumo de substâncias sintéticas:

> As chamadas festas "rave" nada mais são do que pontos de aliciamento de jovens para o uso de drogas. Muitos ali começam a penetrar na porta de entrada do perigoso e quase sem retorno caminho das drogas. É o falso mundo colorido que destrói os mais jovens e seus familiares. (O Globo, 30.10.2007)[2]

Da mesma forma, houve uma série de matérias no mês de janeiro de 2008, veiculadas em um dos jornais cearenses de maior circulação no estado, que foi intitulada "Drogas – da balada ao vício" (Diário do Nordeste, 21-26 de janeiro de 2008 – ver imagens da matéria a seguir). A primeira matéria dessa série intitulava-se "Mistura perigosa – Comprimidos para dançar", referindo-se a diversas substâncias, tais como medicamentos, ecstasy e álcool, consumidos em festas e boates onde toca música eletrônica.

> São as chamadas drogas das baladas. Alguns recorrem a medicamentos – um comprimido para emagrecer ou para dormir pegos da cabeceira da cama dos pais – misturados a bebidas alcoólicas. O ecstasy é o mais novo ingrediente das raves e festas techno do mundo afora, porque o efeito é de até seis horas. Aos poucos, de forma tímida, está chegando ao Ceará. Conhecida como a droga das pistas, o ecstasy é ingerido sob forma de comprimidos, chamados de balas. (Diário do Nordeste, Fortaleza, 21.01.2008)

[1] Um tipo específico de festa onde o principal estilo de música eletrônica tocado é *psy trance*. Normalmente ocorrem fora das zonas urbanas e os locais são escolhidos pela beleza natural e dificuldade de acesso.

[2] O Globo: "As festas 'rave' e o aliciamento às drogas" (Rio de Janeiro, 30/10/2007).

Desse modo, selecionei a imprensa escrita para triangulação dos dados (ADLER e ADLER, 1994) através dos dois jornais de maior circulação em Fortaleza: O Povo e Diário do Nordeste. De início, passei a coletar matérias e dados direcionados à saúde e ao comportamento social durante os anos de 2006-2008. A apreensão desses conjuntos de dados contribuiu para a análise das informações oficiais e dos dados veiculados por meio de comunicação impressa e dos discursos coletados entre as pessoas que utilizam substâncias psicoativas ou que estão em interface com estas. Seriam as mídias de comunicação de massa geradoras de recomendação de conduta em nosso tempo? Podem elas cumprir esse papel?

De fato, acredito que a veiculação dessas notícias pode estar engendrando uma espécie de *pânico moral*, tal qual definido por Stanley Cohen (1972) e revisto por Kenneth Thompson (1998) quando afirmam ser veiculados, através, sobretudo, dos meios de comunicação de massa, idéias que podem causar desacordos entre práticas corriqueiras e recomendações moralmente aceitas. Alertando para aspectos que podem ser relevantes em estudos que colocam em interface o cotidiano e a mídia:

> moral panic studies and also attempt to reintroduce some of the initial broader relevance of this field by treating moral panic not simply as separate episodes but in relation to systems of representation and regulation, and as possible symptoms of wider social and cultural tensions. (THOMPSON: IX, 1998).

Cohen (apud THOMPSON, idem) explica que "pânico moral" é a forma como, em determinado período, "a condition, episode, person or group of persons emerges to became defined in a threat to societal values and interests", ou seja, pessoas ou grupos são apresentados de modos estilizado e estereotipado, especialmente pela imprensa e demais meios de comunicação de massa:

> mass media; the moral barricades are manned by editors, bishops, politicians and the other right-thinking people; socially accredited experts pronounce the diagnoses and solutions; ways of coping are evolved or (more often) resorted to; the condition then disappears, submerges or deteriorates and becomes more visible.[…] Sometimes the panic passes over and is forgotten, except in folklore and collective memory; at other times it is more serious and long-lasting repercussions and might produce such changes as those in legal and social policy or even in the way the society conceives itself (COHEN, 1972: 9).

O autor exemplifica esta afirmação associando o fim da guerra ao surgimento das culturas jovens ("youth cultures"), analisando os *Mods* e *Rockers*, grupos classificados pelos meios de comunicação de massa como apresentando comportamento desviante ou delinqüente na Inglaterra a partir do início da década de 1960. O autor tomou por base as investigações feitas por vários pesquisadores, especialmente os sociólogos norte-americanos do "desvio",

sobretudo Howard Becker, que já traria em suas pesquisas a idéia de "empreendimento moral" que se aproxima da problemática do que se chamará "pânico moral".

Parto, assim, de idéias e pistas deixadas por Cohen (1972) e retomadas por Thompson (1998) sobre o poder de criar grupos, que é exercido pelos meios de comunicação ao divulgar ou alardear que parcelas da população são "perigosas" ou "desviantes". Articulo esse ponto à consideração feita por Jock Young (1972): "It is surprising that the general public is left to tender mercies of mass media whilst the drugtaker himself views the conceptual thicket which has been erected with either dismay or amused cynism". Essa afirmação apresenta os complicados efeitos encadeados entre "usuários de drogas" e o poder midiático. A série veiculada pelo jornal Diário do Nordeste em janeiro de 2008 fez-me avaliar o quanto o público jovem noturno de festas e boates é objeto de questionamentos morais e, ainda assim, freqüentam locais "condenados" pelo próprio hedonismo e pelos riscos que provocam.

A seguir, veja a matéria:

Mistura perigosa

Comprimido para dançar

Publicado em 21 de janeiro de 2008

Ao som da música techno e sob luzes estroboscópicas os jovens misturam drogas lícitas e ilícitas, medicamentos em busca do prazer imediato
JOÃO LUÍS

SAIBA MAIS

Sobre a ação das drogas

• Anfetaminas

Mecanismo de ação primário
Aumentam a liberação de dopamina nos nervos terminais e inibe a recaptura de dopamina e transmissores relacionados.

Tolerância e abstinência
A tolerância desenvolve-se rapidamente em relação a efeitos comportamentais e fisiológicos. A abstinência caracteriza-se por fadiga, depressão, ansiedade e necessidade imperiosa da droga.

Consumo prolongado
Perturbações do sono, ansiedade, perda do apetite, alterações em receptores cerebrais de dopamina, alterações metabólicas regionais, insuficiências motoras e cognitivas.

• Hipnóticos e Sedativos

Mecanismo de ação primário
Facilitam a ação de neurotransmissores inibitórios endógenos.

Tolerância e abstinência
Desenvolvimento rápido de tolerância para maior parte dos efeitos (exceto anticonvulsionantes) devido a alterações dos receptores do cérebro. Abstinência caracterizada por ansiedade, aumento do estado de vigília, inquietação, insônia, excitabilidade, convulsões.

Consumo prolongado
Perturbações da memória.

A geração do século 21, considerada no limite em todos os sentidos — falta de perspectiva profissional, afetiva, encontra-se mergulhada numa sociedade competitiva, violenta, entre o mundo real e o virtual, caracterizada pela pressa e pela busca do prazer rápido, eletrizante — elege as drogas sintéticas, feitas em laboratórios, como um elemento a mais para completar a sua noite. São as chamadas drogas das baladas. Alguns recorrem a medicamentos — um comprimido para emagrecer ou para dormir pegos da cabeceira da cama dos pais — misturados a bebidas alcóolicas. O ecstasy é o mais novo ingrediente das raves e festas technos mundo afora, por que o efeito é de até seis horas. Aos poucos, de forma tímida, está chegando ao Ceará. Conhecida como a droga das pistas, o ecstasy é ingerido sob forma de comprimidos, chamados de balas. São coloridos e trazem inscrição de desenhos lúdicos. Especialistas atentam para a medicalização da sociedade, que não suporta sentir dor, seja física ou psicológica, acaba sendo uma porta de entrada para esses jovens no mundo das drogas. Jovens acharam na mistura de medicamentos e álcool uma saída para o prazer imediato e fuga da vida

Entendo, portanto, a noite como um espaço-tempo interessante e valioso para observar as relações mediadas por quem utiliza substâncias que, de certa forma, ativam e/ou alteram percepções e sensações (KULICK, 2008; SLAVIN, 2004; PERLONGHER, 1987; CAIAFA, 1985). Nesse espaço-tempo, as interações sociais se tornam mais intensas e entendidas, por mim, como as mais convenientes para a pesquisa etnográfica, justo por ser a 'noite' o momento reservado para a diversão de grande parte das pessoas com as quais contatei. Muitos dos interlocutores com quem pude aprofundar posteriores contatos estudavam e/ou trabalhavam durante os dias de semana, entenda-se de segunda à sexta-feira. Eram pessoas que lidavam de alguma forma com trabalhos por eles entendidos como "arte" (tatuar, ornamentar, compor, tocar, produzir músicas e vídeos). Algumas vezes, elas se apresentavam ou participavam de eventos culturais nos fins de semana. Portanto, quando o trabalho se fazia no sábado ou domingo, ele era encarado como algo menos formal. Se fossemos colocar num gradiente, talvez o trabalho do fim de semana fosse encarado de maneira mais lúdica do que as atividades realizadas durante a semana. A malabarista, tatuadora e ornamentadora Gal, de

24 anos, afirmou que, para se fazer o painel do fundo de um palco onde tocam os DJ, assim como elaborar outros materiais de ornamentação, por exemplo, iluminação ou disposição das armações fluorescentes no espaço da festa, era necessário "inspiração e transpiração": "Daí, [continua], geralmente tomo 'ácido' (LSD) quando os trabalhos são mais livres, que me exige imaginação". Ela justificou-me que o efeito da substância intensificava as cores e as sensações:

> Alguém me convidou [para preparar a festa] porque conhece o que eu faço e me deixa livre pra criar. Aqui no quintal do Studio foi assim. [mostra as paredes pintadas]. Cada dia pensava em alguma coisa que poderia ficar legal e colocava, ia pintando...

Há certa diferenciação entre um tipo e outro de trabalho feito para ou nas festas. Há preocupação com o zelo pelo produto do trabalho, se terá qualidade, se ficou de acordo com o tema da festa, se vai agradar a quem contratou e ao público, se a ela lhe parece bonito, conclui:

> ...mas, quando vou me apresentar com os malabares de fogo, não tomo nada. Porque é perigoso. Quem fica vendo fica muito em cima dos malabaristas. – E se eu me queimar?! Ou se uma bola de fogo daquelas bater em alguém?!

Na festa em que pude acompanhá-la, Gal apresentou-se com seus malabares de fogo e afirmou-me, contudo, antes de começar a apresentação, que havia tomado "meio doce e meia bala[3]". Ela apresentou-se durante a execução do set de músicas do DJ Rinkadink, principal atração da *rave*. Essa interlocutora apresentou algum cálculo e cuidados ao se expor ao trabalho, o que lhe exigia maior destreza e coordenação motora. Frisou a responsabilidade com o seu bem estar e com o das pessoas que estavam observando sua apresentação, mas mostrou certa contradição com o que tinha me explicado antes sobre cuidado. Em alguns momentos, ela agia também como uma jovem que festejava em uma *rave*, uma pessoa que fazia parte da "cena eletrônica", também procurando prazer e a realização de certas sensações. Essa observação é importante para estabelecer minha perspectiva de comparações que serão exploradas mais adiante. Esses profissionais que tatuavam corpos de outras pessoas tinham diversas cobranças quanto ao profissionalismo de seu trabalho, dedicação e habilidade, além

[3] Categoria nativa utilizada para designar o selo de papel de aproximadamente 2,5 mm^2 , no qual consiste teoricamente ácido lisérgico. A quantidade da substância adicionada ao selo é desconhecida por quem toma visto que não há como comprovar a procedência da mercadoria e não ouvi referências sobre nenhum mecanismo de segurança utilizado, por exemplo, o EZ test (Teste utilizado para quantificar e qualificar as substâncias contidas no comprimido que é apresentado como "bala". O teste consiste em diluir pequena quantidade ("raspinha") da "bala" em um reagente no prato de vidro. A coloração resultante da reação indica que tipo de substância está presente em maior concentração (de roxo < MDMA a marrom < Anfetaminas). Espera-se que o *ecstasy* ou "bala" tenha a composição principal de MDMA [metilenodioximetanfetamina]).

da cobrança de higiene, cujo órgão estatal competente é a ANVISA, que inspeciona os estabelecimentos onde se faz tatuagens e aplicam-se *piercings*.

Em termos desse trabalho antropológico, a discussão sobre as noções de corpo mostra-se profícua e central. Vale salientar que a reflexão sobre o corpo está presente em alguns trabalhos entendidos como 'clássicos' na disciplina. Por exemplo, Thomas Csordas (1999) apresenta uma revisão da literatura especializada sobre a antropologia do corpo, ressaltando, entre outros, o trabalho de Maurice Leenhardt (1958) que, em sua etnografia na Nova Caledônia, levantou questões relativas à crença e ao dualismo corpo e espírito, dispostas através do contato entre Canaques e europeus. O autor salientou as variações culturais locais da noção de corpo e de espírito, verificando o discurso do que poderíamos chamar de "individualização" entre seus interlocutores Canaque. Mas foi o sociólogo francês Marcel Mauss (2003) que, anteriormente, se preocupou com as noções de pessoa, do "eu" e das práticas corporais, ressaltando aspectos da "experiência" como importantes quesitos para análise antropológica ao tratar de temas como as técnicas e aprendizados corporais.

Em seu livro "Pureza e Perigo", Mary Douglas (1979) verificou aspectos da cultura israelita, ressaltando as regras de dieta baseadas nas leituras bíblicas do Levítico, onde os controles do sistema social estariam associados entre a experiência biológica e às crenças. Deste modo, a autora sugere que a idéia de corpo é, ao mesmo tempo, dupla: física e social. Inspiradas na dupla divisão do corpo sugerida por Mary Douglas, as antropólogas Nancy Scheper-Hughes e Margareth Lock (1987) consideram, por sua vez, uma tripla divisão. O corpo seria, em primeiro lugar, individual, remetendo às experiências vividas pela pessoa através de seu próprio corpo. Em segundo lugar, haveria o corpo social, constituído pelo seu uso representacional como símbolo da natureza, sociedade e cultura. Em terceiro lugar, haveria o corpo político por meio do qual são operados os controles e formas de regulação corporal.

Para finalizar em termos globais, os trabalhos de Michel Foucault (1979, 1984, 2003) são também referência para meu trabalho, pois ele verificou com bastante escrutínio os discursos sobre a constituição dos corpos e as atuações das instituições de transformação populacional, tais como os hospitais e as prisões, além de historicizar a formação da sexualidade no Ocidente.

Atenta a estas nuances teóricas e, imbuída pelo entendimento de que as escolhas de ação das pessoas são feitas mediante situações apresentadas como possibilidades e, ao mesmo tempo, como desafios é que pretendo apresentar o início do meu trabalho de campo.

1.1 Entrar à noite exige t(r)ato.

Divulgada nos meios de comunicação de massa como a quinta maior capital do país, Fortaleza possuía, em 2009, cerca de 2,5 milhões de habitantes e uma das piores distribuição de renda do Brasil, além de ser atualmente a maior cidade do Nordeste brasileiro. Classifico Fortaleza como uma "cidade global" nos termos utilizados por Saskia Sassen (1996). Assim, os processos sócio-geográficos globais assumem destaque na economia, nas leis e, certamente, na soberania local. Em uma apreensão mais específica, tais processos refletem-se, ainda mais, na vida cotidiana das pessoas, que são afetadas de modo mais ou menos intenso pelo modo de se conceberem como cidadãs.

Pode-se dizer que a cidade de Fortaleza possui e compõe-se de uma vida social e cultural bastante diversificada, característica do meio urbano (VELHO, 1994). Essa heterogeneidade se apresenta através das formas e dos modos de diversão e entretenimento cultural. Além das formas culturais mais conhecidas do Nordeste brasileiro, associadas e estereotipadas em torno, por assim dizer, da "cultura" do forró, de seus bailes e locais de shows, Fortaleza tem também outros espaços que evidenciam modos diferentes e bem específicos de diversão e hedonismo. Foi por essa via que desenvolvi esse trabalho e tentarei explorar nesse capítulo.

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2008, fiz pesquisa etnográfica mais intensiva em Fortaleza. Nesse período, participei de três eventos anunciados como festas de música eletrônica: 1) New Rave; 2) Kaballah e 3) Burn in House. Além disso, fui à uma festa que não tinha nome específico, mas era conhecida como "a festa do Motel 90", cujo estilo musical predominante era o *rock*, em sua versão estilística mais próxima ao *punk*. Essa festa foi realizada em uma boate-motel no centro da cidade na qual tocou a banda Xperience. Era organizada normalmente uma vez por ano pelas pessoas que compunham a **rede social Funhouse**, mais adiante será contextualizada. Em razão disso, eu a apresentarei junto do material etnográfico da segunda rede social descrita. Ela será tomada como modelo para análises finais da dissertação. Outra vez, vale salientar que todos os nomes utilizados são fictícios, assim combinados com os interlocutores, para maior segurança e discrição das pessoas implicadas em práticas, por vezes, ilegais.

Em abril e maio de 2008, voltei a Fortaleza e etnografei mais outras três festas. Uma delas era a comemoração de aniversário da boate Roxa[4], conhecida pela freqüência de público

[4] É uma boate localizada na Praia de Iracema, bairro onde se localiza grande parte do complexo de lazer e

diverso no que diz respeito à faixa etária, mas conhecidamente freqüentada pelo público "GLS"[5]. A outra festa que fui chamava-se "Zona Vibe Magic Lagoon"[6] e foi organizada na Lagoa do Banana em Caucaia, cidade localizada na região metropolitana de Fortaleza. Na ocasião, pude acompanhar interlocutores da **rede social do Studio**. Marcelo tocou na pista principal entre muitos outros Djs. Gal, a malabarista e tatuadora que havia sido citada acima na ocasião da festa *rave*, apresentou-se com seus malabares de fogo durante o set da atração principal, o Dj Rinkadink, vindo da África do Sul.

No início de julho, fiz etnografia de uma última festa. Na verdade, foi uma apresentação da referida banda Xperience na boate Atibór localizada na Praia de Iracema. A boate existia há mais de oito anos e tinha em sua logomarca as palavras "Rock & Roll". Seu público era bem variado em aspectos geracionais, mas era freqüentada principalmente por pessoas jovens de camadas médias e altas. Além disso, havia presença de pessoas que provinham de outros estados e paises, o que me evidenciou uma diferença perceptível pelas características diacríticas visuais e pelo idioma. Na noite do show da Xperience, houve um incidente que confirma a tendência na boate à pouca tolerância ao comportamento homossexual, fato este que será abordado adiante.

Cada uma dessas festas tinha características peculiares, tendo a música, o lazer e o trabalho como elementos, assim entendidos por mim, de conexões. Não averigüei apenas as festas que compõem a "cena eletrônica", pois optei por abrir um leque de possibilidades noturnas festivas para, então, seguir a análises mais estritas. Gostaria de destacar que 'música eletrônica' é uma expressão genérica para um grande conjunto de diferentes estilos e ritmos. Assim, *house*, *garage, techno*, *drum and bass*, *ambient*, *trip hop*, *psy-trance*, *gótico,* entre outros, são alguns dos estilos presentes atualmente, que são razoavelmente conhecidos pelos freqüentadores de espaços de diversão, o que permite supor modos de diferenciação, tomando especificamente a música como uma linguagem de relações, potencializando certos estilos de

---

turismo de Fortaleza. Nas propagandas em site e flyer anunciam música eletrônica como perfil de música do lugar. Ver anexo III - flyer distribuído na saída da festa.

5 Fernanda Eugênio (2006) toma indicações da jornalista Érica Palomino e faz uma espécie de genealogia da sigla GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Segundo Palomino tal sigla teria sido criada em 1994 pelo publicitário André Fischer para nomear o público do festival de cinema experimental Mix Brasil (uma ramificação um pouco distinta do New York Lesbian and Gay experimental film festival) que não se deixava blocar sob a expressão homogênea "comunidade gay". Disse Fischer em entrevista a Palomino: "Sabíamos que, diferentemente dos festivais gays americanos, tínhamos um público mais misto, muito menos radical". Inspirado nessa diversidade de público acrescentar "simpatizantes" como parte de um "público hype" tornou-se interessante para o Mundo e o Mercado Mix.

6 Ver anexo VI – flyer da festa. Outros fatores que devem ser observado é o que a propaganda apresenta como atrativos apontando para o turismo, a preservação do meio ambiente com a presença de tecnologias e multi-mídias.

vida. Assim, pessoas que iriam a uma festa onde toca *house* ou *drum and bass* muito dificilmente iriam a uma rave do tipo *psy-trance*.

> ... os pioneiros da coisa do eletrônico aqui [em Fortaleza], de fazer música com o computador, eram pessoas que tinham influência da Alemanha. E a cena alemã era estritamente de um estilo musical chamado *techno*. Que é um estilo musical *underground*, de clubes *underground* da Europa. Então no começo eu tive até...meio que uma não-identificação com a música eletrônica, porque eu não me identificava com o tipo de som, com a batida dura que o *techno* tinha, e não me identificava...não sei...não me identificava com nada, sabe. Até que um dia eu fui para uma festa em que misturou dois tipos de música o *techno* e o *trance* que era um estilo que já era bem difundido pelo Brasil, mas até então não muito difundido no Ceará. (Marcelo, 34 anos, tatuador e DJ, rede social do Studio)

Contudo, as festas devem ser tomadas através dos diversos modos de entendimento que tinham seus freqüentadores, o que podia privilegiar, em alguns momentos, a música e, em outros, questões próprias de desejo e sexualidade, associando diversos aspectos em termos de um eixo privilegiado: o do hedonismo. Por exemplo, outro interlocutor, Francisco, 34 anos, declarou de forma mais direta que buscava "corpos sedutores e música maleável" ao inferir sobre o público que freqüentava as festas onde tocava principalmente o *psy trance*. Explicou:

> Eu acho assim, que os rapazes do *techno* são menos sedutores do que os rapazes do *trance*. A própria música, o *trance*, é muito mais maleável, assim, no sentido da (...) não é nem maleável, que esse estilo de dança pode se mostrar de várias formas, mas é mais curvo, ondulado. O *techno* é mais reto, mais industrial, sabe, mais... E o *trance* tem mais melo[dia]...assim, o que eu sinto falta assim, por exemplo, não tá no *techno*, é da coisa melódica.

Francisco era formado em psicologia e era também músico. Algumas vezes, ele era convidado a apresentar seus *sets* de música em festinhas de amigos. Quando realizei essa entrevista, ele me afirmou estar afastado das festas *rave* porque o curso de mestrado que fazia estava lhe tomando muita disponibilidade de tempo e atenção. Além disso, ele trabalhava em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de uma cidade do interior do estado do Ceará, o que lhe causava mais desgaste pelos deslocamentos frequente que fazia de volta a Fortaleza.

Em contato com essas pessoas e locais, dei, por assim dizer, um "mergulho" no universo da música, sobretudo eletrônica contemporânea. Os ritmos, o vestuário, os lugares, a ornamentação, as luzes estroboscópicas ou *laser*, a disposição das pessoas, enfim tudo que eu vi e experimentei, contribuiu para dar-me a sensação de estar em ambientes festivos e de diversão, que tinham, em grande medida a dimensão própria do hedonismo moderno. Estive observando e interagindo com jovens que vivenciavam essa realidade, para além de uma festa

de final de semana. Assim, a pesquisa aos poucos foi se delineando e colocando como foco central os sujeitos que não somente freqüentavam esses espaços de música eletrônica, mas que compartilhavam certa *visão de mundo* e certo *ethos social* (VELHO, 1975; GEERTZ, 1989). Entendo *visão de mundo*, tal como Gilberto Velho:

> A idéia de sistemas de classificação implica em mapas de orientação através dos quais as pessoas e os grupos se situam no mundo, estabelecem suas estratégias, traçam seus objetivos e se organizam em geral. (VELHO, 1975, p.60)

Por sua vez, falar de visão de mundo implica pensar ainda em um *ethos*, conceito cuja definição mostra-se crucial em termos heurísticos para meu trabalho. Assim, o antropólogo norte-americano Clifford Geertz diz:

> O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao mundo que a vida reflete. (...) o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve (GEERTZ, 1989, p.143-144)

Esses conceitos são importantes para autores que realizaram estudos entre grupos urbanos, pois facilitam entender a aglutinação de características de certos segmentos e, igualmente, que também ajudam a diferenciá-los socialmente. Parcelas jovens da população que vive em Fortaleza compartilham códigos de entendimentos através de linguagens corporais, sonoras, diacríticas, que se revelam em determinado *habitus*[7] (BOURDIEU, 1983) e na valorização de certos tipos de condutas. A música, os espaços de diversão, as roupas e todos os demais dispositivos presentes em festa que pesquisei podem ser pensados em termos do ethos e visão de mundo que privilegiam o hedonismo como um plano de experiência social. Tentarei mostrar isso pela descrição de alguns aspectos das festas que pesquisei.

[7] [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65).

1.2 Os contextos da pesquisa em pormenor: uma etnografia das festas.

A *New Rave* foi uma festa anunciada pelo jornal Diário do Nordeste, apenas dois dias antes de acontecer, mais especificamente como informação do Caderno 3, destinado à 'cultura e entretenimento'. A festa aconteceu num clube no centro da cidade ao lado da Praça do Ferreira, local escolhido em uma campanha do jornal O Povo, em 2002, como a ser o símbolo de "onde bate o coração da cidade de Fortaleza". Ao chegar lá, foi possível perceber uma grande movimentação de gente em frente a um dos mais antigos e afamados cinemas da cidade, não só das pessoas que iriam entrar na festa, mas de outros transeuntes e vendedores ambulantes. Em sua maioria, o público era composto de estudantes, intelectuais e profissionais liberais. Creio que grande parte das pessoas tinha o intuito de ver o show do Montage[8], visto que era o principal atrativo do anúncio da festa, contando com a presença de *disc jockeys* oriundos de outros estados brasileiros. Em uma entrevista concedida a um portal de internet, Daniel afirmou:

> "Quando começamos com os shows, essa coisa da performance não estava formada"[...]"Isso veio muito mais das pessoas observarem do que de qualquer planejamento que tínhamos. Com o tempo percebemos que era uma forma de expressão tão forte quanto a música. E passei a me preocupar com o visual, não só no palco, mas nos vídeos, nas fotos." (SOMA – Coletivo de Música Independente de Fortaleza) [9].

Na verdade, cheguei bem cedo, por volta das 22 horas. Cumprimentei algumas pessoas conhecidas, que estavam também ali, e fiquei sentada numa calçada ao lado da porta de entrada. Quando chegou um amigo com o qual não mantinha contato há bastante tempo, ele convidou-me para acompanhá-lo na compra de uma cerveja. Isso implicava sair da frente do clube e procurar o vendedor que estava na praça com sua caixa de isopor. Ao voltarmos à frente do lugar do show, percebi que as conversas sobre música, filmes e programas de televisão eram temáticas mais abordadas pelas pessoas que pude ficar próxima. Na fila de entrada da festa, um dos assuntos mais falados era o lançamento do CD do Montage e da 'molecagem' com o nome da festa – "new rave" como referência irônica a "new wave", segmento musical do início da década de 1980. Por volta das 23 horas, a fila começou a se formar. O ingresso era comprado na portaria e custava dez reais (R$ 10,00). Não houve revista, nem no corpo das pessoas, nem em suas bolsas. Havia um segurança no andar de

[8] Montage é o nome de uma 'banda' formada por Daniel Peixoto (vocalista) e Leco Jucá (groovebox). Fazem músicas no estilo eletro, punk, e rock e performances bastante irreverentes.

[9] http://groups.google.com.br/group/somafortaleza/browse_thread/thread/ea4a6ab6e0dbae6b

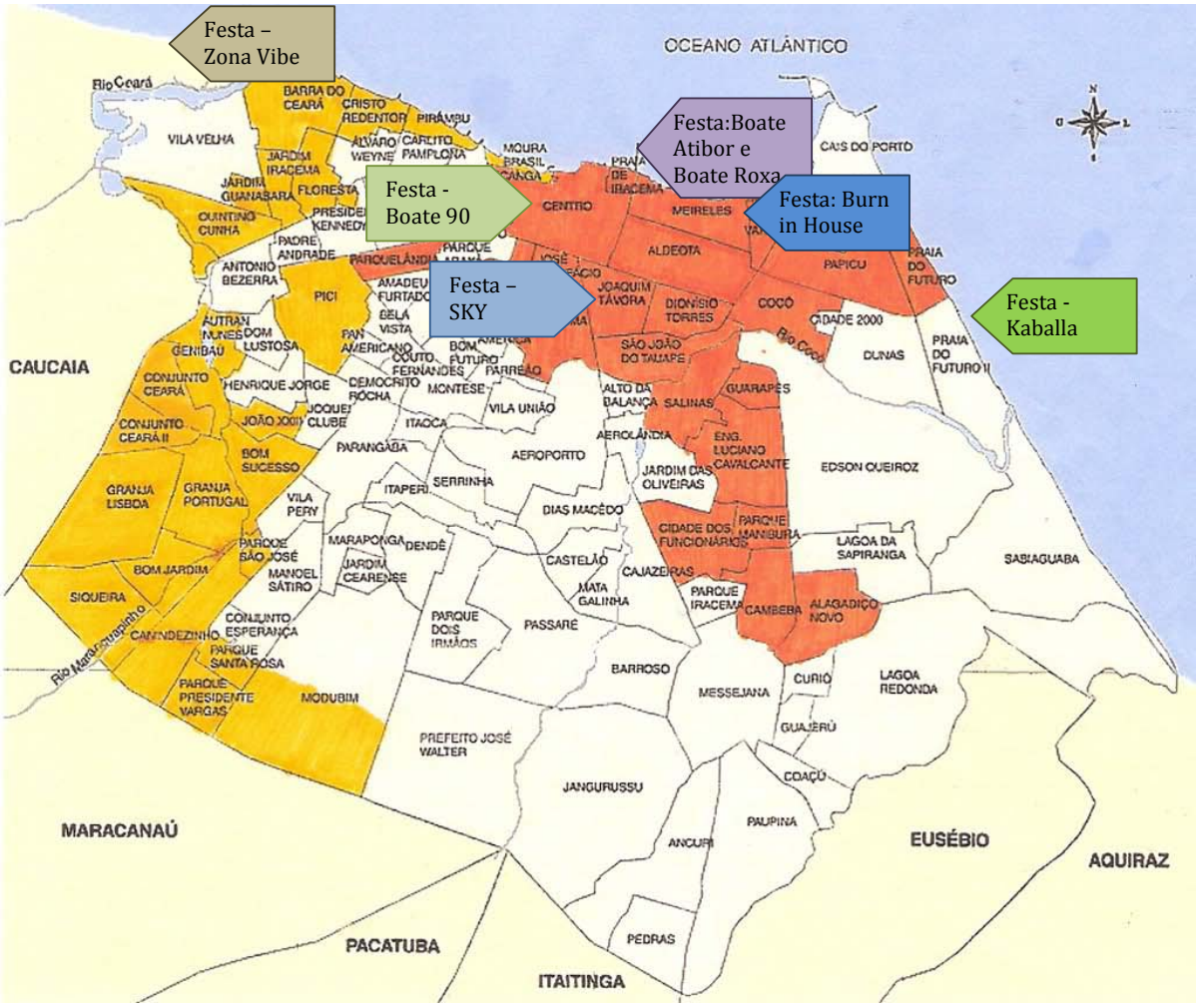
baixo e dois lances de escada mais acima (onde estavam os dois salões de festa) tinham mais dois outros seguranças. As pessoas que estavam na festa mostravam ter perfil de camadas médias e altas, muitas delas estudavam ou estudaram em universidades públicas, inclusive pude notar que várias estudaram no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará ou da Universidade Federal do Ceará, contemporâneos do tempo em que nesses dois centro estive estudando. As substâncias que pareciam ser mais usadas, todas legais obviamente, eram a cerveja e os cigarros de tabaco. Soube por Francisco[10], um dos meus interlocutores, músico e freqüentador de festas de música eletrônica, que havia algumas pessoas consumindo cocaína no banheiro masculino e vi alguns cigarros de maconha (baseados) sendo acesos no maior salão.

Tentando mostrar a heterogeneidade das pessoas que lá estavam, encontrei uma amiga que estudou Letras na Universidade Estadual e trabalhava, então, com "arte-educação" através de oficinas de fanzines e comunicação alternativa, que me disse não usar mais substâncias ilícitas. Uma vez, cheguei, inclusive, presenciar ela dizendo que não fumava mais maconha para não gastar a dos outros, pois a substância não causava efeito algum para ela. Mas, então, resolvi perguntar o que a levava à festa? Ela me respondeu que era por "súbita 'solteirice' e gostar de prédios antigos". Fernanda sabe que minha pesquisa lida com um assunto um tanto delicado. Quando pergunto qual o nome que devo usar para me referir as suas falas no texto, diz que posso usar o seu nome verdadeiro. Mostro aqui como a questão da sexualidade se articula às práticas de diversão e de consumo de música, paralelo ao consumo de substâncias ilícitas. Além de também demonstrar que a explicita afirmação de que seu nome verdadeiro poderia ser citado no texto corrobora para a hipótese de que se não usa substâncias ilícitas não tem porque usar um nome fictício.

Os bairros onde se situam os Centros de Humanidades das Universidades Federal e Estadual, a Praia de Iracema, a Praia do Futuro, ficam em áreas privilegiadas da cidade e são locais muito transitados por parte dessas pessoas que estavam na festa New Rave. As casas de praia ou das serras próximas de Fortaleza eram outros locais que muitas vezes foram comentados em nossas conversas, tratando de locais para onde se viajava nos fins de semana e feriados. Há entre estes a valorização da música, das viagens, em especial as de longa duração ou que se realizem para lugares distantes, fotografias, experiências com uso de substâncias psicoativas, etc. Eram situações e motivos para o encontro de redes sociais de amigos e de turmas onde se providenciava refeições ou lanches, bebidas e contavam-se histórias,

[10] Citado anteriormente na pag. 38

mostram-se instrumentos musicais trazidos de outros lugares ou adereços e *souvenirs*. Eram espaços que se situavam dentro ou fora cidade de Fortaleza e que compunham uma cartografia de locações por onde transitavam as redes de jovens que pesquisei. De algum modo, era através da ida e do deslocamento entre estas festas que pude conhecer um pouco mais do universo estudado.



Por sua vez, a festa *Kaballah* aconteceu numa barraca da Praia do Futuro, muito mais distante da Praça do Ferreira, onde se realizou a New Rave. No *flyer* da festa, que recebi na Praia de Iracema, nas proximidades do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, vinham as informações que esta era a primeira vez que a festa "Kaballah" era realizada na região Nordeste. Fui acompanhada de uma amiga que não morava em Fortaleza, mas que freqüentava festas de estilo *rave* nos estados de Tocantins e Goiás. Achei interessante a sua companhia tanto por não ir sozinha à festa como por ser alguém 'entendida' do meio

eletrônico e, assim, poderia tomar algumas impressões dela e, eventualmente, geraria alguns aportes para futuras observações. Antes, passamos num supermercado para comprarmos energéticos e chicletes para ajudar a ficar mais despertas. Esses produtos vendidos legalmente eram amplamente consumidos pelos freqüentadores das festas que pesquisei, servindo para manter as pessoas com mais disposição física ao longo das noites e festas que freqüentavam. Trata-se de um conjunto de substâncias legais que se articulava à orientação hedonista e a busca de estímulos causados pelo consumo de substâncias psicoativas ilegais. Passamos algum tempo fora do local, transitando pelas barracas de bebidas e comidas que ficavam em frente à barraca de praia e observando a chegada das pessoas. Tomamos os energéticos e, em seguida, entramos, pois não se podia entra com bebida comprada fora do estabelecimento da festa. Ao dar uma volta pelo local, encontrei um rapaz conhecido meu, que vivia alternadamente entre Fortaleza e as praias de Canoa Quebrada (Aracati) e Jericoacoara (Jijoca), ambas bastante divulgadas e conhecidas como importantes lugares para passeios turísticos no estado do Ceará. As duas são também muito freqüentadas por um público de turistas estrangeiros, o que lhes dá uma atmosfera bem cosmopolita. Esse rapaz fazia trabalhos manuais com pinturas de painéis e camisas, além de ocasionalmente vender cocaína, *ecstasy* e ácido lisérgico. Ao me cumprimentar, ele afirmou que esperava que a festa fosse boa.

Na entrada da barraca, antes da roleta, havia um tablado coberto por palha de coqueiro e uns corrimãos de madeira onde algumas pessoas ficavam encostadas a conversar. Os organizadores da festa (identificados por camisas iguais e a palavra 'organização' estampada nas costas) estavam inquietos, passando por esse local que ficava ao lado da bilheteria. Após a roleta, estava um grupo de funcionários da festa, alguns recolhendo os ingressos e quatro seguranças, três homens e uma mulher. Assim, tivemos nossas bolsas e o corpo revistados por essa segurança, o que mostra outro aspecto bem comum das festas que estive e etnografei – a importância do controle social e da segurança sobre o que se levava e consumia dentro das festas, o que era permitido ou não levar para aqueles espaços. De modo interessante, pude observar que todos estavam com pirulitos na boca. Poderia ser algum 'código' que, segundo minha amiga, se referia à venda de LSD e ecstasy. Já numa conversa anterior com alguns interlocutores, disseram-me que grande parte das substâncias psicoativas que eram vendidas nas festas transitava nas mãos dos organizadores e seguranças. Nesse caso, o controle e a segurança desdobravam-se por meio de outro agenciamento, o do controle sobre as formas de circulação e acesso às próprias substâncias, que poderiam ser comercializadas de modo velado

por parte daqueles que estariam, eles mesmos, a evitar tal comercialização. Seria talvez uma competição pelas formas de venda de substâncias, ainda que fosse velada, mas que não cheguei a ter mais informações, além das que estou citando aqui.

O primeiro espaço da festa *Kaballah* era o 'chill out', um dos espaços usuais de uma festa "rave", descritos comumente nos convites e flyers das festas. Segundo meus interlocutores, esses espaços eram ideais para descanso ou relaxamento, onde se tocava músicas mais lentas, comparadas à das pistas de dança, e que poderia possibilitar até o sono, o que sugere uma espacialização dos usos dos corpos e das substâncias a partir dos espaços internos de cada festa. Esse *chill-out* tinha a mesma ornamentação da portaria, pois era um espaço coberto com palha e enfeitado com adereços 'flúor'[11]. Algumas almofadas estavam espalhadas pelo salão, um pequeno palco do lado direito onde estavam os djs[12] e suas *turntables*. Em frente, ficava uma cantina com venda de sanduíches, sucos, guaraná, refrigerantes e água. Seguindo por um dos lados do palco, estava um grupo de 3 ou 4 pessoas próximos à uma cama de massagem. Duas pessoas estavam de branco (um rapaz e uma moça) e imaginei que eram massagistas. Ao lado desse espaço de massagens, ficava o bar, bem movimentado desde o começo da noite. Toda essa parte tinha piso de cimento e/ou lajotões. Olhando para a direita desse local, havia uma parte externa, sem cobertura, onde ficavam os banheiros e uma escada ao lado levava para uma parte em cima, parecia uma espécie de camarote coberto. Seguindo em direção ao mar, o piso era apenas a areia da praia. Do lado direito, ficava o palco dos djs e das 'performances'. O espaço da festa estava todo cercado com chapas de madeira escuras e em alguns cantos ficavam seguranças intercalados por barracas que vendiam bebidas. Próximo a uma dessas barracas, encontrei o Dj Marcelo que abriu o 'line up'[13] e Maria, que era malabarista, que me falou que estava ali fazendo o trabalho de animar a festa. Disse que fora contratada de última hora.

Durante essa festa, consegui notar que alguns 'baseados' foram acesos e algumas pessoas estavam "fritando", isto é, depois que o efeito de estimulantes começava, a pessoa começava também a "fritar", o que significa movimentar-se sem parar ao som da música, principalmente em frente às caixas de som ao lado do palco e em baixo das tendas de tecidos de lycra esticadas por armação de bambu montados em frente ao palco. Às cinco da manhã,

[11] É a palavra usada pelos interlocutores e também nos flyers para designar as cores do tipo "fluorescentes" (que brilham) utilizadas nos adereços corporais (piercings, brincos, pulseiras, colares, detalhes de roupas) e principalmente na ornamentação e iluminação.

[12] Vem do Disc Jockey – pessoa que produz músicas, ou as escolhe e tocam em festas, bailes, boates, etc., É usualmente dito "DJ".

[13] Forma de listar as atrações da festa.

fui embora, mas a festa continuava, mesmo chovendo muito. Como estava dirigindo, não quis arriscar ficar até o fim da festa que estava programada para continuar até meio-dia e meia. A partir dessa festa comecei a questionar minha destreza em realizar pesquisas durante uma noite inteira. Aventei também como hipótese a falta de estimulantes mais fortes como minha maior dificuldade em permanecer acordada, já que talvez eles pudessem me deixar mais desperta, mas avaliei ser, no mínimo, uma idéia bem complicada de realizar. A tradição antropológica que trabalha com analise de rituais preza por acompanhar os eventos de forma inteira (TURNER, 1974; PEIRANO, 2003). Visto que há um encadeamento de fatos que culminam em resolução ou estabelecimento de conflitos. Nesse caso, não pude dar prosseguimento ao relato "final do ritual" por uma questão de energia física.

Em outra festa, a *Burn in House*, cheguei por volta de meia noite. A festa estava marcada para começar às 23 horas, mas era quase uma praxe o atraso dos participantes. Quando cheguei, uma moça que estava na recepção perguntou meu nome buscando-o em uma lista de convidados. Isso já foi uma diferença em relação às outras festas, pois não vi essas listas nem na "New Rave" nem na "Kaballah", uma festa bem distinta da outra, por sinal. Enfim, paguei a entrada que tinha preços diferentes para mulheres (R$25,00) e para homens (R$30,00) e fiquei um pouco ainda em frente à porta observando a movimentação. Chegou uma turma de cinco pessoas, três moças e dois rapazes. Uma delas disse o nome que estava na lista e perguntou se o nome de um dos rapazes não estaria na lista também. Não estava. Pagaram o ingresso e entraram. Logo em seguida também entrei. Na boate, vi que havia pouco mais de 20 pessoas. Todas próximas ou encostadas no balcão do bar que funcionava do lado esquerdo de quem estava de frente para o palco. Tocava um Dj que depois soube se chamava "Formiga". A música que tocava oscilava entre o *techno* ao *tech-house*, uma vertente da música eletrônica como o próprio nome sugere, produto da junção entre os estilos *Techno* e o *House* e apareceu como gênero eletrônico no fim dos anos 90. Deve-se salientar que para conhecer esses estilos diferentes de música eletrônica implicava certa familiaridade com uma história das formas de criação estética e cultural jovem das últimas duas a três décadas, o que não seria acessível a qualquer pessoa e sim a aficionados e pessoas socialmente articuladas aos mundos sociais onde esses estilos de vida eram formados e experimentados, conforme o trabalho de Carolina Camargo de Abreu (2005) nos aponta.

A boate do clube Laedi era um ambiente de dois pisos. O primeiro composto por um salão de mais ou menos 80m² com dois sofás um maior na entrada da boate e outro menor numa ante-sala em frente aos banheiros. O bar ficava do lado esquerdo do palco, do lado

direito do salão ficavam duas mesinhas altas em frente a três grandes painéis de vidro espelhado com as marcas, outra vez, do energético "Burn" que patrocinava a festa. Os malabarismos ficavam por conta do *bar man* com garrafas e copos na hora do preparo de bebidas. As bebidas servidas eram cerveja, vodka, uísque, alguns outros destilados, o energético a ser promovido e refrigerantes. Havia quatro telas de projeção de vídeos atrás do palco dos DJs e um VJ[14] fazendo a programação visual. Contribuindo para novas formas de percepção visual, os raios *laser* verde, azul e vermelho não paravam em momento algum, se intensificando de acordo com a velocidade das batidas musicais, produzindo sinestesia (CAVALCANTE, 2005). Os seguranças ficavam distribuídos entre os dois pisos, mais concentrados no primeiro, três espalhados entre as mesinhas, dois na entrada para o banheiro, dois no segundo piso. Um deles ficava quase imóvel numa parte do segundo piso que parecia reservada (tinha um cordão que isolava). Mas até o fim da festa não vi essa parte do piso superior ser utilizado. O segundo piso era acessado por uma escada que iniciava do lado do palco. Dava para uma varanda de frente para o mar. Já no meio da noite dois terços do salão era composto por rapazes com uma média de idade, que pareciam ter entre 17 e 35 anos. Das moças que estavam na festa, quase todas estavam acompanhadas com amigas e amigos ou namorados e pelo que observei, a faixa etária variando também entre 17 e 30. A hora em que o público mais vibrou e dançou foi quando o DJ convidado já estava tocando o seu *set*[15] de músicas, por volta de três da madrugada.

Fiquei observando como se comportavam as pessoas ao longo da noite. Durante algum tempo, fiquei somente encostada no balcão do bar observando como se dava a dinâmica dos encontros das pessoas, o reconhecimento e cumprimentos com abraços e beijos nos amigos e conhecidos, o movimento das turmas, cheguei até a acompanhar, um pouco afastada, a negociação de uma "bala", termo de uso equivalente à substância ecstasy, entre dois rapazes, que faziam como se estivessem utilizando os serviços do bar para estabelecer a negociação. Se passei boa parte da festa próxima ao bar, não deixei de dançar também em alguns momentos. Não conhecia quase ninguém que lá estava, além de uma moça que lembrei ter sido minha colega da época do colégio. Aproximei-me da turma em que ela estava e algum tempo depois nos falamos. Mas, ela já estava bastante bêbada, e não trocamos mais que algumas palavras sobre o que estávamos fazendo enquanto trabalho e lembranças de alguns colegas em comum.

---

[14] Termos que parece ser uma derivação do DJ, a diferença é que este trabalha com imagens - Video-Jockey.

[15] Esse termo é usado por alguns interlocutores para se referir a seqüência de músicas e mixagens feitas por um DJ. Seqüência musical a ser executada em uma apresentação.

Como o uso das substâncias sintéticas era bastante discreto, seu modo de uso podia ser ingerindo pílulas, gotas, bolinhas ou selos, que não exalavam cheiros, pois a única evidência de uso que pude constatar foram os efeitos corporais e de comportamento. Tentei perceber quem estava usando os tais sintéticos, mas não consegui me inserir em nenhum grupo. Apenas pude identificar que havia um rapaz e uma moça que não pararam de "fritar" até a luz do dia raiar. Eles dançavam, pulavam, bebiam e falavam com os amigos que estavam com eles. No fim da festa, engrenei uma boa conversa com o VJ da festa, na qual pude dizer-lhe que estava ali fazendo uma primeira aproximação com o novo campo de pesquisa. Antes de nos falarmos, já havíamos nos olhado, como que percebendo a presença de alguém que não se conhece, demonstrando pretender alguma aproximação. Senti que ele me paquerou, me ofereceu cerveja, mas esquivei-me e disse que não estava bebendo. Ele perguntou do que se tratava minha pesquisa e respondi que o principal objetivo desse estudo é me aproximar das representações e hábitos relacionados ao corpo e à saúde de pessoas que utilizam substâncias psicoativas recreativas[16], visando a entender em grandes linhas o que se concebe por saúde e prazer entre jovens de camadas médias e altas no contexto urbano de uma capital nordestina como Fortaleza.

A música estava muito alta lá dentro e ele pareceu interessar-se pelo assunto, imaginei, então convidou-me a sair da boate e conversarmos nas escadarias da saída do clube. Foi lá que se deu a parte que acredito ser o ponto em questão. Quando sentamos na escada, ele de um lado e eu do outro, continuamos a conversa. Ele estava falando das diferenças entre os públicos das diferentes vertentes da música eletrônica, dos objetivos diversos que cada um tem quando se trata de usar psicoativos, mas de uma forma bem generalizante. Perguntei a ele se 'ele' já havia usado ecstasy, ácido ou alguma outra substância comum em festas rave. Ele me respondeu com outra pergunta: você já usou? Fiquei na dúvida sobre o que responderia. Ficou me olhando e lançou uma outra pergunta: se havia alguma chance de ficarmos juntos? Era uma insinuação erótica, uma paquera. De imediato, respondi negativamente. Logo em seguida, ele abriu a carteira e pegou o dinheiro que tinha, por volta de duzentos reais. Perguntou como eu iria embora para casa. Respondi que estava de carro. Ele retrucou: "já que é assim vou te dizer uma coisa". Disse que tinha uma companheira há anos e que ela, assim como ele, também fazia uso desses psicoativos e que poderíamos marcar uma conversa na casa deles, tomaríamos um café juntos e conversaríamos. Trocamos e-mails e me despedi

[16] São substâncias psicoativas sintéticas que produzem efeitos psico-físicos peculiares e marcantes como euforia, midríase, perda de apetite, distorção auditiva e visual. As mais utilizadas são ecstasy, LSD, anfetaminas e redutores de apetite. (ABREU, 2005)

dizendo que entraria em contato. Não nos conhecíamos antes de termos essa conversa e o que estou tentando destacar nesse momento é a forma que se deu nossa aproximação, em dois aspectos: o primeiro que foi a 'paquera' e posterior 'investida' por parte dele, imponderáveis de uma pesquisa de campo que envolve contextos em que o prazer e o uso dos corpos se fazem iminentes. Ele estava a me paquerar ainda na pista de dança, coisa que parece ser fácil, pois nesse ambiente a grande maioria era composta de rapazes aparentemente solteiros. Situação um tanto peculiar, pois eu estava desacompanhada e de certa forma não fazia parte daquele universo, já que era a primeira vez que estava participando de uma festa desse estilo em um clube. Além disso, o que seria o segundo aspecto a destacar, gostaria de sugerir que ao reconhecer a cumplicidade de práticas, então, aquele contexto tornava-se também um momento e modo seguro de poder falar delas, enfim como se estivesse aberto a saber de um uso compartilhado de práticas e um entendimento mútuo de determinados códigos para que eles fossem falados ou revelados. Isso me faz remeter ao que Georg Simmel (1906) nos alerta em seu ensaio sobre o segredo e as sociedades secretas, pois ao se partilhar uma prática ou demonstrar algo em comum se abriria, então, como um ponto de partida para se revelar algo secreto.

Outra vez, depois de ter passado pela boate Roxá, localizada num dos galpões da Praia de Iracema, pude confirmar, na festa *Sky – Juntos tocaremos o Céu*[17], algumas observações com relação à preocupação estética com o corpo e com a moda, principalmente masculina. Além disso, pude identificar igualmente que os tipos de substâncias psicoativas mais utilizadas em público, tal como em outros locais pesquisados, eram álcool e tabaco. Num sábado de abril de 2008, fui à boate a convite de um parente meu, um dos administradores dessa boate reconhecidamente "gay". Cheguei por volta de meia noite e até as duas horas da manhã eu era a única mulher na boate. Foi um bom momento para ver as dinâmicas de aproximação entre os homens, observá-los nas maneiras de conquistas, pois me senti "de fora" daquele contexto no qual se parecia estar ali em busca de encontros furtivos e eu, uma mulher, não era o principal alvo das investidas dos homens que lá estavam. Um rapaz jovem aproximou-se e perguntou como eu estava me sentindo sendo a única mulher naquele local. Ele disse que era originário de São Paulo e que estava morando em Fortaleza havia pouco tempo e que achava estranhos locais em que só homens freqüentavam. Em sua cidade de origem, ele conhecia muitas boates freqüentadas por um público heterogêneo GLS, mais

[17] A festa SKY: *juntos tocaremos o céu*, era uma comemoração de "aniversário" da boate Roxá, e não aconteceu na própria boate, e sim num salão do ultimo andar de um prédio comercial localizado no bairro Joaquim Távora, conforme apontado no mapa acima.

misturado, composto por homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais.

Ao chegar de carro no local da festa Sky, estacionei próximo ao prédio empresarial de 25 andares onde iria acontecer a festa. Pude verificar uma enorme fila esperando a entrada no local. O público era composto de homens e mulheres, principalmente gays e lésbicas em sua maioria jovens. Havia combinado com um primo, meio-irmão do outro que estava organizando a festa, de nos encontrarmos antes para que pudéssemos entrar juntos. Enquanto ele não chegava, fiquei próxima a portaria, observando o movimento de chegada das pessoas. Vi alguns homens com cabelos bem cortados e músculos bem ressaltados (chamados de "barbies" na linguagem gay), além de outros tipos também bem vestidos e perfumados. Algumas mulheres me chamaram atenção pelos cabelos alisados e pintados de loiro, um tipo bem comum em vários dos ambiente de boates, conforme vinha percebendo. Encontrei algumas pessoas conhecidas que ia cumprimentado e a fila continuava imensa. Meu primo chegou à frente da entrada e me chamou para subirmos, "furando" a fila. Comentou com ar de risos que por ser irmão de um dos administradores da festa tinha esse privilégio. Dois elevadores que cabiam em média 12 pessoas eram o único meio viável para chegar ao 25º andar do prédio. Isso justificava o tamanho da fila. Além de realmente ter sido grande o número de pessoas que entraram. Segundo o promoter do evento, em uma conversa realizada uma semana depois da realização da festa, mais de mil pessoas estiveram presentes.

O prédio era todo rodeado por janelas de vidro e em formato octogonal. Durante alguns anos, ali funcionou um restaurante no último andar, justo esse da festa. De dentro do lugar, era possível ver grande extensão da cidade desde o mar até uns "serrotes", pequenas elevações montanhosas, que ficam na região metropolitana ao sul de Fortaleza. O piso era giratório e esse era mais um dos diferenciais da festa que durou até mais das oito horas da manhã, quando fui embora, praticamente exausta. Lá dentro ainda não estava tão lotado como depois veio a ficar. Assim, pude acompanhar a chegada da maioria das pessoas. Muitas chegavam acompanhadas de turmas, outras vinham com mais uma ou duas pessoas, vestiam roupas e adereços de "marcas" e estilos variados. Pude verificar com destaque as "grifes" usadas com incitação a publicidade das marcar nas roupas que adornavam seus corpos (Pierre Cardin, Dior, M. Officer, Zoomp, Forum, Ellus, Brooksfield, West Fall, Siberian, Cavalera, ChilliBeans...). Dentre as bebidas que observei serem consumidas: uísques (Johnnie Walker, Red e Black Label, Teacher), vodkas (Orloff e Smirnoff), cerveja (Sol) e energéticos (Red Bull e Burn). O estilo da música que tocou foi *eletrônico-house,* com a presença de dois DJ's da própria boate e um Dj convidado vindo de Santa Catarina.

Durante a festa pude verificar que quanto mais o tempo ia passando e as pessoas se embriagando, os flertes iam se tornando contatos físicos, as pessoas pareciam se sentir menos regradas e passavam a investir em contatos mais íntimos. Havia entrado com meu primo, e ele sabia que meu principal intuito ali era a "etnografia da festa" (mesmo sem ele entender muito bem o significado da palavra e do fazer). Ficamos nos vendo de vez em quando, pois ele tinha também seus propósitos de festejar, de beber, de encontrar outros conhecidos e amigos... Durante a estada na festa senti que fui paquerada por uma mulher. Ela pediu um isqueiro emprestado e depois quis puxar conversa. Foi interessante perceber essa aproximação como uma maneira de paquera através de objetos de uso comum, o isqueiro para acender cigarros. Isso pode servir como um paralelo à possíveis aproximações para o consumo de substâncias, legais ou não, psicoativas ou não. Trata-se de pensar nas dinâmicas de aproximação em razão do consumo e do uso social de alguma substância, tal como apontei um pouco antes em relação ao contato feito com o VJ da festa Burn in House, lembrando também o aprendizado corporal e social compartilhado por determinadas pessoas como nos alertou Howard Becker (1971, 1977). Encontrei também um colega, farmacêutico, com quem trabalhei na realização de uma pesquisa com profissionais do sexo para GAPA-CE nos idos de 2003. Na festa ele estava acompanhado de um outro rapaz que já havia visto algumas vezes pela cidade. No dia em que estive na boate Roxá, esse colega também esteve presente, lembro dele esfregando as mãos e colocando em forma de concha para os amigos que estavam com ele aspirarem. Ele viu-me curiosa para saber do que se tratava aquela substância, então, convidou-me a experimentar, mas antes de colocar para eu cheirar disse-me que não era droga e que era gostoso. Continuei curiosa para saber do que se tratava tal substância com cheiro mentolado e refrescante, mas o momento não propiciava aquele tipo de pergunta. Na festa, meu colega estava novamente com a substância. Como havia ficado com a dúvida aproveitei para lhe perguntar do que se tratava. Ele respondeu que era um gel de massagens de cheiro mentolado e refrescante. Pareceu-me também mais uma forma de aproximação de pessoas que se está a fim de "ficar" e que compartilha a curiosidade pelo uso daquela substância ou a vontade de ficar também. Outra vez, a linguagem e dinâmica de aproximações e interações merece ser destacada a fim de considerar o mundo social em estudo.

1.3 Festas, hedonismo e redes sociais:

Para o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte (1999) o conceito de sexualidade, melhor sistematizado por Foucault (1984), resulta de observações sobre um modo muito específico do ser humano se relacionar com seu corpo em contextos sociais no Ocidente moderno. De fato, a idéia se tornara mais evidente entre os séculos XVII e XVIII. Duarte utiliza-se do esforço feito por Foucault ao avançar teoricamente em torno da noção de sexualidade para afirmar em paralelo suas observações sobre o que chamou de "dispositivo de sensibilidade". Há três aspectos levados em conta para demonstrar a efetiva proximidade estabelecida entre *sexualidade, sensualidade e sensorialidade*, são eles: a perfectibilidade, a experiência e o fisicalismo. Para chegar a este corolário, esse autor foi influenciado por considerações a respeito do "processo civilizatório" de Norbert Elias (1990, apud Duarte, 1999), da noção de "êxtase", também tomada de empréstimo de outro texto de Elias, em co-autoria com Dunning (1992, apud Duarte, 1999), da discussão sobre o espírito do "consumismo contemporâneo associado à ética romântica" do sociólogo Collin Campbell (1995, apud Duarte, 1999) e, ainda mais, a respeito da idéia de "evolução do uso dos sentidos" na cultura ocidental, forjada por Schivelbusch (1992).

Neste breve e denso trabalho, o autor aponta para a idéia de hedonismo como uma complexa relação entre dispositivos, conforme indica:

> A relação entre o dispositivo de sensibilidade e o dispositivo de sexualidade, é um fenômeno cultural complexo, um movimento histórico de longa duração que jaz no âmago da dinâmica da cultura ocidental moderna. E essa relação sugere, neste final de século, uma atenção específica (...) trata-se da tensão entre a *maximização da vida* (através da totalidade da pessoa), que é um investimento no longo prazo e na duração, e a *otimização do corpo* (através da concentração no prazer), que é uma aposta no curto prazo e na intensidade. (DUARTE, 1999, p.28; grifos meus).

A tensão aqui apresentada por Duarte faz eco às observações por mim consideradas em alguns contextos onde fiz etnografia. A idéia que subjaz nas representações da manutenção da vida e certa preocupação com sua extensão, associada à busca de prazeres imediatos em práticas alardeadas como "arriscadas", o uso de substâncias injetáveis ou a perfuração dos corpos para marcação com tinta, feitura de orifícios em variadas partes do corpo, adornados com piercings, são alguns dos exemplos mais claros que serão explorados

em maior profundidade nos capítulos seguintes. A expressão do hedonismo aqui citado se apresenta em graus variados a depender, além disso, do agente em questão e da rede social que ele estava vinculado ou estava mais próximo, quando eu conduzi a pesquisa.

> O consumo de drogas, embora em parte independente do complexo da sexualidade, é bastante lindeiro a ela, por compartilhar da referência aos prazeres corporais imediatos, à sensualidade - apresentando também uma interface direta com a Aids através das drogas injetáveis. (...) A proposta é a de que o sentido e o papel da sexualidade entre nós devem ser compreendidos· num universo maior de significação, que há muito tempo se desenrola no interior de nossa cultura e que engloba essas problemáticas citadas. (DUARTE, 1999, p. 22-23).

Uma segunda referência que busquei para discutir a noção de hedonismo foi a pesquisa da antropóloga Fernanda Eugênio (2006), que acrescenta a adjetivação "competente" à categoria hedonismo. Para essa autora, que realizou pesquisa entre jovens que, por "vizinhança" ou "contato", freqüentavam a cena carioca de música eletrônica e usavam "drogas" sintéticas, além de estarem perpassados por estilos de moda que pretendiam *borrar as fronteiras* entre os gêneros, o "hedonismo competente" funcionaria "mais como uma *tendência* do que propriamente como um modelo consumado" (grifo da autora, idem), além de tomá-lo também enquanto tendência diante da "maneira *como* esses sujeitos buscam gerenciar suas vidas, essa *tendência* é informada por uma transformação social em curso contemporaneamente, que afeta não apenas eles, mas também outros segmentos sociais urbanos (diferenciadamente, claro)." (grifo da autora, ibidem). Em suma:

> O hedonismo competente é um dos modos de vida possíveis a lidar com a afetação do capital "valor de época" contemporâneo: a competência, que elege como recomendação a conciliação, a mistura e a simultaneidade de engajamentos, fazendo do "estulto" (aquele que vive a inconciliação persistente, o looser ou o inepto) o "desviante" do sistema". (EUGÊNIO, 2006, 75).

A partir do maior refinamento sobre a idéia de hedonismo, feita por Eugênio para utilização da categoria, eu pensaria no próprio "lusco-fusco" de uma categoria de analise. A presença da *tendência* aos comportamentos esperados faz-se paralelamente com sua ausência. Aqui, estou falando da adoção de valores e práticas guias do "hedonismo competente" que tentam moldar os laços (frouxos) que ligam as pessoas em interação. Já os comportamentos, logicamente não padronizados, se apresentam e somem de acordo com momentos, com a adesão ao *ethos* de grupos e com características individuais específicas.

Agregando as analises feitas preliminarmente por Duarte (1999) e a apropriação empírica experimentada por Eugênio (2006), creio ser pertinente, nessa ordem, para minhas

questões utilizar suas discussões para tentar analisar como entre as duas redes sociais de jovens nordestinos faz-se perceber traços desse hedonismo presente em outros contextos contemporâneos.

Além disso, decidi por enfocar as dinâmicas de sociabilidade que permeiam o cotidiano e as práticas de saúde e lazer entre jovens de camadas médias que vivem em Fortaleza, no Ceará. Para identificar a parcela da juventude da cidade que estou tratando é preciso descrever o perfil desses interlocutores que transitam em seu tempo de lazer entre festas, bares, viagens, passeios, etc. Não posso generalizar como o perfil da maioria, e sim das pessoas com as quais pude estabelecer contatos até agora. Eram pessoas jovens entre 22 e 35 anos, originados ou situados nas camadas médias e altas (segundo alguns responderam se identificar), em sua maioria estudavam ou estudaram em cursos superiores e se inseriam num mercado de trabalho formal e/ou informal[18]. Vários deles moravam ainda com os pais. Alguns viviam sós e outros com seus companheiros/as e filhos. Assim, eram o recorte de geração e o gosto pela música que permitiam estabelecer nexos e meios de articulação entre essas pessoas. A valorização da arte também era um fator importante para elas, mas nem todas tinham uma identificação com ela. O estilo de vida e o meio social no qual se inseriam os diferenciavam mais fortemente. Nem todos se conheciam, mas transitavam em espaços bem semelhantes, o que supõe um mínimo de diferenciação sócio-cultural.

Minha inserção nesse "novo" campo levou-me ao encontro de duas redes, por assim dizer, específicas. Eram jovens que gostavam e criavam música (eletrônica e rock) e a utilizam com o motivo afim de gerar confluências entre determinadas pessoas em momentos de lazer (VELHO, 1981). Alguns se diziam *artistas*, tatuadores, malabaristas, produtores, Djs, e algumas pessoas que perfaziam suas redes de sociabilidade. Estas pessoas se encontravam principalmente no Studio de tatuagens e piercings. Dessa forma, decidi identificá-los como a **rede social do Studio**. Os outros freqüentavam uma casa particular num bairro suburbano de Fortaleza, o que me fez tomá-los como a **rede social da Funhouse**, nome usado e sugerido por seus próprios participantes, o que me fez escolhê-lo para definir essa outra rede social. Há diferenças evidentes nos modos de se entender o corpo, os usos das substâncias psicoativas e as forma de hedonismo que se aplicam a espaços, à musicalidade e às relações entre as substâncias psicoativas e, ainda mais, entre os próprios usuários. Nesse trabalho, estou lidando, portanto, com relações entre meus interlocutores e as substâncias psicoativas que eles usam em determinados espaços, definidos em termos de modalidades específicas de

[18] Nesse caso *informal* se refere aos trabalhos temporários que alguns desenvolvem, ou também trabalhos que não tem um vínculo empregatício fixo: "free lancer".

hedonismo. Nesse capítulo, tentei mostrar como a cidade de Fortaleza se compõe em termos de mundos sociais jovens cujas especificidades se remetem às formas culturais, modalidades particulares de música, estilos de vida e usos sociais dos espaços. Foi o plano geral de minha pesquisa etnográfica, que se aprofunda na investigação das duas redes sociais referidas.

II. A Rede Social do Studio: tatuagens, música eletrônica e influências "Nova Era".

Em termos metodológicos e analíticos, resolvi investigar o cotidiano de uma rede social de pessoas que gostavam, freqüentavam e/ou produziam festas de estilo "rave". Essa rede estava centrada a partir de um *Studio* de tatuagens e *piercings*, o que se mostrou para mim como uma forma estratégica encontrada para acompanhar seu cotidiano. Além disso, muitas dessas pessoas faziam uso, ao menos naquele momento, de diferentes substâncias psicoativas, desde as ditas 'naturais', tais como a maconha, a zabumba, os cogumelos e o cactus até as mais sintéticas, tais como o ácido lisérgico (LSD), ecstasy, a ketamina, dentre outras, principalmente em festas.

Nas festas, o gênero da música eletrônica tocado que mais apreciavam era conhecido por *psy trance*. Outros gêneros apreciados também eram o *minimal*, *dub*, *flour on*, *prog*, etc. Assim, pode-se notar que havia um recorte da "cena eletrônica", pois como afirmei anteriormente havia diferenciação, divergências e divisão de público quando se tratava do gosto pelos diferentes estilos de músicas produzidas em computadores e executadas em *pickups* ou *turntables*[1].

Marcelo foi um dos meus principais interlocutores da **rede social do Studio**. No período da pesquisa, ele produzia e tocava o estilo *psy trance* em festas e festivais de música eletrônica dentro e fora do estado do Ceará. Em uma de nossas conversas, ele afirmou que se aproximou mais do *psy trance* por causa da "cultura trance" que conheceu ao começar frequentar festivais de música eletrônica fora do Brasil. Certa vez, no estúdio de tatuagens, ele estava mostrando um vídeo do BOOM Festival[2] aos colegas e pude acompanhar. No vídeo, a língua falada era principalmente o inglês e não havia legendas, mas as imagens passavam grande parte da mensagem. O conteúdo explorava e expunha o modelo de engenharia pensado e executado para realização do festival, ressaltando o respeito ao meio ambiente e ao próximo como valores máximos, demonstrando a valorização da espiritualidade como uma maneira de religar o ser humano à terra. Essas são algumas das características descritas por Marcelo como sendo fundantes da "cultura trance". Outra interlocutora, Malú, que também frequentava "festas rave", comenta sobre a forma que se aproximou dessa "cena":

[1] Aparelho que converte em corrente alternada as vibrações sonoras gravadas num disco. (HOUAISS, 2001)

[2] Considerado um dos maiores festivais de música eletrônica do mundo. Acontece em Portugal em edições bianuais.

> Pra mim, foi tudo muito por acaso, já tinha ouvido falar que aconteciam as raves na Pedreira[3]. e tal, mas não tinha muita noção do que era a festas. Até mesmo porque aqui em Fortaleza começou mais com 'tecnera'[4] e tecnera é legal, mas é um... (faz um gesto de desaprovação com o rosto), assim, muito 'bate-estaca'[5]. Eu particularmente gosto mais daquele som que... você meio que viaja na coisa, sabe aquele som que não é só aquele 'bate-estaca'. Aí, por acaso, eu fui para a Pedreira e a primeira vez que eu fui eu não tomei nada, assim...mas eu achei tão legal aquilo, assim... Da galera bonita, dos locais, a galera geralmente arranja locais inusitados, diferente dos locais que a gente costuma sair por aqui. *E tem essa coisa do astral das pessoas, entendeu?! Tipo: é um local que dá pra você sair só. Primeiro que tá todo mundo numa energia assim, estão pulsando...* E que tipo, ninguém vai te incomodar porque tá todo mundo *numa vibração tão assim* (fala sorrindo e fechando os olhos) *que nesse tipo de coisa parece que os aborrecimentos não entrassem. É realmente como se você entrasse num mundo paralelo*. Acho que assim, o lance da '*onda*'[6] é pra você meio que conseguir transcender, sabe?! É como se...*como se ajudasse você entrar naquele estado de espírito*. É como se você passasse por um portal e lá fosse outra história (grifos meus).

No ano da etnografia, Malú tinha 30 anos e era universitária. Possuía várias tatuagens e piercings pelo corpo, mas, segundo me disse, "alguns não eram tão visíveis", o que sugere uma relação da tatuagem e dos *piercings* também com certa intimidade de ordem erótica. À noite, ela trabalhava como caixa em um bar badalado do bairro Papicu, localizado na 'zona nobre' de Fortaleza, onde havia vários bares também freqüentados por pessoas de camadas médias e altas. Ela era uma das pessoas que compunham a rede social do Studio, sendo amiga de Jorginho, um dos tatuadores. Ela continou:

> Quando eu vou para essas festas, tipo, pra mim, se tornou meio que uma necessidade. Eu passo passar o ano todinho sem sair, mas pelo menos uma vez no ano eu tenho que ir para uma festa nesse estilo. Eu não sei...num sei se é porque eu adoro dançar, então eu vou exclusivamente pra dançar. Eu chego na festa, chego mais ou menos meia noite e saio onze horas da manhã e não paro, fico dançando direto. *Eu adoro isso, por que assim...eu relaxo. Eu acho que isso é uma das coisas legais. Porque você tá numa vibração...* (grifos meus).

Sendo uma das propostas desse estudo descrever as práticas relativas aos cuidados com o corpo e com a saúde, encontrei no *Studio* um ambiente muito

[3] Vários interlocutores se "lembraram" deste local como a referencia onde aconteceram "as primeiras" festas rave de Fortaleza.

[4] "Tecnera" seria uma derivação pejorativa referida ao estilo de música *tecno*, caracterizado por batidas mais rápidas.

[5] Termo usado por alguns interlocutores para se referir ao gênero de músicas menos melódicas, fazendo um tipo de referencia ao compasso do ritmo das músicas com mais batidas.

[6] O sentido é parecido ao "ficar de barato".

interessante, como ponto de partida e contraponto à outra rede social estudada, para investigar e analisar como seus freqüentadores se preocupam com a estética, com os cuidados sanitários ou higiênicos e com os posicionamentos identitários. Além disso, vale salientar como esses valores e práticas se associavam, tal como se mostra nos trechos de entrevista com Malu, com idéias românticas de natureza (DUARTE, 1999) e de um ideário *New Age* (SCHWADE, 2006, 2011), que ficará mais evidente ao longo deste capítulo.

Aqui, sigo as considerações feitas por Elisete Schwade quando discute as possibilidades de ação e de representação relacionadas ao comportamento de uma parcela importante da sociedade brasileira, mais particularmente das camadas médias. Esses fatos tornaram-se perceptíveis entre as décadas de 1980 e 1990 a partir das influências, segundo essa autora, de "fenômenos neo-esotéricos", vinculados ao contexto da "contracultura". Compreendendo a complexa dificuldade de situar o *fenômeno neo-esotérico*, a autora nos alerta para as diferentes pesquisas que:

> enfatizam a dinâmica do fenômeno e sua complexidade, visto que ele está relacionado ao universo da religiosidade, do consumo, do lazer, das novas apropriações/construções acerca do corpo, entre outros (SCHWADE, 2006).

Esse "fenômeno", apresentado por Schwade, pode ser explicado por processos notados em estudos antropológicos mais antigos que tinham como foco a 'religiosidade difusa' que se apresentou neste momento histórico do país e que se desdobrou em, ao menos, duas ênfases apresentadas pela autora:

> ... valorização da espiritualidade associada a práticas de "cultivo da interioridade" e a construção de uma "nova visão ecológica", (...) [e a segunda] concentra-se na investigação de idéias e práticas de determinados segmentos do universo neo-esotérico (SCHWADE, 2006).

Estes estudos desenvolvem-se de várias formas. Por exemplo, há aqueles que tratam das "novas formas de expressões do sincretismo religioso", da "construção de discursos alternativos sobre o corpo e a saúde" ou, ainda, das "práticas como produtoras de estilos de vida" (Magnani, 1999). Destes dois últimos focos de interesse surge grande parte das inquietações presentes neste capítulo. Seguindo a autora quanto ao último aspecto:

> A referência ao estilo de vida está presente também no privilégio do segmento de adeptos ao neo-esoterismo por opções selecionadas de lazer (viagens, participação

> em eventos, literatura, filmes, entre outros), citados com freqüência em diversos estudos como demarcadores de comportamentos delineados por meio do contato e da interação com o neo-esoterismo, dando visibilidade a um fenômeno cujas expressões têm especial ressonância em segmentos médios urbanos. (SCHWADE, 2006).

A pesquisa de Schwade liga-se às questões levantadas na dissertação de mestrado de Tiago Coutinho Cavalcante (2008), que será melhor explorada mais adiante. Uma delas é a relação estabelecida a partir da noção de *campo intermediário*, situado pela autora:

> ... entre o exercício esporádico de uma prática neo-esotérica orientada pelos apelos do mercado de consumo, de um lado, e o engajamento num ideal de sociedade que se pretende realizar nas comunidades rurais alternativas, de outro (SCHWADE, 2006).

Percebo que essas questões se expressam ou ressaltam na rede social que estou abordando neste capítulo. Em outro trabalho etnográfico de Schwade (2011), pode-se perceber as práticas presentes entre pessoas que freqüentam o **Encontro da Nova Consciência** (ENC), evento realizado em Campina Grande (Paraíba) durante o carnaval. Arrisco dizer que há um ideário que guia os jovens que freqüentam as festas *raves trance* e os festivais de música eletrônica, que se aproxima muito das características elencadas pela autora:

> no período de carnaval a cada ano, no mesmo ritmo em que alimentam, no decorrer do ano, diferentes formas de cultivo da espiritualidade, cuidado do corpo, do self e da natureza, como parte de um circuito de disseminação de tais práticas (...). Um olhar atento sobre a dinâmica do ENC se justifica pela sua ênfase em uma perspectiva multicultural, agenda da sociedade contemporânea, ancorada de modo particular no cultivo da espiritualidade. Tal perspectiva, o multiculturalismo como diálogo, encontro, estimula a pensar em possibilidades abertas para incorporar aspectos relacionados à ecologia, à espiritualidade e ao feminino, o que conecta o ENC com processos de reflexão em curso na sociedade contemporânea, em escalas nacionais e até globais (SCHWADE, 2011, p. 184).

Certamente, não podemos deixar de considerar que as festas são espaços-tempo de sociabilidade mais vinculadas ao lazer. Por durarem tempo menor, as festas não se caracterizam de modo tão semelhante ao que Schwade descreveu, mas apresentam, porém, alguns dos seus aspectos. Acredito que os festivais, que têm vários dias de duração e congregam milhares de pessoas, evidenciam uma mescla do ideário *New age* com características extremamente *mundanas e hedonistas*. Cavalcante (2005, 2008)

retratou que os festivais de música eletrônica são locais em que a influência de idéias 'nova era' e de valores orientalizantes guiavam muitas práticas e atitudes dos jovens que conviviam durante vários dias (de 5 a 7 dias) em torno clima de festas, *workshops*, oficinas, palestras, etc. Deve ficar claro, porém, que a rede social do Studio expunha algo comum ao universo *new age*, o que será percebido no decorrer deste capítulo. Isso será abordado através das entrevistas e da observação realizada no próprio Studio, em festas e festivais que acompanhei com membros desta rede social.

Para maior esclarecimento, posso dizer que a rede social do *Studio* se compunha de jovens que se diziam pertencer à classe média e que trabalhavam desenhando, tatuando, aplicando *piercings*, elaborando materiais e ornamentos utilizados em festas de estilo *rave*, mas também cuidando da organização e da limpeza do Studio. Parte destes jovens fazia parte de um coletivo onde o estudo do calendário Maia, apresentação e experimentos com práticas de permacultura, alimentação saudável, terapias alternativas, práticas de esportes e exercícios como yoga e tai chi chuan eram postos em pauta nos encontros do coletivo que reunia parte da **rede social do Studio**. Tanto nas festas que eles participavam e organizavam como nos festivais que alguns estiveram presentes em menor ou maior proporção mostravam expressões destas pautas e interesses.

2.1 Apresentando os atores da rede social do Studio:

Pretendo apresentar algumas pessoas que se tornaram meus principais interlocutores sobre e no Studio. Em primeiro lugar, Marcelo, com 34 anos na época, que se tornou meu principal interlocutor na rede social do Studio em razão das funções que desempenhava como tatuador e Dj. Era um rapaz de estatura mediana, cujo corpo era coberto, em boa parte, por tatuagens. Usava cabelos curtos e tinha uma musculatura bem definida. Contudo, usava uma perna mecânica em decorrência de um acidente de carro que tinha sofrido com alguns amigos quando era adolescente. Um de seus amigos chegou a falecer no desastre. Ele não chegou a completar o curso universitário de enfermagem, tendo abondonado já em seu último semestre de formação. Quando realizei a pesquisa, ele se dizia tatuador e Dj. Eu sabia que também surfava. Marcelo chegou a lembrar que durante algum tempo na adolescência e juventude tocou em bandas de rock em Fortaleza:

> "tenho uma história com música muito antiga, comecei a tocar em bandas desde a adolescência, toquei em bandas que iam do punk hard-core ao hip-hop. E quando a '**cena eletrônica**', digamos assim, começou a chegar em Fortaleza, era governada por um estilo musical chamado *techno*. Porque os pioneiros da coisa do eletrônico aqui, de fazer música com o computador, eram pessoas que tinham influência da Alemanha. E a cena alemã era estritamente de um estilo musical chamado *techno*. Que é um estilo musical *underground*, de clubes *underground* da Europa. Então no começo eu tive até...meio que uma não-identificação com a música eletrônica, porque eu não me identificava com o tipo de som, com a batida dura que o *techno* tinha, e não me identificava...não sei...não me identificava com nada, sabe. Até que um dia eu fui para uma festa em que misturou dois tipos de música: o *techno* e o *trance* que já era um estilo bem difundido pelo Brasil, mas até então não muito difundido no Ceará. Porque, como eu disse, a cena era predominante *techno*. Ai pronto, quando eu escutei pela primeira vez nessa apresentação de um DJ de *trance eu estava sob o uso, de um ácido, ácido lisérgico. E foi impressionante, sabe?! Impressionante como as freqüências da música do trance trabalham meio que de forma associada, eu acho isso, meio que ao LSD. E gera mesmo estados de consciência alterados*" (entrevista com Marcelo, tatuador e DJ; grifos meus).

O uso da expressão "cena eletrônica" remete a um fenômeno mais amplo e globalizado, tal como se refere Tatiana Bacal (2003) ao equiparar as expressões "cultura da música eletrônica" ou "cena eletrônica" que segundo a autora integra *estilos de vida*, clubes noturnos e gosto musical. Tomando como *mito de origem*:

> a cultura dos clubes noturnos e do acid house em Londres durante os anos 1980, com uma subseqüente abertura para as raves (a transposição dos elementos dos clubes para espaços ao ar livre) (BACAL, 2003).

Outras releituras, apropriações e adaptações passaram a ser feitas nas mais diversas partes do mundo, inclusive no Brsail, durante as duas últimas décadas que seguiram a esse "início" estilístico-musical-societário.

Nessa pesquisa, as festas de música eletrônica e as práticas engendradas no decorrer de tais eventos se diferenciam em graus de gosto e de intensidade. Como pude mostrar no capítulo anterior, havia festas com música 'eletrônica' em diferentes ambientes e o que contribuia para aglutinação de distintos públicos que "curtiam" variados gêneros musicais e usavam diversas substâncias para alterar o humor, a consciência e as sensações. Por exemplo, nas festas que aconteciam em boates, a presença explícita e/ou pública da bebida alcoólica era muito mais perceptível do que nas festas em locais abertos, que ainda assim faz-se perceptível, mas em menor grau. Os energéticos eram substâncias muito presentes em ambos os ambientes. Por vezes, as empresas que os produziam fazem parte do conjunto de financiadores dos eventos, tal

como mostrei no capitulo anterior. O uso de MDMA (princípio ativo do *ecstasy*) se dava em variados tipos de ambientes, mas pude observar mais diretamente nas festas e festivais de música eletrônica, porém posso afirmar que, por exemplo, numa micareta[7] ou numa parada pela diversidade sexual o uso também acontece conforme tenho ouvido relatos.

É interessante notar que para Marcelo, assim como para alguns outros interlocutores, a presença da *sinestesia*, ou seja, associar a sensação atribuída ao efeito físico da substância junto com a percepção do som da música eletrônica, além da presença de outras pessoas entendidas como amigos ou próximos que se afinam em algumas características, eram importantes fatores e/ou aspectos que contribuiam para a festa ser bem sucedida.

Em segundo lugar, vale lembrar de Maria, na época namorada de Marcelo, que foram as pessoas que facilitaram meus primeiros contatos com outras que trabalhavam no Studio. Ela tinha 23 anos e chegou a cursar alguns semestres do curso de graduação em Ciências Sociais. Viveu em Fortaleza até o ano de 2007, quando passou a morar em Goiás. Antes disso, trabalhava no *Studio* aplicando *piercings*, fabricando e praticando malabares, trabalhava com ornamentações de festas e com animação das festas fazendo apresentações com malabares. Quando iniciei a pesquisa etnográfica, ela não mais trabalhava mais no lugar e também não namorava mais com Marcelo. Contudo, foi uma pessoa importante para que eu criasse relações com os membros da rede social estudada. Ela disse que durante algum tempo usou *ecstasy* e LSD, mas na época em que nos falamos não estava mais utilizando *ecstasy* por não gostar mais dos efeitos da substância. Contou que prefere tomar LSD em algumas ocasiões especiais, tais como viagens ou festas. Em uma de nossas conversas, comentei com Maria que eu tinha a impressão de haver uma enorme valorização da tatuagem entre as pessoas que freqüentavam as festas rave (*psy trance*) em Fortaleza. Ela me respondeu que havia muito mais a agregação entre as pessoas que "fazem práticas alternativas" que chamou de 'egrégoras' e não apenas pessoas que tinham tatuagens em seus corpos. A fala de Maria denota o aspecto gregário que é possível de ser remetido à discussão de Schwade (2011) sobre as práticas ligadas ao ideário *New Age*.

Logo no início da pesquisa, eu e Maria nos encontramos e ficamos conversando

[7] Tipo de evento festivo caracteristicamente conduzido em ruas por trios elétricos seguidos por blocos, onde o principal ritmo tocado é o *axé music*. No Brasil, esses eventos iniciaram-se nos anos 1980 na Bahia e espalharam-se pelas grandes cidades do Nordeste. No Ceará, no final de julho, acontece o Fortal.

em um bar que ela própria havia escolhido, situado em um bairro universitário. Nesse lugar, circulavam muitos jovens, além de outras pessoas de idades variadas. Já estávamos lá há algum tempo e eu tinha explicado os objetivos da pesquisa e negociado a gravação de nossa conversa, mesmo considerando a acústica do local, pouco conveniente para a gravação, quando chegou Dourade, um outro interlocutor-chave. Na verdade, ele era um dos "nós" (Barnes, 1987 [1966]), isto é, os elos por onde as duas redes sociais estudadas se conectavam, pois ele tanto convivia com as pessoas que ouviam, participavam e organizavam festas de música eletrônica como conhecia e convivia com alguns dos rapazes que conviviam na **rede social da *Funhouse***.

Maria chegou a explicar que Dourade era um "tipo" específico de freqüentador de *rave*, pois ele "não é daquela galera que gosta, ... mas que tá as vezes estimulado a ir numa festa". Assim como Sininho, eram pessoas que não freqüentavam sempre as festas *rave*, mas usavam, assim mesmo, algum tipo de psicoativo sintético e passavam a noite e um pouco mais entre os amigos. Pode-se ainda dizer que os cursos de ensino superior das Universidades, tanto a federal como a estadual, eram um espaço também de articulação, diferenciação e orientação interna das pessoas que compunham as duas redes sociais, que foram formadas exatamente através desses encontros e relações criadas nos ambientes universitários. Além de se estender para o entorno do campus, como bares, lanchonetes, e outros espaços onde se socializavam.

Outro informante que encontrei no Studio foi Jorginho, um tatuador de 35 anos que se admitia pertencer à classe média. Disse ter escolhido esse pseudônimo por causa da identificação com a maconha. Explicou que Jorge era um dos nomes usados ao falar da erva. Foi ele uma das pessoas que mais pude conversar no *Studio* por ser muito extrovertido e por ter uma vasta experiência de festas, além de ter participado de alguns festivais e exibir, igualmente, um certo saber prático sobre o uso da planta popularmente conhecida como "zabumba" (*Brugmansia suaveolens* da família da *Datura*) que tem como característica ser um anticolinérgico[8]. Devo ressaltar que ele afirmava não tomar bebidas alcoolicas, o que lhe diferenciava da maioria das pessoas com as quais convivia no trabalho e no lazer. Também relatou não usar mais cocaína, chegando até a enfatizar

[8] São plantas e substâncias sintéticas que possuem em comum uma série de efeitos no corpo humano. Entre as plantas temos as popularmente conhecidas como Saia Branca, Lírio, Trombeta, Trombeteira, Zabumba, Cartucho, Estramônio, entre outras. São plantas do gênero Datura e que produzem duas substâncias a atropina e a escopolamina, que são as responsáveis pelos efeitos. Entre as substâncias sintéticas temos aquelas com o mesmo tipo de efeitos que as substâncias naturais (atropina e escopolamina) e estão presentes em medicamentos como o Artane® , o Akineton® , além de colírios e outros (informações acessadas no site do CEBRID).

com a seguinte expressão: “Graças a Deus!”. Discutirei mais longamente sobre esse relato de experiência em tópico mais adiante, porque a discussão tem implicações mais densas sobre o meu trabalho em geral. Além disso, quando perguntei a Jorginho se ele se considerava um artista ou um tatuador, ele respondeu:

> ... um artista-tatuador, com certeza uma coisa não implica na outra, porque tem tatuador que não é artista, apenas aplica pigmento na pele por um único motivo "dinheiro". Se este mesmo tivesse a oportunidade de ganhar mais, fazendo outra coisa, certamente o faria. Faço arte na pele, e também no papel, nas telas, paredes e etc... Por isso me vejo como um artista tatuador. (entrevista, julho de 2008)

Veja como uma junção de categorias funcionais para o interlocutor parece levantar um sentido observado de implicações de mercado e de interesses que ele traz consigo. Ele era uma das pessoas que também ornamentava festas *raves* com painéis e peças decorativas, mas, cotidianamente, trabalhava fazendo tatuagens. O que Jorginho parece querer dizer, ao dar ênfase na junção das duas “categorias” por mim levantadas, é de que não ele simplesmente um tatuador, mas se considerava, sobretudo, um artista. Destacava sua própria representação sobre a versatilidade que tem um artista, diferenciando-se do que entende por um tipo de produção por interesses simplesmente financeiros.

Gal foi outra pessoa com quem pude conversar e realizar entrevistas gravadas. Ela não nasceu no Ceará, mas viveu muitos anos nesse estado, segundo me explicou. Desde os dezesseis anos, ela freqüentava festas de música eletrônica. No período da pesquisa, ela estava com 24 anos e trabalhava como tatuadora, ornamentadora e malabarista. Encontramo-nos apenas quatro vezes, pois em junho de 2008 ela foi viver em outro país e não tivemos mais contatos. Com ela, pude obter algumas informações interessantes sobre o uso prolongado de psicoativos sintéticos entre mulheres, fator importante a tratar, considerando diferenças de gênero, que não podem ser menosprezadas, tomando meus interlocutores como pessoas em suas particularidades. Segundo Gal, havia certos temores entre suas amigas sobre o possível efeito negativo do uso de substâncias sobre a regularidade do ciclo menstrual feminino. Apresentei episódios em que ela foi a interlocutora no capítulo inicial da dissertação. Mais adiante no presente capítulo, chego a falar um pouco mais dela, quando apresentarei elementos etnográficos da festa “Zona Vibe”. No evento, era ela quem jogava “malabares com fogo”.

Além dos três interlocutores citados, vale notar Cristiano, um rapaz de mais ou

menos 28 anos. Era também tatuador, mas não freqüentava muito as festas de música eletrônica, nem conhecia tanto sobre o uso de substâncias sintéticas, tal como me explicou. Não conversava muito e percebi que gostava de ouvir as pessoas falando sobre suas experiências de uso enquanto fumava maconha no quintal do Studio de tatuagens com os colegas de trabalho e alguns amigos visitantes. Ele se divertia com as narrativas cômicas dos efeitos causados por falta de conhecimento do neófito ou por excesso de ousadia dos iniciados. Pude acompanhar com ele a parte inicial do processo de reutilização das agulhas de tatuagem. Ele fazia a primeira fase: a limpeza e a solda antes das agulhas passarem pela autoclave, processo que será mostrado em maiores detalhes no decorrer deste capítulo, instrumento importante para este estudo, pois ele coloca questões interessantes sobre os usos dos corpos e do controle dos riscos (ou não) com o uso e manipulação de objetos perfurantes ou cortantes.

Sérgio era o "zelador" do local, pois cuidava do espaço físico do Studio. Era o responsável por organizar a casa onde funcionava o estúdio de tatuagens e o quintal, verificando a estrutura das paredes antigas hora ou outra mostrava as marcas do tempo (casas de cupim) e o telhado, se havia cupins e outros insetos era ele quem providenciava a maneira de se livrar, prezando por não usar inseticidas, porém nem sempre conseguindo. Cuidava das plantas e fazia suas podas. Tinha 28 anos e fazia graduação em Geografia em uma universidade pública. Tentava aplicar alguns de seus conhecimentos em permacultura no quintal do *Studio*. Afirmou que quase nunca ia às festas de estilo "rave", mas ele me disse que estudava e usava plantas alucinógenas como uma forma de "abrir a mente". O cuidado com o jardim e com as plantas, enfim, mais geralmente, com a limpeza do espaço do Studio, era algo que preocupava de modo mais amplo a rede de profissionais e artistas, por dois motivos: primeiro porque a atividade comercial de tatuar e aplicar piercings envolvia certa estética, eficiência e qualidade (que nesse momento também agrega o fator da higiene) nos serviços prestados a pessoas que iriam ao lugar e entregavam seus corpos a profissionais autorizados a desempenhar aquelas atividades. Assim, havia necessidade de manter o espaço limpo, ornado com plantas e organizado. Um segundo motivo para que o zelador tivesse função importante no Studio era a vinculação de grande parte dos profissionais e artistas aos ideais *New Age*, o que os valorizava diante das pessoas que os visitavam, muitas delas participantes dos eventos de música eletrônica, mas também frente a clientes mais sensíveis ao que aqueles elementos representavam num contexto mais amplo – por exemplo, a ligação com a Terra.

Nesse período, também trabalhava no Studio um rapaz que era DJ e ainda fazia música eletrônica junto de Marcelo, mas com ele tive muito pouco contato. Imagino que isso aconteceu, principalmente, porque ele não me conhecia antes da pesquisa e também porque ele mostrava certa reserva de falar sobre os assuntos que eu estava pesquisando. Tratava-se de uma questão que, para ele, poderia incorrer em riscos, que desejava evitar. Não quis constrangê-lo por isso.

As pessoas até agora citadas foram aquelas que eu pude conhecer e me aproximar mais na pesquisa da rede social do Studio. Evidentemente, essa rede era muito mais ampla do que aqui eu posso apresentar, envolvendo mais pessoas do que as enunciadas nesse trabalho. Contudo, espero contornar essa limitação através da descrição de alguns aspectos etnográficos, que serão essenciais para eu poder desenvolver, em termos comparativos, com os da outra rede social, a da *Funhouse*. Estrategicamente, as duas redes vivenciavam experiências distintas, mas complementares, sobre os usos dos corpos, dos espaços sociais e das substâncias psicoativas, além dos controles e riscos quanto aos seus usos.

2.2 - *Zona Vibe* – Festa psy-trance: algumas considerações etnográficas.

Além das festas apresentadas no capítulo anterior, estive presente ainda na *rave* "Zona Vibe" durante o período etnográfico que discorreu entre maio e junho de 2008. Pude acompanhar, então, o tatuador e DJ Marcelo desde a preparação para a entrada na festa até o amanhecer, quando ele tocou na pista de dança. Na festa, encontrei-me com Gal, tal como disse antes, uma outra interlocutora da pesquisa, também tatuadora e ainda malabarista e decoradora. Primeiro, encontrei com Marcelo e um grupo de amigos dele num apartamento no Icaraí, distrito de Caucaia. Convidei meu amigo Nicolas, que estava em Fortaleza neste período, a me acompanhar, ele nunca havia ido a uma festa do estilo "*rave*". Antes de chegarmos ao apartamento, paramos na loja de conveniência de um posto de combustível e observamos boa quantidade de jovens bebendo e dançando, ao redor de carros com aparelhos de som ligados num volume brutal a ouvir forró. Imagine pelo menos quatro carros com estas características distribuídos no espaço de um posto de combustíveis de pequeno porte. Era algo pouco confortável, mas aquelas pessoas continuaram ali, radiantes. Ficamos em dúvida sobre o destino daqueles jovens, se seria um sítio ou parque de vaquejadas ali por perto ou se eles se preparavam também

para a "*rave*"? No apartamento, estava um grupo de 8 ou 9 pessoas, a maioria mulheres. Fumavam "baseado" e bebiam uísque, conversavam e riam. Quando chegamos, convidaram-nos para fumar como se nos estivessem dando as boas vindas (BECKER, 1971; MACRAE & SIMÕES, 2000). Ficamos no apartamento até aproximadamente 23 horas, quando nos dirigimos, de fato, à *rave*.

Ao chegarmos lá, podia-se notar a chegada de muitos carros. Mais próximo à portaria, havia barracas de venda de bebidas e lanches. Pude observar, outra vez, alguns carros com os porta-malas abertos de onde saía o som bastante alto de forró, o que pode sugerir as fronteiras fluidas entre estilos musicais e sociabilidades, além de uma segmentação muito definida ou fechada. Afinal, o que dizer de uma festa *rave* que tinha a presença de pessoas que pareciam estar se dirigindo a uma festa de forró? Comecei a entender, então, o que as pessoas que formavam a rede social do Studio estavam querendo dizer quando falavam que o ecstasy e a cocaína, o "pó", eram substâncias usadas também nos forrós. De certa forma, eles estavam querendo dizer que eram "drogas" consumidas não só em festas "rave", mas em outros ambientes com músicas diferentes da eletrônica, provavelmente rotulando de "boiadas" ou "boyzadas" como Marcelo, Jorginho e Maria se referiram às pessoas que freqüentavam essas festas "rave". Ligando esse fato às formas de aproveitar-se por motivos comerciais o que acontecia com as festas, Maria comentou que achava que o psy-trance "era a bola da vez", então, naquele momento da "cena eletrônica".

Marcelo disse que poderia nos colocar na festa sem pagarmos. Disse ter direito a ingressos para mais cinco outras pessoas que quisesse levar. Éramos seus convidados. Quando chegamos à portaria tivemos que esperar Marcelo buscar os ingressos e voltar para, em seguida, entramos. Ele entrou primeiro, pois já era uma pessoa conhecida dos que controlavam a entrada da festa. Entramos, mas antes de chegarmos ao local, onde passamos quase a noite toda, mais ou menos vinte metros de distância em frente ao palco principal, mais para o lado esquerdo, esperamos Marcelo ir buscar as mochilas que ele trazia com material de som, pois ele tocaria ao amanhecer, além de um litro de uísque. Parece haver alguns privilégios desfrutados por aqueles que trabalhavam na noite da festa ou eram reconhecidos como freqüentador assíduo da "cena eletrônica".

Durante a *rave*, fotografei algumas atividades que aconteciam comumente em tais festas *psy-trance*. Por exemplo, havia malabaristas, tal como Gal, além de pessoas dançando de modo bem característico. Aproveitei, assim, para mostrar nas imagens um pouco das vestimentas e adereços que compunham o "visual" de quem freqüentava

esses locais ou que se identificava com tal esilo de música. Além disso, havia uma ornamentação bem característica da festa. Por exemplo, veja:

Talvez como um dos pontos de mais destaque para essa etnografia foi o fato de poder acompanhar a negociação de venda de um selo de LSD que meu amigo iria tomar naquela noite. Foi através de Marcelo que conseguimos o contato da pessoa que estava vendendo na festa. Um selo custou 35 reais. Na hora da venda, a moça que "passou" o "doce"[9], colocou-o na mão dele e perguntou se iria precisar de tesoura, ele respondeu

[9] Gíria para se referir ao LDS, assim como ácido.

afirmando. Ela também tinha uma lanterninha para que se pudesse ver o processo de cortar o selo. Ela perguntou se alguma parte iria ser guardada e entregou um pequeno saquinho para que fosse acomodado com segurança, explicando que melhor acomodar em plástico ajudaria para não perder o principio ativo para um futuro uso com o efeito esperado. Voltando para onde o restante das pessoas estava, perguntei ao Marcelo o que ele havia tomado naquela noite e ele respondeu ter tomado umas doses de uísque e só "uma bandinha de doce", pois iria trabalhar ao amanhecer e não queria ficar "muito doido" na hora da apresentação. Disse que preferia estar mais concentrado quando tocava. Nessa hora, encontrei com Gal, que naquele dia estava fazendo sua despedida na festa, pois, tal como expliquei antes, ela estava indo em breve morar na Europa. Na hora que nos encontramos, ela me contou ter tomado duas "balas"[10] e um "doce", entendidos como sua celebração de despedida. Quando disse estar sob efeito das substâncias alegou: "hoje é festa, né?!". Em torno de cinco horas da manhã, ela começou a fazer uma apresentação com malabares de fogo. Usava uma roupa com algumas pontas nas mangas da blusa, nas bordas da saia e essas pontas tinham um brilho fluorescente. Isso ajudava a dar mais efeitos visuais na hora em que começou a fazer malabarismos.

[10] Gíria para designar o comprimido de ecstasy.

Numa entrevista que havia realizado anteriormente, Gal me dissera que não tomava mais "bala" por ter tido algumas "bad trips" e porque achava a "lombra do doce" mais interessante, inclusive para trabalhar. Afirmou nessa entrevista que quando pintava os painéis[11] das festas sempre estava "acidada"[12], mas quando trabalhava, equilibrando os malabares, evitava usar porque achava que perdia um pouco dos reflexos e, como os malabares eram feitos com fogo, tanto ela como outras pessoas podiam se ferir. Pouco tempo depois de Gal terminar sua apresentação, Marcelo saiu para organizar os materiais no palco, pois em seguida iria se apresentar.

Pode-se perceber como os contextos de sociabilidade e hedonismo, tal como a *rave Zona Vibe*, envolviam exatamente, em espaço público, o uso de substâncias psicoativas, que se associam a formas de dança e música específicas. Essa *rave* era freqüentada pelos membros da rede social do Studio, o que comportava, como sinais presentes da festa, os valores de espiritualidade *New Age* a que eles eram adeptos. Isso ficará mais claro na apresentação do espaço social do Studio. Além disso, pude perceber graus variados de preocupação com os usos e riscos dos corpos, quando se estava consumindo substâncias psicoativas. Ao mesmo tempo em que se estimulava e se preocupava com o auto-controle corporal e intersocial, era possível flexibilizar os graus de preocupação, associando-os com as idéias de intensidade e sensação, próprias do hedonismo, enquanto aspiração romântica (DUARTE, 1999).

2.3 – O Studio como espaço social:

Para entender um pouco mais o que está em jogo no caso dos usos das substâncias psicoativas nessa rede social específica, é preciso considerar um pouco sobre o espaço social em que essas pessoas, muitas vezes, se encontram: o Studio de tatuagem e *piercings*. Com esse intuito, tive a preocupação de observar exatamente os modos de se usar o corpo, além de mostrar os limites relativos aos sentidos de auto-controle e cuidado que esses modos de uso corporal acabam adquirindo no cotidiano de trabalho daquelas pessoas.

O *Studio* ficava sediado numa casa de construção antiga que sofreu pequenas

[11] Parte da ornamentação dos palcos.
[12] Alguma pessoa sob efeito de ácido lisérgico.

reformas e foi adaptada a um modelo de estabelecimento comercial. Estava localizada em uma área residencial "nobre" de Fortaleza. Funcionava no horário de dez horas da manhã às oitos horas da noite. Espacialmente, era composto por uma recepção, onde havia um balcão e um computador (ficava onde esse rapaz de bermuda azul está próximo).

Os tatuadores e seus clientes utilizavam esse instrumento para pesquisas de imagens ou para mostrar os desenhos que lhes pareciam mais interessantes. Nesse computador, eram também tocadas as músicas que se ouviam no *Studio* (lá pude ouvir musicas de *rock'n'roll* progressivo, *rap* e *hip hop*, música regional, mangue *beat*, *reggae*, *psy trance* e Goa music, *house*, tocadas por artistas mais variados, desde Pink Floyd a Bob Marley e Chico Science e Nação Zumbi, dentre outros). Na recepção, havia também um sofá em L, construído de alvenaria e forrado com almofadas cobertas por lona preta encostado na parede oposta ao balcão. Do sofá, via-se um flanelógrafo que expunha cartazes de festas, matérias de jornais sobre tatuadores ou mensagens ligadas à preservação do meio ambiente e, ao seu lado, ficava o alvará de funcionamento expedido pela ANVISA, importante aspecto que mostrava autorização oficial para as atividades realizadas no Studio, além de legitimar as idéias de controle sanitário e higiene. Um corredor ligava a recepção até a 'sala de esterilização', que ficava no fim da casa. Passava-se por uma "lojinha" e por três salas consecutivas.

A lojinha ficava localizada, então, no meio da casa. Parecia ser uma segunda recepção porque tinha três cadeiras onde as pessoas podiam se sentar. Ali ficavam expostos os troféus de premiação dos tatuadores que trabalhavam no Studio. Eram vendidos diversos tipos de adereço e objetos, desde *piercings*, brincos, alargadores de orelhas, colares, cintos, roupas (blusas e vestidos) até porta isqueiros, aparelhos para aplicação de rapé, piteiras e narguilés. Certo dia, Jorginho quis me ensinar a usar um aplicador de rapé. Esse aparelho era composto por dois canos, um mais longo (7 cms) e um mais curto (3 cms), ligados em forma de "V". Uma das extremidades do cano devia ficar na boca e a outra na narina por onde entrava o rapé. O tipo de sopro que devia ser dado, segundo Jorginho, deveria ser como se fosse cuspir, mas sem a saliva: um sopro forte, rápido e curto. Tinha o objetivo de lançar o rapé o mais profundo que se podia na narina. Vale salientar como a loja, onde se vendiam objetos e adereços corporais, tinha uma relação direta com instrumentos que voltavam-se às técnicas corporais para uso de substâncias mais variadas. Lembro aqui a esclarecedora noção do "ato tradicional das técnicas" quando Mauss (2003) argumenta em favor de que o autor da ação a sente como "um ato de ordem mecânica, física ou físico-química, e é efetuado com esse objetivo". Veja a imagem do ambiente da lojinha:

As salas ficavam do lado esquerdo do corredor. Duas delas serviam para fazer tatuagens e aplicar *piercings* e a terceira consistia em mais uma sala de tatuagem, mas ela acabou por ser transformada no estúdio de edição de música eletrônica onde Marcelo e o outro Dj produziam seus *set* musicais. Percebe-se aqui a correlação entre os espaços sociais de trabalho e diversão, que podiam alternar-se entre si, o Studio e a *rave* como sendo espaços de criação artística e profissionalismo.

Na casa, havia também o quintal que funcionava como o espaço particular e mais privado do Studio, onde seus membros conversavam de forma mais descontraída em alguns momentos do dia. Acompanhei algumas conversas deles nesse local durante tardes e noites. Quando saiam de dentro da casa para ir até o quintal, era, algumas vezes, para fumar maconha. Ouvi, por vezes, perguntarem uns aos outros se já eram "quatro e vinte" (16:20 hrs da tarde). Perguntei ao Marcelo o que isso significava ou representava. Ele respondeu que essa era a hora oficial, "mundialmente conhecida" depois da qual se podia fumar maconha. Isso pareceu representar a hora em que se poderia fumar maconha no Studio, pois seria o momento de descanso depois de um período de trabalho. Na segunda fase da pesquisa, em 2009, muito disso mudou, fato esse que discutirei no final desse capítulo.

Havia ainda uma saleta, cuja porta dava para o quintal e que continha um conjunto de livros que os membros do Studio denominavam de "biblioteca". Certa vez, Marcelo comentou com Cristiano que havia por lá um livro sobre mamíferos que possuía muitas imagens de animais. Pareceu-me ser uma indicação para que o rapaz,

que era mais jovem e menos experiente do que Marcelo, pudesse fazer pesquisas de imagens nos livros, que serviriam de inspiração para as tatuagens que seriam feitas.

O quintal era um lugar grande e bastante freqüentado pelas pessoas que trabalhavam e aquelas que mantinham relações de amizade ou erótico-afetivas com os profissionais do Studio. Nesse lugar, eram cultivadas algumas espécies de plantas ornamentais e frutíferas, ervas e ramas (manjericão, boldo, mamoeiro, maracujá, jerimum, etc) para o consumo das pessoas que lá circulavam. Uma das plantas que se destacava pela extensão e importância nos comentários era um pé de jerimum. Além de ser parte do que compunha a ornamentação fazendo a sombra de um beiral no terraço nos fundos do quintal, sustentada por uma armação de bambu, produzia bastantes jerimuns que as pessoas da "rede do Studio" levavam para casa ou presenteavam a outras pessoas. Lá eles falavam muito em permacultura[13] e como podiam colocar em ação o princípio dos 3R's (reduzir, reutilizar e reciclar). Estas técnicas de jardinagem eram muito valorizadas nas esferas sociais por onde circulavam ou pertenciam as pessoas desta rede. Quando estive no Festival Universo Paralelo, evento de música eletrônica, que foi realizado em Pratigi – BA, tentando acompanhar alguns interlocutores desta rede, pude ver que um dos espaços de destaque era a área de manejo alternativo de alimentos e energia. O local era uma espécie de laboratório rodeado por engenhocas e demonstrações de técnicas para utilizar e reaproveitar os restos de alimentos para que não agredisse ou, então, agredisse menos o meio ambiente. Numa das conversas no quintal, os membros do Studio discutiam sobre a viabilidade de uso e a difusão de "tecnologias limpas", tal como o uso de energia solar para colocar em funcionamento os mais diversos utensílios (fornos, sistemas de aquecimento de água, geladeiras, computadores, biodigestores, etc). Nessas investidas, eles iam obtendo progressos e insucessos nas suas experiências.

Do lado direito, num dos canteiros, havia uma "composteira"[14] que era foco de algumas conversas e discussões sobre o formato, o tempo de compostagem dos materiais, o local mais apropriado a ser colocado por conta da quantidade de sol a ser exposto (luz e calor). Enfim, quero mostrar com tudo isso que eles tentavam minimamente fazer testes e por que não, dar exemplos práticos do uso e manejo a partir

[13] Um conceito forjado pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren nos anos 1970 cujo significado quer dizer cultura permanente. Buscando "um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes úteis ao homem". (site: http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/)

[14] Tipo de deposito usado para curtir restos orgânicos, passando o tempo de 3 meses, para se transformar em composto orgânico que serve como adubo para outras plantas.

da permacultura e, porque não dizer testar propostas de desenvolvimento sustentável. Certo dia, ao chegar no Studio em um fim de tarde, encontrei Sérgio e Cristiano fazendo uma poda em parte da rama do pé de jerimum e cortando o tronco do mamoeiro que havia morrido. Eles utilizaram parte dos talos do mamoeiro para servir de xaxim às plantas trepadeiras (orquídeas) que estavam em pequenas mudas à espera de replantio. O restante do tronco foi para a composteira.

As conversas giravam em torno de discursos que alertavam para preocupações com os ecossistemas, a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Energia era um termo muito recorrente nas falas no que dizia respeito ao que transitava e circulava entre as pessoas: "good vibrations" das tendências mais hippies tornavam-se a "good vibe" entre alguns *ravers*. Energia seria algo a ser cuidado e preservado porque não seria renovável. Restava saber como fazer para manter e preservar a energia do corpo depois de 12 a 15 horas de dança ao som de música eletrônica, embalados pelo uso das mais diversas substâncias, tais como álcool, ecstasy, lsd, microponto, MDMA, etc... Quando perguntei a Marcelo como ele fazia para manter a energia nesses vários dias de participação no Universo Paralelo, ele me respondeu que algumas horas de sono já ajudavam a manter o "pique", além de usar energéticos, beber bastante água e se alimentar bem. Além disso, quando estava conversando com Marcelo sobre o significado da "cultura trance", ele explicou-me que seguia muito do que era difundido nos grandes festivais, tal como o manejo cuidadoso com o que cercava as pessoas e com as pessoas a que estava em contato. Era uma busca pelo equilíbrio entre corpo, mente e

natureza:

> "'Handas', sei que esse filme é muito legal. É um filme que fala de um psicanalista, contemporâneo do Timothy Lewis, que também fazia experiências com o ácido lisérgico. Só sei o nome espiritual dele: Handas. Depois de muitas experiências psicológicas que ele fez com ácido, acabou viajando pra Índia e entrou numas de espiritualidade, aí ele conheceu um guru na Índia que o nomeou de Handas. Handas é o nome espiritual desse cientista, é um cientista o cara! Um cara da ciência que depois foi para a questão do espiritualismo. Aí, ele volta para os Estados Unidos, já como guru e começa a fazer trabalhos com a população e tal. Aí, na época que ele tava no auge, ele sofre uma trombose e fica imóvel do corpo, completamente paralisado. Aí, o filme fala disso: *dessa busca da transcendência tanto pelo lado científico que foi no começo da vida dele, como pelo lado espiritual, e depois aborda um pouco a essa questão da nossa busca por uns sentidos na vida, sabe*?! Porque depois o filme termina assim: *ele procurando o sentido*... 'porra, eu tou paralisado, completamente no meu corpo, mas eu sinto que tenho uma missão por fazer ainda..." (Marcelo, entrevista, maio de 2008; grifos meus)

A junção da busca de uma transcendência pela ciência e pela espiritualidade é um discurso que se liga à tendência *New Age* adotada pelos *tranceiros* que participavam de muitos festivais. De acordo com Tiago Coutinho (2008) ao tratar dos festivais de música eletrônica objeto de sua pesquisa de mestrado:

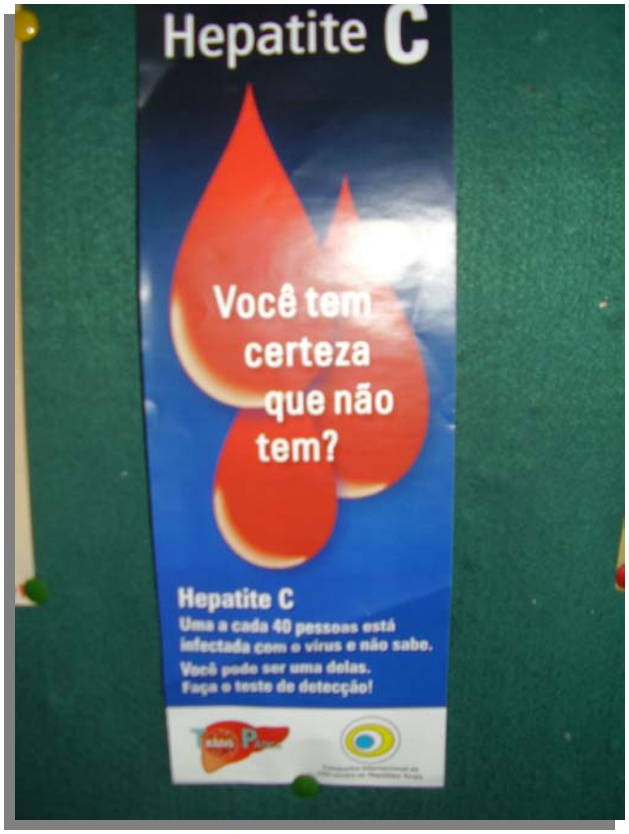
> O universo simbólico e performático propõe uma nova forma de obtenção de êxtase baseada em musica, performances, ambientes 'naturais' e estados alterados de consciência. A alteração da consciência e a manipulação do corpo acontecem através do consumo de substâncias psicoativas. Desde o mito de origem que apontaria uma continuidade com o movimento *hippie*, encontra-se este consumo associado aos símbolos e performances do evento (...) integrantes [do movimento *hippie*] saíram dos mais variados países, principalmente dos EUA, para se reencontrarem na praia indiana de Goa. O motivo da saída e do posterior encontro foi a 'busca por uma espiritualidade perdida' baseado em discursos e práticas orientais previamente traduzidas para o Ocidente, como por exemplo, os ensinamentos de Osho. A 'busca espiritual' proporcionou o surgimento de reuniões festivas ao ar livre. (p. 411-442)

No próprio quintal do *Studio*, eram organizados estudos sobre o calendário Maia na quintas feiras. Infelizmente, não pude acompanhar essas reuniões. Para Marcelo, a cultura *trance* não devia ser associada e reduzida apenas à música, mas também a outras questões, tais como a ecologia, a permacultura, a expansão da consciência. Essa articulação mostra como os gostos e estilos musicais estavam imbricados a, digamos, uma ideologia *New Age*, que fortalecia certas idéias ou valores sobre o sentido da natureza e dos usos e significados do corpo, o que estimulava a manutenção de certas experiências com algumas substâncias psicoativas, mas não com qualquer uma. Essas

"experiências" psicoativas expressavam-se através de modos particulares de se lidar com o próprio corpo e com as possibilidades de hedonismo que dele poderiam ser decorrentes. Essas questões servirão de contraste com a rede social da *Funhouse*, que analisarei no próximo capítulo. Além disso, pode-se constatar que o espaço social do Studio definia-se exatamente por uma meticulosa necessidade de manutenção de cuidado e contenção das formas de risco (à saúde, ao corpo, à vida, etc), o que se articulava à uma visão harmoniosa do mundo, que servia de inspiração e aspiração por parte de meus interlocutores dessa rede. Isso pode ficar mais evidente quando se observa o cuidado com a higienização e as práticas de contato com os corpos entre profissionais e clientes.

2.4 – Higienização:

Um outro fator que me chamou atenção foi a ênfase quanto aos cuidados com a limpeza e a esterilização dos materiais perfurantes no caso da rede social do Studio. Isso se dava de um modo diferente, digamos, do que ocorria no caso da rede social da Funhouse, tal como veremos no próximo capítulo. O tatuador e DJ Marcelo, que é uma espécie de organizador do Studio, em termos de Barnes (1987) pois, seria o "alfa" ou o "ego" nessa rede social, justificava o cuidado com a limpeza e a esterilização das agulhas de tatuagem ao dizer que era uma exigência do Ministério da Saúde, enquanto a fiscalização era executada pela ANVISA. Segundo ele, não havia uma fiscalização tão efetiva, mas eles achavam realmente necessária aquele tipo de segurança, inclusive para ganharem a confiança e a credibilidade dos clientes do Studio. Acredito que seus estudos, quase finalizados, do curso de enfermagem devem ter contribuído para o grau de cuidado com higiene e com a esterilização do local e dos objetos utilizados na tatuagem e nos *piercings*. Seriam efeitos biopolíticos (FOUCAULT, 1979) que se embrenham nos próprios discursos e práticas advindas da medicalização, agora refletidos em ambientes que lidam diretamente com o corpo, cujo cerne ideológico seria o cuidado com a vida.



No Studio, Carlos, mais um dos interlocutores desta rede, um rapaz de 26 anos com ensino médio completo, que trabalhava no Stúdio aplicando piercings, era o responsável pela segunda fase da esterilização dos bicos e das agulhas usadas para fazer tatuagem em uma saleta. Quando fiz pesquisa de campo, interessei-me em saber sobre os procedimentos necessários para o processo de esterilização e Carlos resolveu me explicar. Reparei que ele estava a fechar pacotes plásticos com "bicos e agulhas". Segundo os termos usados por esse interlocutor, os "bicos" são as partes da máquina que recobrem as agulhas. Durante a feitura da tatuagem, respingos de tinta e sangue se depositam no material. Por isso, devia-se realizar a limpeza e esterilização em equipamento específico e apropriado: as máquinas de auto-clave. Carlos mostrou-me, então, o papel e o líquido que estavam em cima da banqueta:

> - Carlos: "isso é pra limpeza [continua limpando, para mostrar]. Aí, embala tudinho e depois vai pro forno.
> - Pesquisadora: Como é mesmo o nome?
> - Carlos: Auto-clave.
> - Pesquisadora: E então você tira o excesso de tinta do que fica...é isso?
> - Carlos: Elas passam por um processo dissipador. Ficam mergulhadas, primeiro, num detergente enzimático. Afrouxando essas partículas de tinta que ficam presas nelas. Aí depois lava, escova direitinho, seca, embala e bota aí [aponta para o

> "forno"]. [...]
> - Pesquisadora : As duas partes diferentes ficam juntas na hora da tatuagem?
> - Carlos: A galera usa geralmente uma pro traço e outra pra pintura. Aqui eu estou embalando aleatório. Não estou separando parte, não. Aí, quando chega lá dentro de acordo com o trabalho que eles vão fazer, aí escolhe e corta.

Veja a seguir a seqüência de imagens de Carlos fazendo o processo final de higienização das agulhas.

Depois de passar por esse processo de esterilização através da máquina de autoclave, as agulhas eram levadas para às salas de tatuagem, todas embaladas e prontas para serem reutilizadas. Acompanhei o início de uma tatuagem feita por Marcelo na qual ele foi limpando com anti-séptico a mesinha onde punha os frascos descartáveis de tinta, a cama de tatuar, a base dos instrumentos que eram utilizados. Os fios da máquina de tatuar eram cobertos por um filme-plástico. Marcelo mostrou as agulhas sendo retiradas dos pacotes ao próprio cliente, disposto a mostrar seu cuidado com a higiene, mostrando o controle apropriado dos riscos, mas ainda esperando a anuência do cliente sobre o que ele estava fazendo, se era correto ou não. Além disso, a pele da pessoa a ser tatuada era também limpa com o anti-séptico. Segundo Marcelo, essa prática servia para tirar a gordura e a sujeira que ficavam sobre a pele do cliente. Durante o processo de higienização dos instrumentos na sala de tatuagens o tatuador ia dando indicações de como melhor conduzir o processo de cicatrização para quem iria se tatuar. Em seguida, o desenho em contorno de carbono era aplicado sobre a pele e iniciava-se, assim, a tatuagem.

Para tratar de noções como risco, medicalização, dor e embelezamento do corpo, utilizo aqui a argumentação do cientista social português Vitor Ferreira (2010) que analisou, de forma peculiar, o consumo de tatuagens e *body piercing* ao perceber certa flexibilidade com relação à sensação de dor e às emoções envolvidas na construção de corpos e de identidades juvenis, como resultantes de determinado estilo de vida que valoriza mais o resultado em oposição aos "transtornos" causados pelos meios de obtê-los:

> onde imperam valores que vão no sentido de acentuar o valor individual da pessoa, muitas experiências sociais necessitam ser compreendidas como estratégias escapatórias a uma subsistência anódina e anónima, empreendidas no sentido da visibilização, da demarcação, da procura de distinção e reconhecimento social de uma existência individual (FERREIRA, 2010)

Ou ainda, como Ferreira lembra, disposto a considerar as questões específicas que envolvem o uso de instrumentos perfurocortantes, há uma busca de informações que garantam o mínimo de segurança e de cuidados com os instrumentos que envolvem a aplicação de *body piercieng* ou a marcação do corpo com agulhas, pois isso se apresenta por uma recente preocupação com o controle e a disciplina sanitária nas práticas relatadas. Estes "novos" profissionais, como bem percebeu Zeila Costa (2004) em estudo sobre tatuadores de Florianópolis (SC), passam a ter maior rigor com relação a noção de profissionalismo e higiene a partir de meados dos anos 1990. Podemos situar a maior vigilância com relação aos controles higiênicos em razão dos efeitos sociais e políticos causados pela epidemia da AIDS no Brasil, mesmo globalmente, em vista de resguardar as pessoas da transmissão do HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis. Como desdobramento deste evento, pode-se pensar o fortalecimento do movimento pró-redução de danos, que tratarei mais longamente no ultimo capítulo dessa dissertação.

Deve-se reparar, portanto, no controle meticuloso e do cuidado próprio no processo de esterilização e de posterior realização da tatuagem, o que sugere, tal como percebi, práticas muito próximas da medicina moderna. O cuidado com a limpeza, o controle e a evitação das trocas de fluídos corporais, além da busca de redução de riscos na prática profissional daquelas pessoas, apresentava-se ainda, em paralelo, à própria disciplina quanto aos usos de substâncias psicoativas. Pode-se pensar aqui nas razões para que aqueles profissionais de construção do corpo tatuado e perfurado tivessem instituído e, em certo momento, até mesmo abolido o horário diário de uso da maconha

daquele ambiente do Studio, após as 16:20, tal como um dos meus interlocutores me afirmou, um ano depois. O embelezamento do corpo por meio da tatuagem e das aplicações de *piercings* não poderia se misturar, seguindo aqui as idéias de Mary Douglas (1979), com outras experiências, ao menos em momentos bem definidos, o de uso de maconha ou outras substâncias psicoativas.

2.5 - "Drogas fáceis": uso de substâncias psicoativas, controle e redução de danos.

Agora, minha proposta é a de mostrar certas experiências com o uso de substâncias psicoativas, mostrando sua variedade de sentidos entre os membros da rede social do Studio. De início, tomo o relato de Jorginho que, certa vez, me contou em detalhes das dificuldades que passou durante o período em que se considerou "viciado em pó", segundo ele, uma de suas piores experiências com drogas. Jorginho relatou que, no início, cheirava uma vez por mês. Pouco tempo depois, usava toda semana e, por fim, quando "chegou ao fundo do poço", segundo ele, cheirava durante todo fim de semana. Explicou que tinha uma estratégia para se manter usando "pó", a única que parecia possível para ele: comercializar cocaína para os colegas. Como não provinha de família com muitos recursos econômicos e não tinha um emprego que lhe rendesse o suficiente para manter seu ritmo do consumo, fazia o "canal" para seus amigos. Ressaltou, porém, que nunca mais queria viver daquele jeito, repetindo que tinha "chegado ao fundo do poço". Em seu relato, chegou a dizer, comparativamente, que havia coisas bem piores, citando o uso injetável como algo que lhe parecia mais degradante que a "cheirar todo final de semana". Mesmo dizendo nunca ter usado injetáveis, quando lhe perguntei, Jorginho afirmou que era "uma 'pancada' muito mais forte", explicando: "quando você cheira fica sob efeito uns 30 minutos, quando você se aplica o efeito só dura de 10 a 20 minutos e a fissura é muito maior". Em uma de nossas conversas, teceu a comparação entre as síndromes de abstinência, explicando que as de morfina e cocaína eram as mais fortes:

"... como têm lá no livro da Christiane F[15]. A coceira que ela fala! Chega a usar

[15] O interlocutor remeteu-se ao conhecido filme ou livro cuja autoria é dos jornalistas alemães Kai Hermann e Horst Hieck, que participaram do julgamento de uma adolescente presa acusada de ser usuária de heroína e convidaram-na para uma série de entrevistas publicas na revista alemã *Stern*, em 1979. O livro é o compilado dessas entrevistas e foi apresentado como a autobiografia de Christiane

> uma tábua feita com pregos para aliviar a coceira. Para sair de um negócio desses são raros os casos, se não tiver uma ajuda" (entrevista, julho de 2008).

Aparece aqui um ponto em comum entre as pessoas que relatam suas lembranças sobre os usos de substâncias psicoativas. Falar de suas vidas e de experiências ligadas ao tema, trazendo lembranças de momentos de prazer, alegria, diversão, introspecção, descobertas sobre si, mas também as experiências ou eventos que lhes pareceram problemáticos, tais como a angustia, a aflição e a dor, são, em geral, o que se espera e o que se encontra em entrevistas como as realizadas nessa pesquisa. Interessa aqui notar quando as experiências ou eventos são colocados em perspectiva com outras práticas, a do uso de injetáveis, por exemplo, consideradas mais pesadas, ou ainda a do uso do "chá de zabumba" que tem em seu efeito características alucinógenas bastante fortes. Frente a essas outras situações, o descontrole que Jorginho apresentou ao relatar seu modo de usar cocaína parece ter menor peso. Comparar a prática de inalar cocaína com a de injetar cocaína e morfina ou de tomar chá de zabumba parece aliviar uma assombrosa experiência que, naquele momento, agradeceu por lhe parecer distante. A pergunta sobre como era a relação de alguém com o uso de "drogas" traz à baila as boas experiência e as más também, as sensações de intensidade. As boas eram geralmente contadas em tom de descontração, risos e brincadeiras e se comentadas em companhia de amigos, instigavam a esses com um tom de incluí-los na dinâmica do relato, tal como veremos mais adiante, ou de perguntar se a pessoa lembrava do dia em que foram numa "bocada" e, depois, saíram para se divertir em uma noite de festa. Chega-se a falar os nomes dos comerciantes ou os locais onde foram compradas substâncias ilícitas. Comentava-se ainda das ocasiões em que ele ou ela ficou "vendo" coisas estranhas, sentindo a presença de outros seres ou ainda as ocasiões em que teve um "flash back"[16], relatando das situações que foram ruins, que eram tratadas com pesar: "espero nunca mais viver isso" ou "ainda bem que isso passou". Mas mostrava-se também um anseio de conhecer e buscar informações sobre os usos de substâncias, o que os arremessava à literatura. Como veremos no próximo capítulo, isso estava também presente na fala dos interlocutores da **rede social Funhouse.**

No momento em que nos encontramos, Jorginho não fazia mais uso de cocaína.

Vera Felscherinow. No Brasil o título do livro foi traduzido como: *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída*.

[16] Sensação de retorno a "lombra" mesmo sem está sob efeito direto da substância. É como se fosse uma memória daquele momento que fica guardada no corpo e que tempos depois reaviva-se e volta a aparecer como um clarão.

Perguntei a ele porque mudou de atitude, o que ele me respondeu: "botei numa balança o que eu ganhava e o que eu perdia". Falou das festas que deixava de ir porque não podia cheirar em razão (da presença) das outras pessoas - aqui não sei bem o que lhe impedia – se era a possibilidade/necessidade de ter que dividir o que tinha para seu próprio consumo ou se era a imagem que deixava transparecer do "cheirador", do "viciado"? Contou que preferia ficar *cheirando* em casa sozinho. Além disso, deixava de namorar, pois seu dinheiro era gasto apenas com cocaína, não sobrava mais nada para outros programas:

> E o pior é no outro dia. Além de você perder a noite toda só, cheirando, fica com mal-estar, fica fraco, parece que levou foi uma pisa e, além disso tudo, a depressão fodida. É por isso que tem muita gente que se mata. Muitas overdoses que têm aí, o pessoal diz que é porque o cara não se ligou, cheirou demais sem se ligar... mas, não é não. É o cara que toma a droga para se matar, mesmo. Chega o cara no hospital com morte por overdose e ninguém cogita que ele botou uma dose maior e cheirou, fez isso para se matar, ninguém cogita. Isso passa na cabeça de todo mundo que tá muito viciado. (entrevista, julho de 2008)

É interessante perceber, nesse trecho de entrevista, como ele deixa transparecer um ponto da relação entre prazer e morte, que seria limítrofe, para quem está numa relação de conflito quanto ao uso de psicoativos. Certamente, tratava-se de uma experiência particular, que permite fazer paralelos a outras, mas não tenho a intenção de generalizar sobre a consciência da falta de controle. E, ele continuou explicando:

> Conheço gente que há muitos anos cheira pouquinho. Aí, tudo bem, mas eu não consegui. Diferente do doce (LSD) que uso em algumas ocasiões e isso me custa R$ 30,00 ou R$ 35,00. Se fosse pó, gastaria numa noite o mínimo de R$100,00. Já não bebo álcool. Aí gosto de bala (ecstasy), que tem MDMA, cafeína e anfetamina e dependendo de onde for comprar pago R$ 25,00 a R$ 35,00. Nos festivais de música eletrônica uma galera tava vendendo MD em pó, MD é o princípio ativo da bala, só que é puro MD. Ela que dá a sensação de prazer, sabe?! Estavam vendendo uma parada de R$ 200,00, que dá pra umas seis doses... Mas com essas coisas, escolho a hora de tomar a dose – no reveillon, bem na hora da virada do ano, mesmo, quando tocam os melhores projetos, aí digo: vou tomar agora e curto aquele momento. (entrevista, julho de 2008).

O que percebi no relato de Jorginho sobre sua trajetória de uso de substâncias psicoativas foi a presença de certo cálculo, não só monetário, do que ele gastava ou ganhava com a comercialização das substâncias, mas certa economia emocional, social e moral que dizia respeito às sensações, as interações e ao projeto de vida, inclusive de futuro, quanto às práticas que adotava para si. Ao dizer ter "chegado ao fundo do poço"

antes de se recuperar, afirmava, de modo enfático, que não queria voltar a usar cocaína, deixando claro suas próprias projeções de futuro, imprimindo certo significado ao controle regrado que ele próprio adquiriu e aprendeu do consumo de certas substâncias. Em algumas das conversas com seus amigos, eles se referiam a Jorginho como um "cara" que "usa de tudo, mas sabe segurar a onda", o que implicava o significado de que, mesmo fazendo vasto uso de substâncias psicoativas, ele conseguia manter-se, fisicamente, socialmente e moralmente bem, ou seja, controlado. Essa idéia sugere a importância de manutenção de auto-controle também no uso de substâncias, tal como se aplica à rede social do Studio. Mas há ainda outros aspectos desse auto-controle, que se realizava através das relações e dinâmicas societárias, tal como notei, certa vez, ao ouvir sobre a prática de *poitar*:

> - "Poitar!!! Tu sabe o que é poitar?!
> - É ancorar o barco, né?! (responde o Dj)
> - Não. Aqui a gente chama poitar... é encarnar na pessoa. Ficar na aba...!" (conversa acompanhada depois das 16:20 no quintal do Studio)

Em termos societários, um dos aspectos que pude reparar foi que as conversas cotidianas pareciam ser reguladoras ou atualizadoras de saberes e práticas sobre substâncias psicoativas, pois, através delas, os conhecimentos eram também difundidos nas pequenas circunscrições das redes. Desse modo, algumas histórias eram contadas, muitas vezes em tons de anedota. Um aspecto deve ser aqui ressaltado, qual seja, a reconhecida "molecagem" do cearense, embora eu não tenha condições de aprofundá-lo aqui. Essas brincadeiras em tom de galhofa serviam tanto para esclarecer como para estabelecer certos graus de conhecimento sobre o uso e o manejo de substâncias psicoativas. Certa vez, sorrindo, Cristiano, iniciou uma conversa com o tatuador e DJ Marcelo, que se tornou foco de chacota ou jocosidade:

> - Cristiano: E DJ (risos) que comeu cogumelo da bosta do cachorro?
> - DJ: Eu acho que era?! Podia ser de gato, de gado, sei lá...
> - Cristiano: O Jorginho tava (outro dia) falando que já tinha comido o cogu da bosta do zebu, do boi normal também...aí o Dj falou: "nãااão, eu já comi!"
> - DJ; Tava no jardim do shopping, ó cara. Eu vi lá o bichinho bem bonitinho...e tinha uma festa pra ir mais tarde, e eu tava liso, sabe?!
> - Cristiano: Deu foi uma dor de cabeça?! (risos)
> - Sérgio: Drogas fáceis!
> - Pesquisadora: E deu lombra?
> - DJ: Deu foi uma lombra muito doida. (...) Fui bater no hospital pra fazer uma lavagem estomacal. Infecção mesmo!

A discussão sobre *lombra* aponta para uma preocupação com essas formas regularizadoras ou atualizadoras de saberes e práticas sobre substâncias psicoativas, que se viabilizavam através de relatos, conversas e relações jocosas. Certa vez que fui ao Studio, meus interlocutores estavam assistindo a um vídeo sobre o Boom Festival, a que já me referi antes, realizado bianualmente em Portugal. Marcelo tinha participado do evento e fez alguns comentários sobre o manejo sustentável do turismo e da festa na região, os cuidados com o corpo, mas ainda relatando das lombras que havia "curtido" no local. Essas conversas podiam ainda tratar da participação das pessoas que compunham a rede do Studio em festas do tipo 'rave', quando elas podiam freqüentar com o pretexto exclusivo de diversão ou de trabalho, quando eram convidados a fazer alguma atividade, mesmo organizar tais eventos. Estes momentos e ocasiões foram essenciais para que eu pudesse acompanhar como as pessoas da rede do Studio descreviam as experiências nas festas que estiveram e como lidavam com o uso de substâncias psicoativas, além de diversão, de arte e do trabalho nesses locais.

Como afirmei um pouco mais cedo no texto, ter energia seria algo valorizado, cuidado e preservado, pois o risco de sua perda seria sempre presente. Uma longa noite embalada por música eletrônica e havendo consumo das mais diversas substâncias, tais como álcool, ecstasy, Lsd, microponto, poderia implicar *lombra*, mas ainda desgastes e riscos que seriam alvo de atenção. Era assim que Marcelo justificava dormir algumas horas de sono para que pudesse continuar com seu "pique" como DJ, além de alimentar-se bem e tomar alguns energéticos, que substituíam, supostamente de modo menos arriscado, outras formas de estimulantes. Vale ainda lembrar a jovem Gal que usava malabares de fogo e cujos discursos alternavam entre cuidado no uso de substâncias psicoativas, tanto para não se colocar em risco como aos outros, mas que ainda assim permitia-se usá-los em determinadas situações. Pode-se suspeitar que havia uma constante atenção no uso das substâncias psicoativas em eventos e contextos de diversão, enquanto havia uma maior regulação em seus usos nos espaços e contextos de trabalho. Como relatei antes, eu estive novamente, em 2009, no *Studio*. Nessa ocasião, Marcelo me contou que ninguém estava mais fumando maconha no quintal da casa, nem depois das "4:20hs", "o negócio agora é só profissional, não tem mais essa de fumar aqui". Esse fato ou mudança pode explicitar certa tensão entre um modelo de trabalho e outro de sociabilidade e hedonismo, a que se pretendia desassociar, ao menos de alguma forma.

Mesmo sendo reconhecida a possibilidade de descontrole e riscos frente aos usos de substâncias psicoativas, as pessoas da rede social do Studio de tatuagem tinham incorporado, talvez de modo não tão explícito ou racionalizado, os discursos e práticas de redução de danos. Isso mostrava-se bem evidente quando pude considerar as preocupações com higienização, controle sanitário, prevenção de riscos de saúde, que tinham significação para as práticas profissionais de tatuagem e *piercing*. Além disso, elas se associavam, ainda mais, com as preocupações *New Age* sobre natureza, vida saudável, energia e vibração, que eram buscadas, não apenas nos ambientes e espaços próprios de trabalho, mas, inclusive, através da participação e experiência em eventos e atividades hedonistas. Nesse modo, seria possível afirmar que havia entre os membros da rede do Studio uma espécie de hedonismo auto-controlado, que se fundava em princípios de harmonia e segurança diante da vida. Assim, "drogas fáceis" podiam dar, ao mesmo tempo, muita *lombra*, ou seja, muita intensidade em termos das sensações, mas ainda provocar danos físico-morais indesejados, que apenas jocosamente valeriam a pena recordar[17].

2.6 - Quando o campo conduz?

E se não houvesse uma busca fulcral por um hedonismo auto-controlado? A partir de minhas observações etnográficas, as conversas com meus interlocutores e, inclusive, com meu orientador, fomos delineando os locais nos quais eu poderia efetivamente desdobrar ainda mais a pesquisa de campo a fim de contextualizar mais amplamente as práticas juvenis relacionadas à sociabilidade, ao hedonismo e aos usos de substâncias psicoativas, vinculados, ainda assim, aos prazeres da música. Ao acreditar que existissem jovens de Fortaleza cujos estilos de vida e condutas diferenciadas se apresentassem também por meio dos usos de substâncias psicoativas, busquei conhecer outra rede social com a qual estabeleci contato através de um amigo

[17] De fato, para não perder de vista a conexão feita pelos organizadores de festas e seus participantes, as noções de saúde e higiene e as estratégias de redução de danos, vale recuperar que estive presente ao Festival Universo Paralelo, que ocorreu entre 2008 e 2009, a convite do Coletivo Balance de Redução de Danos, que atua há vários anos em festas e no festival de música eletrônica realizado no litoral baiano. Normalmente, oficinas são realizadas sobre temas que dizem respeito ao uso menos danoso das substâncias psicoativas, inclusive as usadas nos próprios ambientes de festa. "Balas, doces e outras guloseimas" era o nome de uma das oficinas ministrada por um psicólogo que coordenava as atividades do Coletivo Balance naquele momento.

comum, Nicolas. Essas pessoas gostavam e tocavam *rock and roll*. Além disso, muitas delas usavam diariamente morfina injetada de modo intravenoso. No início, fui apresentada a Ramon, umas das pessoas centrais nesse estudo, pois ele era o dono da casa onde havia encontros diários de muitas pessoas dessa rede: a *Funhouse*. Percebi que esses jovens se afirmavam por meio de uma espécie de orgulho, quando se identificavam como "junkies", diferenciando-se de outras redes sociais pelas atitudes e condutas e um projeto de vida claramente "niilista". Fazendo um enquadramento histórico um pouco tosco de influências ou filiações estético-culturais exercidas sobre as redes, pode-se dizer, em linhas gerais, que a 'rede do Studio' estava mais próxima de um ideal neo-hippie, buscando "práticas alternativas" ligadas às manifestações da Nova Era (New Age) e valorizando a experiência do momento e da sustentabilidade ambiental. Por seu turno, a 'rede da *Funhouse'* estaria mais próxima de um ideal "punk" de valorização do efêmero, do que poder ser feito de imediato no momento, sem tantos cuidados, à primeira vista, com a prolongação da vida. Contudo, como estou buscando mostrar, nada nesses universos de pesquisa era puro ou fechado em si mesmo. Havia interação de diferentes modos entre as duas redes, o que implicava trocas de informações que acabavam por motivar influências mútuas, o que não impedia que se diferenciassem, usando como balizas o estilo de vida e de música ao qual tinham mais afinidade. Tudo isso veremos com mais cuidado no capítulo seguinte.

III. *FUNHOUSE*: UMA REDE SOCIAL DE JOVENS *JUNKIES*.

> O som que vem de dentro da casa é compassado ao seu modo. Assim como a vivenda se construiu. A tia, que atende ao telefone, fuma cigarro agachada na porta de casa; cumprimentos simples, mais com olhar do que com palavras. Alguns passos até chegar ao portão, que fica logo ao lado, em baixo da escada externa que dá acesso ao andar superior, e chamar:
> – Ramonnnnnnn (deve ser alto, se necessário, repetir algumas vezes para que ouçam lá dentro).
> É costume o som estar a toda altura - *rock'n'roll* é o forte! Quase sempre as músicas da Xperience tocam 'n' vezes. Lá vem atender um tipo alto e franzino, com o cabelo cheio e emaranhado, procurando ou pegando as chaves que ficam penduradas na porta do quarto. Ele surge da penumbra de um corredor com cheiro forte de fezes dos gatos. Abrindo o cadeado, que normalmente está trancado, dá as boas vindas e convida para entrar... Vamos pra cozinha?!
> Aqui é a *Funhouse*.

Funhouse é o nome dado à casa de Ramon, um de meus principais interlocutores de pesquisa na rede social que agora pretendo analisar. Ramon é um nome fictício, um pseudônimo que ele próprio escolheu em referência à banda *punk* norte-americana *Ramones*. Quando conversamos sobre a pesquisa e eu lhe disse que estava usando o pseudônimo "Pablo" para me referir a ele, em um texto que eu estava elaborando, ele me pediu que eu substituísse por outro. Assim, ficou: Ramon. Vale salientar que há também uma explicação dada ao nome da casa. Ramon e algumas outras pessoas que a freqüentam dizem que *Funhouse*[1] é uma referência ao álbum homônimo do grupo norte-americano de rock *The Stooges*, produzido por *John Cale*, cujo *frontman* era o cantor *Iggy Pop*, ídolo pop-rock de grande destaque no início da década de 1970. Iggy Pop ainda está vivo e produz shows e performances que são referências para a banda Xperience, que Ramon liderava como vocalista. A importância da nomeação se dava pela afinidade musical e das influências existenciais exercidas sobre a banda Xperience, seus componentes e as pessoas que estão também associadas a esse contexto e formam uma rede social.

Nessa casa, localizada em um bairro periférico da cidade de Fortaleza, a turma de amigos se reunia quase diariamente, sobretudo alguns membros dessa rede, embora pudesse ser apenas local de encontros semanais para outros, os agregados[2]. Essa rede de amigos se

[1] O site da *Allmusic* explica que durante as gravações deste álbum vários dos integrantes da banda se "afundaram" no abuso de substâncias e seus excessos, e que a banda se desfez logo depois das gravações por conta da má repercussão causada pelas apresentações que a banda fez e pelo caminho de Iggy Pop em direção ao uso desenfreado de heroína. Ver http://www.allmusic.com/artist/the-stooges-p143693/biography

[2] Agregados aqui são tomados como pessoas próximas a esta rede: amig@s, prim@s, vizinh@s, namorad@s que visitam a Funhouse esporadicamente, não tem a mesma freqüência daquel@s que se dizem "junkies".

encontrava para ouvir, assistir e conversar sobre som, música, bandas de rock, composições musicais, filmes, esportes, shows, videoclipes, jogos de vídeo games, compra e venda de vinis ou livros, mas também "drogas" e fármacos. Nas conversas sobre os mais diversos fatos cotidianos, era comum aparecer alguma curiosidade e conjecturas sobre características e efeitos das substâncias psicoativas que usavam com mais freqüência, mas também dos assuntos que estavam em mais destaque na imprensa de massa brasileira. Pude perceber que o principal motivo dos encontros e contatos acontecerem nesta casa era porque Ramón morava só[3], o que dava maior liberdade para o uso das mais diversas substâncias psicoativas. Como havia ressaltado na introdução da presente dissertação, o que me chamou mais atenção na rede social da *Funhouse* foi o fato, sobretudo, de se fazer uso de morfina injetável. Na verdade, Ramon explicou-me que para obterem e beneficiarem 'morfina' utilizavam-se de um medicamento vendido legalmente em farmácias. Compram-no sem necessidade de receita médica. Disse também que esse medicamento só era vendido em algumas redes de farmácias e era fabricado por um laboratório específico. Uma das maneiras das pessoas saberem onde ele estava sendo vendido era trocando informações dentro do grupo que **sabe usar** o fármaco.

O manuseio caseiro no processamento do remédio, que eles chamam de F.Q.[4], faz-se ao retirem e utilizem o concentrado que eles chamam de "morfina". O processo químico que realizam exala um cheiro forte por conta da combustão da substância para eliminação do álcool e da cânfora presentes no medicamento. Além disso, Ramón era reconhecido por parte da rede social como responsável por difundir a tecnologia caseira de obtenção e aplicação intravenosa, *expertise*, entre outros jovens menos experientes que se interessavam por experimentar tal "droga".

A princípio, uma das condições impostas para que eu pudesse acompanhar essa casa e fazer a pesquisa foi o de não revelar o nome do medicamento utilizado. Um motivo, citado como história, foi a lembrança do período de 2005, quando o fármaco não estava sendo vendido nas farmácias. Depois de algum tempo em contato com essa rede social, eu disse a Ramón que estava usando uma sigla para me referir ao medicamento. Foi ele próprio quem sugeriu que utilizavam uma sigla, então, resolvi fazê-la se tornar a sigla F.Q. Outro fato, que

[3] A estrutura interna da casa é composta por um corredor inicial, um quarto com banheiro e uma cozinha. Fato curioso é que fica ao lado da casa da avó de Ramón e embaixo da casa de sua tia todos com um quintal compartilhado. Era uma espécie de 'vila de família'. Assim, a movimentação de entra-e-sai de gente da casa de Ramón, ou seja da Funhouse, era percebida claramente pela família, porém era entendida como "os amigos da banda do Ramón" como indicou uma das tias ao me perguntar se eu tocava na banda do sobrinho.

[4] Sigla também fictícia para aqui me referir ao fármaco cujo nome foi exigido resguardo. Trata-se de um medicamento a base de tintura de ópio, "tarja vermelha", vendido em quase todas as farmácias, porém o tipo que eles utilizam é fabricado por um laboratório específico e isto faz com que a busca por esse medicamento se restrinja a apenas duas ou três redes de farmácias onde a marca é disponibilizada.

não foi diretamente elencado como motivo, mas pareceu ser um fator de segurança também. Certa vez, um dos rapazes falou sobre o comentário que ouvira de um vendedor de farmácia que disse saber a razão real deles comprarem esse medicamento, referindo-se de seu uso controverso.

Dessa rede em particular, acompanhei 15 pessoas de modo mais próximo, todas envolvidas com a "cena" do *rock underground*[5] de Fortaleza. Parte delas fazia uso diário de morfina injetada. Quando era possível alguns usavam também cocaína e, de forma esporádica, poucos *mandavam*[6] Ketamina (um anestésico humano e animal que pode ser utilizado como substância psicoativa nas formas injetada ou inalada, capaz de causar anestesia e alucinações de acordo com a quantidade e forma de uso). Além das substâncias consideradas lícitas para uso social, tais como o álcool e o tabaco, parte da rede também utilizava crack e todos usavam maconha. Participei de modo sistemático do convívio deles na *Funhouse*. Mas um fator que me pareceu importante foi o fato dos finais de semanas serem os dias privilegiados para a circulação de mais gente pela casa.

Além disso, acompanhei alguns informantes em shows da banda Xperience, composta por 4 membros dessa rede social, além de vários ensaios. Etnografei esses jovens em idas freqüentes a um bar, o *Needle´*s Bar (ou Bar "Agulha"), cujo administrador era D'André um dos interlocutores da pesquisa. Durante o dia, o local era um restaurante vegetariano e, nos fins de semana à noite, oferecia entretenimento e serviços de bar e cozinha. Localizado em um bairro nobre de Fortaleza, era freqüentado, sobretudo, por jovens das camadas médias e altas. Outros componentes da mesma rede social freqüentavam ou trabalhavam no bar como garçons, cozinheiro, DJ's e por vezes, faziam pequenas negociações envolvendo venda ou troca de anfetaminas por morfina, de anti-depressivos por cocaína, o álcool estava também presente nas negociações. Certa vez, Ahmed contou que houve um "bacu" no *Needle´*s bar[7].

Pode-se perceber, evidentemente, que a rede social dos *junkies* da *Funhouse* coloca um contraponto bem significativo às experiências e rotinas da rede social do Studio de tatuagens e *piercings*. Minha intenção principal é discutir e analisar como esses jovens encaravam suas práticas de uso de substâncias psicoativas, articulando-as com a temática dos

[5] Em oposição ao *mainstream* o que caracterizou durante muito tempo o *rock underground* foi ter baixa popularidade, ser pouco atrativo e rentável comercialmente e não estar em evidência de divulgação. A banda a qual me refiro classifica seu som como *punk-rock*. Creio ser essa a "cena" na qual poderia situar a atuação dessa rede social.

[6] *Mandar* é a palavra utilizada mais comumente pelos interlocutores desta pesquisa para o chute, pico ou *kick* (AGAR, 1973) outros termos usados para o ato de injetar substâncias psicoativas de forma intravenosa.

[7] Redução de *baculejo*. Termo usado para o tipo de abordagem feita por policiais em pessoas suspeitas de porte ilegal de armas ou drogas. Trata-se de apalpar o corpo das pessoas a procura de algum volume que comprove a suspeitas.

usos dos corpos, de construção de sociabilidades e da sua própria forma de elaboração de hedonismo, partindo da discussão que desenvolvi no primeiro capítulo. Certamente, trata-se de pensar ainda nos controles e riscos que tais práticas supunham para esse conjunto de jovens. Primeiro, irei tratar de uma festa, quando eu tive meus contatos iniciais com os membros dessa rede social. Em seguida, pretendo descrever suas práticas internas no cotidiano da *Funhouse*.

3. 1 – A Festa da BOATE MOTEL 90:

Quando estava iniciando a pesquisa sobre os espaços de sociabilidade e hedonismo em Fortaleza, acabei sabendo de uma boate, localizada no centro comercial de Fortaleza, a Boate Motel 90. O local era administrado pelo filho da antiga dona do motel, um rapaz que era conhecido por Ramon e D´andré. O Motel 90 é ladeado por um comércio de materiais de construção fechado durante a noite e por um bar que funciona com mesas na calçada na esquina da rua. No dia da festa, o dono de uma residência que fica em frente servia cerveja na calçada numas mesinhas improvisadas. Uma barraca montada na beira da calçada, do lado oposto à boate, vendia água, batidas de frutas e mais outras bebidas. Segundo um dos meus interlocutores da rede *Funhouse*, D´andré, esse espaço funcionava efetivamente nas noites de sexta feira. Ao longo do ano, a boate recebia, uma ou duas vezes, as festas organizadas pelos componentes da banda Xperience.

Resolvi ir à festa com certos intuitos. Já estava interessada em fazer parte da pesquisa com "os caras da Xperience que se picam com morfina", quando eu soube as primeiras informações sobre o uso que faziam dessa substância. Assim, minha primeira curiosidade etnográfica foi a de ver quem era o público e como era uma festa em que a banda tocava e organizava. Em segundo lugar, queria tentar falar com Ramon para saber se estava disposto a ser um interlocutor nesta pesquisa. Havia ligado para ele dizendo que iria vê-lo e que se houvesse a possibilidade de conversar, então seria muito bom. Esse foi o primeiro contato que fiz com alguém dessa rede porque, até então, só tinha ouvido falar dessa banda de rock e não sabia direito quem eram as pessoas que nela tocavam. Foi assim que me vi acionando os (prováveis) sujeitos da minha pesquisa. Porém, assim como Malinowski (1984) salienta, só a etnografia com seus "imponderáveis da vida real" poderiam fornecer sentidos e densidade para essa identificação inicial.

É claro que "os caras que se picam" não faziam apenas isso. Nas interações entre familiares, nos relacionamentos, no trabalho formal (quando têm), nas redes de amigos, em locais de estudo, com admiradores, fãs, na internet, eram elaboradas formas de atuar e criavam-se identidades que se sobressaiam mais fortemente em determinados locais e com pessoas específicas. Ramon não era apenas compositor e vocalista da Xperience, mas era, então, o namorado da Iara. Era estudante de um curso universitário. Era filho de "Bad man", (como ele e os amigos se referem ao pai de Ramon). Trabalhou num projeto ligado a prefeitura de Fortaleza entre os anos de 2007 e 2008, enfim, um jovem com várias inserções sociais que não pode ser reduzido a uma ou duas destas "máscaras sociais" (STRAUSS, 1997).

Quando eu o procurei, Ramon me disse para chegar cedo. Imaginei, assim, que depois seria realmente difícil ter uma conversa. Acabei me atrasando e só consegui chegar pouco antes da apresentação. Já estavam arrumando os instrumentos num palco baixo, improvisado nos fundos do salão que ficava no fim de um corredor, que ligava a porta de entrada à parte interna da boate. Contei quatro ou cinco portas dos quartos do lado direito e as últimas duas eram dos banheiros. Cheguei por volta das vinte e três horas. O salão de aproximadamente 70 metros quadrados estava totalmente lotado. O espaço que restava ficava em frente às geladeiras de cervejas, onde havia uma televisão passando vídeos pornográficos.

Nessa noite, eu nem sabia que a atração seria a rifa de uma das meninas que trabalhava no local até chegar lá e ouvir alguns comentários sobre a característica especial da festa quando ainda estava em frente a boate. Um dos interlocutores dessa pesquisa, Nicolas já havia contado sobre versões dessa festa em anos anteriores. Contou-me que, tempos atrás, espalhou-se entre as pessoas que se encontravam no Bosque das Humanidades, no campus 'B' do UFC, a notícia de que um rapaz que também perambulava pelo local havia participado de um filme pornô. Era Vinícius, muito caricato pela aparência (tinha a pele do rosto marcada por acnes e um nariz grande) e modo de falar rápido chamava atenção por ser quase indecifrável o que pronunciava. Morava próximo da universidade e estava muitas vezes entre as "rodas de maconha" que ali aconteciam (segundo as informações que retirei do estudo para meu trabalho de conclusão de curso em 2005). Como atração da festa do ano de 2007, Vinícus foi convidado para transar no palco com uma das mulheres que trabalhavam no estabelecimento.

Em frente ao palco, estava lotado de gente dançando e *pogando*, o que mostrava o clima punk da festa, tal como já foi notado no trabalho de Caiafa (1984)[8]. Ainda tentei ficar um tempo lá dentro com as pessoas dançando, mas não deu para observar quase nada porque estava muito lotado. Senti meu corpo tomado pelo ritmo e impulsos físicos do local. O único espaço que ainda dava para ficar propriamente observando era no pátio interno, mas no fim do corredor onde estavam a televisão e as geladeiras. Próximo às geladeiras havia duas mesinhas altas construídas ao redor de canos de ferro que iam do chão até o teto. Numa delas havia um rapazinho novo, devia ter menos de 18 anos, sentado recostado no cano olhando meio abobado para a televisão e para o entorno, parecia que estava entorpecido de algum modo. Logo depois, uma mulher começou a dançar em cima de uma mesinha de cimento simulando um *streep tease*. Ela tinha cabelos longos e ondulados, vestia uma blusa florida que ressaltava o decote dos seios armados e uma saia de tecido leve e esvoaçante. Continuou dançando sensualmente até que dois ou três rapazes começaram a pegar em suas pernas, tentando tocar suas nádegas e ela fazia um longo gesto com as mãos, como se quisesse dizer que não deveriam tocá-la, mas de forma que aquilo fizesse parte da dança. Alguém colocou uma cédula de dez reais na aba de sua calcinha e ela continuou a dançar, enquanto os rapazes lhe tocavam. Enquanto a dança erótica acontecia e as pessoas *pogavam*, percebi outro fato menor, no sentido de ser mais íntimo, mas não menos interessante para quem estava chegando naquele ambiente tão repleto de estímulos. Olhei para o lado, onde estava um homem sentado numa cadeira encostada de costa para a parede. Ele abraçava uma mulher sentada no seu colo, enquanto ela se esfregava em seus braços, falando ao seu ouvido e dando-lhes beijos calorosos. Imaginei que a cena de sexo explícita acontecia, de fato, ali ao lado.

Assim como o som simples e rápido do punk-rock, a Xperience entrou, "fez a festa" e encerrou o show, prometendo voltar (talvez!) no semestre seguinte. Ao sair da festa por volta de duas da madrugada, pude perceber que adentrava em um mundo de experiências sociais jovens que explicitavam um alto grau de intensidade hedonista. Esse evento público me ajudou a reconhecer, preliminarmente, um pouco do mundo social que eu estava para pesquisar de modo mais minucioso.

[8] *Pogo* é um tipo de dança que se faz pulando e jogando os braços, lembra uma espécie de briga. As pessoas pulam e dão cotoveladas em quem está por perto.

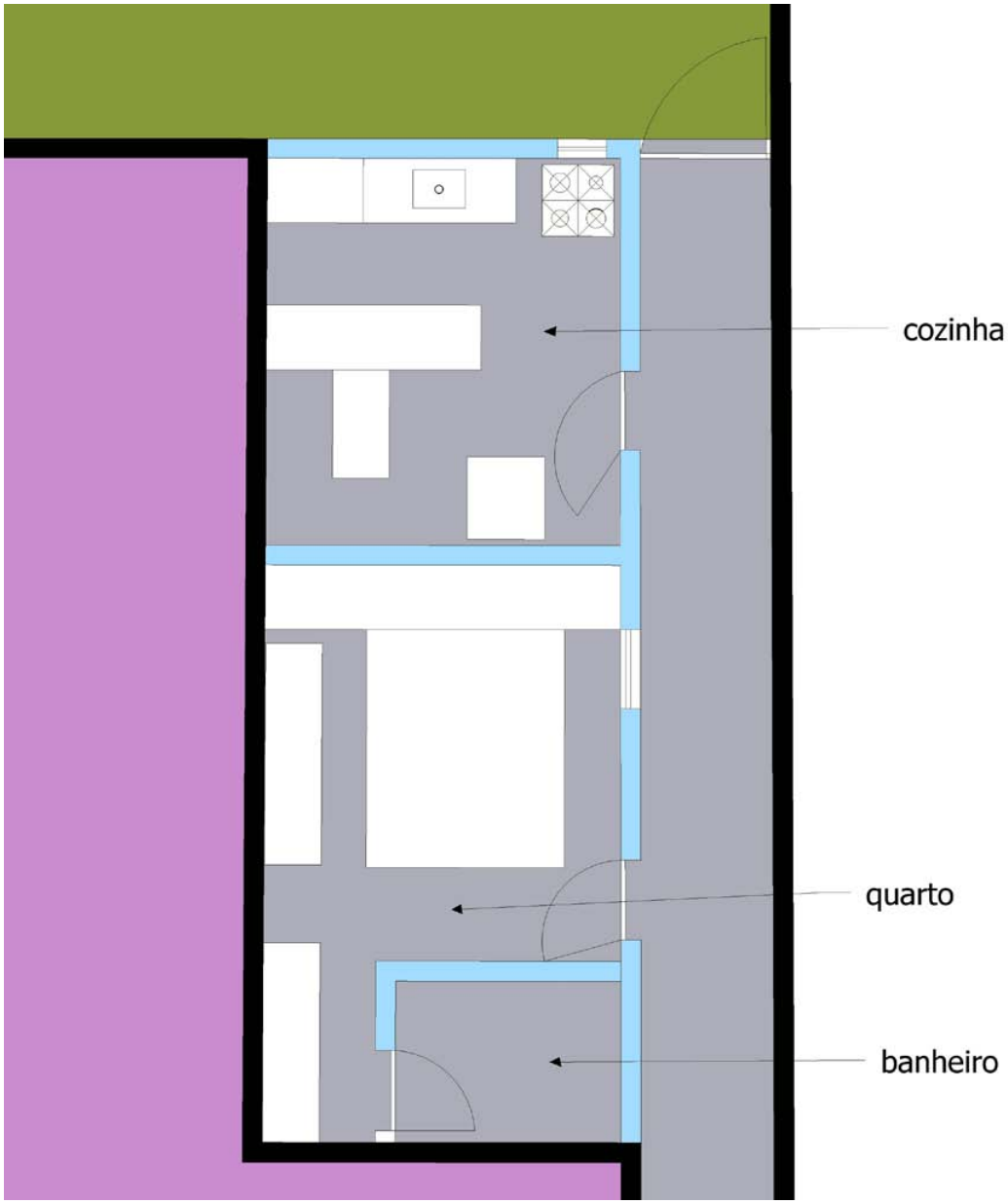
3. 2 - A *Funhouse* como espaço de sociabilidades *junkies*:

Como afirmei um pouco antes, a Funhouse era, espacialmente, um tipo de apartamento conjugado com quarto, cozinha, banheiro, atravessado por um corredor, tal como aparece no croqui que coloquei a seguir. O corredor era o local mais agitado, pois ligava toda a casa desde o portão de entrada, que não tinha luz, passando pela porta do quarto de Ramon e acabava dando em um quintal, cujo portão estava quase sempre fechado. Essa agitação do corredor evidenciava-se tanto porque as pessoas ficassem sempre colocando músicas no aparelho de som, que ficava no quarto, ou porque entrassem e saíssem da casa para irem a outros lugares, mesmo próximos como as farmácias ou a *boca*[9], ou porque quisessem aplicar doses intravenosas na cama.

O quarto era outro local onde as pessoas se distribuíam, principalmente quando havia mais gente na casa ou, então, nos dias em que assistiam filmes. A 'porta' era feita de uma cortina de pedaços de madeira ligadas por metal. O quarto era ornamentado com cartazes de festas, especialmente das que a banda Xperience tocou ou de pôsteres de filmes e fotografias de ídolos. Havia um armário de roupas, uma cama de alvenaria e na cabeceira uma televisão, um aparelho de DVD, um aparelho de som com duas caixas ligadas a televisão e ao DVD, num dos cantos alguns LP's, CD's e DVD's. Próximo da entrada do banheiro havia ainda uma estante com vários filmes em fita VHS.

Mas a cozinha era o principal local de conversas e, como se verá, de beneficiamento das substâncias psicoativas. Composta por uma mesa fixa alta próxima a um canto, dois bancos altos e algumas pessoas ficavam sentadas ao redor. Uma geladeira, um fogão e uma pia ficavam nesse local. Ligadas à mesa, separando essa da pia, havia duas grandes prateleiras onde eram guardados alguns potes com comida, um saco da ração dos gatos, cigarros, isqueiros, copos, colheres, seringas, frascos (cheios, por pouco tempo e vários vazios). Na prateleira superior, ficava uma caixa na qual Ramon guardava algumas seringas usadas. Certa vez, vi que tirou uma do local, pois a que iria primeiramente usar ficou com a agulha entupida.

[9] Nome mais geral dado ao local onde se adquire psicoativos ilegais. Eles compram maconha e cocaína e barbitúricos.



A Funhouse

Na *Funhouse*, havia a constante freqüência de uma rede social de artistas, músicos, *vídeo-makers*, *djs*, estudantes, mais os seus amigos e amigas, namorados e namoradas, além de alguns conhecidos mais próximos. Em minhas visitas, como expliquei antes, consegui registrar a presença de 15 pessoas - doze rapazes e três moças, o que mostra expressivas diferenças de gênero na composição da rede social. Não pude contatar, porém, todas elas. Algumas pessoas, aliás, só vi uma única vez no lugar. Mais efetivamente, realizei entrevista e acompanhei conversas das pessoas que tomavam morfina de modo mais freqüente nesse período, além de incluir os relatos da namorada de um dos rapazes, mas ela não usava

morfina. Ao todo, oito pessoas foram acompanhadas mais de perto. Como era uma casa particular, existiam alguns critérios que determinavam e explicavam a entrada dos "*junkies*" e de outros que, porventura, viessem a circular no local.

Quando me apresentei primeiramente a Ramon, tempos depois da festa da Boate Motel 90, eu disse que estava interessada em saber mais sobre seus cuidados e preocupações com o corpo e saúde. Ele olhou-me com um meio riso e disse que o pessoal ali não tinha muita preocupação com isso. Então, comecei a pensar: o que ele, de fato, entenderia por saúde? Quanto isso poderia variar de acordo com as perspectivas que cada pessoa tem da vida e do que acredita ser saudável. Levou algum tempo para eu aprofundar estas questões.

Nesse primeiro encontro, eu cheguei a dizer até que meu interesse sobre a temática das substâncias psicoativas havia surgido, em parte, do trabalho que desenvolvia no Grupo de Apoio à Prevenção a AIDS (GAPA – Ce). Como eu acredito que aquilo que a gente fala gera efeitos nas explicações que são dadas**,** isso pode justificar a razão de Ramon ter me contado a história da sua 'primeira vez', quando usou morfina pela primeira vez. Ele me explicou que já conhecia pessoas que usavam, mas ainda não tinha tido vontade ou coragem. Numa tarde na universidade, um rapaz, conhecido por Sacolinha, ofereceu-lhe morfina, mas ele possuía apenas uma seringa e, portanto, os dois deveriam compartilhá-la. Outro amigo lhe alertou, na hora, para ter cuidado e afirmou que depois poderia conseguir uma dose para ele. Assim, me contou, foi adiada a primeira vez porque tinha preferido ter mais segurança no uso de uma substância nunca usada.

Na primeira vez que fui à *Funhouse* para começar a etnografia de fato, pude falar com Ramon sobre minha pesquisa novamente. Ele já sabia de minha proposta, pois Nicolas, nosso amigo em comum, já havia conversado outra vez com ele e confirmado a possibilidade da pesquisa. Dispôs-se outra vez a conversar e perguntou novamente qual era o objetivo do estudo. Falamos um pouco, cada um, sobre a nossa visão do uso de "drogas". Logo de início me perguntou o que eu 'curtia[10]'? Mostrei-lhe um maço de cigarros e disse que de vez em quando usava bebida alcoólica. Mas perguntou: "nada ilegal?" Respondi, ainda reticente e cautelosa, que já havia tido algumas experiências. Na ocasião, perguntei se poderia gravar nossa conversa, ele consentiu e começou falando sobre um jornalista português que escreveu um livro que tratava de sua experiência de desintoxicação da morfina (FERREIRA, 2006). È um trecho revelador das experiências desses jovens da *Funhouse*:

[10] Nesse contexto significa: gostar ou experienciar.

> Esqueci o nome dele. Acho que era em 1925 em Portugal.(...) Um dos capítulos fala sobre os cuidados e a higiene que a galera tem, né?! Fala que, a princípio, a maioria dos "junkies" tem uma maior preocupação com isso, de compra água destilada, e tal... Sempre tá trocando as seringas, né... quando vão ficando velhas, cegas. Mas, a medida que isso vai progredindo e que o dinheiro também vai acabando isso vai ficando supérfluo. A pessoa acaba assim... usa água de torneira mesmo, e (o livro do jornalista) conta vários casos disso. (inclusive, já aconteceu várias vezes com a galera aqui) De um cara que tava "fissurado" 11. Tinha passado a noite sem comprar e no outro dia comprou e foi usar numa praça lá em Portugal. Ai, aperreado de como ia fazer, "fissurado", deixou cair grande parte da história12 no chão da praça. Ele botou o algodão no chão, 'puxou' do chão mesmo! Aí, 'mandou'13. Aí, ele fala assim. É engraçado que eu nunca vi um "junky"14 doente, e tal, por causa dessa coisas, com septicemia, por incrível que parece eu nunca presenciei.

Posteriormente, fui apresentada a alguns outros interlocutores da rede da Funhouse. Uma das frases que ouvi e ficou marcada no caderno de campo foi a resposta dada por Ahmed seguida do aperto de mãos e dois beijos no rosto – gestos corriqueiros em apresentações pouco formais – "Então você quer estudar os *junkies* do [bairro]?!" E foi como alguém que gostaria de 'estudar os *junkies*"do [bairro]' (para mim seria mais adequado os termos interagir, acompanhar e observar as práticas relativas ao uso de substâncias sintéticas injetadas e seus cuidados com o corpo) que ele apresentou-me ao Daniel, músico e DJ, um rapaz com aproximadamente 30 anos de idade, que usava morfina há quase doze anos. Das pessoas contatadas na pesquisa que relataram usar morfina, era ele quem usava por mais tempo. Era também referido por Nicolas, Ramon e Hans como "**o cara**", que junto de outros *junkies* de Maranguape, bairro metropolitano da capital, conseguiu extrair "morfina" do F.Q. Num processo que poderia considerar alquímico, pois segundo relatou Daniel, foi a partir de leituras e combinações dos compêndios de medicina de seu pai (médico) e da literatura do escritor norte-americano William Burroughs que ele procurou indicações sobre como poderia ser processado e utilizado aquele medicamento. Chegou até a afirmar que fizeram alguns testes, injetando morfina nos gatos que criavam, os primeiros resultados do processo químico "para ver o que acontecia".

Sobre William Burroughs é preciso dizer, conforme Ramon me falou, que o 'livro de cabeceira' da sua rede de 'amigos' que tomam morfina era *JUNKY* (1977 [1953]), escrito por esse autor. Neste livro, o autor utiliza e relata os efeitos do uso de ópio, da morfina, do álcool

[11] Alguém que está numa condição de fissura, vontade exacerbada de ter ou fazer uso de psicoativos. Alguns psicoativos causam tipos de fissura mais for que outros. Isso varia de acordo com as características da substância. Por exemplo: cocaína causa mais fissura do que morfina, segundo Ramón.
[12] A palavra *história* nesse caso representa o material que tinha a mão, a substância para o uso. É como se fosse um termo genérico para definir substâncias psicoativas em geral.
[13] Significa 'injetar' na veia. Os interlocutores usam a expressão: "mandar nos canos".
[14] Viciado em psicoativos ditos "drogas pesadas"

e outros psicoativos, além de apontar para o processo pelo qual elabora a morfina retirando-a de um medicamento vendido em farmácias destinado a outro uso medicamentoso. Além de relatar as passagens das personagens por aventuras e "trambiques" em busca de conseguir "drogas pesadas", descrevendo os dias em ruas, bares, prisões, hospícios e hospitais psiquiátricos, visto que pessoas "degeneradas e viciadas" eram enviados às instituições disciplinares (FOUCAULT, 2003) pela Delegacia Federal de Entorpecentes (*Narcotics Bureau*).

Um fato interessante narrado no livro, e que retrata um pouco da história Norte-Americana na época, é a relação estabelecida entre os "junkies", as farmácias, os médicos e a polícia; uma relação quase simbiótica por conta das peculiaridades do contexto no qual se estabelecia. Basta lembrar os acordos internacionais assinados no início anos 1930, e de lá surge a "lista de psicotrópicos controlados internacionalmente" (ONU). Colocar sob espreita policial o novo comércio (ilícito) de "drogas" e responsabilizar apenas os médicos para receitar substâncias como morfina, cocaína, ópio passa a ser um modo acirrado de manter maneiras de condução moral. Citaram também outro livro de Burroughs, o "Almoço nu" (1954), como outra referência literária do grupo. Posso lembrar aqui do livro do jornalista português Reinaldo Ferreira ("Frenesi: Memórias de um ex-morfinômano") como um texto que marca uma das primeiras conversas que tenho com Ramón - transcrita mais a frente - ao saber do meu interesse de pesquisa.

Na história contada por Ramon e confirmada por Daniel, as primeiras pessoas que integravam essa rede de usuários a tentar e conseguir extrair a morfina do remédio F.Q. foi um grupo dos quatro *junkies* de Maranguape. Era, assim, que ele se referia a alguns rapazes, que conheceram a partir de um anuncio de jornal. Daniel, o interlocutor que disse usar morfina há mais tempo (desde 1997), escreveu um anuncio convidando músicos para formar uma banda de rock. Foi, assim, que todos eles se conheceram. Daí em diante, eles começaram a testar neles mesmos as formas de usar o medicamento com o efeito pretendido. Chegou a contar que, nas primeiras vezes, Bruno, um dos rapazes que hoje não usa mais morfina, "mandava" direto do frasco nas veias. A antropóloga Janice Caiafa tem uma frase bem apropriada para entender o que eu ouvia: "era constantemente suicidário para manter-se vivo" (CAIAFA, 1985).

A referência ao livro de Burroughs e aos 'junkies' de Maranguape não pode ser minimizada, pois ela elucida boa parte das idéias e concepções que norteavam as práticas de uso de substâncias entre as pessoas da rede social *Funhouse*. *Junkie* era, de fato, uma

denominação com a qual eles se identificavam e sentiam até certo orgulho (ao que parece) de se auto-referir, exatamente por usarem substâncias "pesadas" e tudo que isso representava em termos de uma inversão de valores sociais contemporâneos. *Junk* ("droga pesada") e *junkie*, o sujeito que adquire o vício por "drogas pesadas", eram palavras encontradas em parte da literatura conhecida como beatnik produzida nos EUA entre as décadas de 1950 a 1970. Autores como Allen Ginsberg e William Burroughs se referiam especialmente a heroína e a morfina (produtos do ópio) como junk. A importância dessa literatura e das categorias nelas contidas se evidencia na influência que ela gerava para a formação de identidades e redes de sociabilidades de pessoas que usam substâncias psicoativas. Por sua vez, Jack Kerouac escreveu o livro *On the road* (2007) no qual relata experiências de uso de psicoativos em viagens pelos EUA. É definido até como a "bíblia hippie" por Bueno, prefaciador do livro. Mas o livro *Junky* de Burroughs é citado pelos membros da rede da *Funhouse* como a "bíblia junkie". Certa vez, Ramon me explicou em uma de nossas conversas: "todo junkie tem que ler esse livro". Além de escritores, diretores de cinema e estudiosos das reações humanas com o uso de psicoativos, principalmente músicos do *Rock'n'Roll* como Bob Dylan, Jimi Hendrix, Velvet Underground, Lou Reed, Iggy Pop, Ramones também eram referências para essa rede de jovens. Deve-se salientar que a música era uma expressão central no cotidiano, nas sociabilidades e nos investimentos hedonistas desses jovens, que se apresentava mesmo nas formas de produção cultural que criavam, tal como o caso da banda Xperience.

Mas havia mais referências literárias que ajudavam a dar um aspecto menos homogêneo a rede social. Parte de uma conversa que tive com Flávia ao relatar sua sensação de prazer quando fazia uso de LSD a lembrança e comparação de sua experiência a narrativa de "Alice no país das maravilhas" de Charles Dodgson (Lewis Carroll), talvez para Flávia essa experiência tenha uma apropriação próxima ao estilo literário *nonsense*, diferentemente de um dos sentidos atribuídos ao uso de morfina que para ela representava algo terapêutico para manutenção da vida, "para suportar a vida". É de uma conversa com ela e seu namorado que surge a referência a Charles Bukowiski com as *Cartas da rua* (1971) e *Misto quente* (1982) quando ela se refere a suas descobertas sensoriais a base de psicoativos, arrisco dizer que estas ancoragens (BERGER & LUCKMANN, 1985) parecem tomar sentido através das experiências vividas e contadas ou através de metáforas romanceadas nestas obras, lembrando um dos aspectos que forma os modos de socialização do grupo.

Daniel, tempos depois de nos conhecermos, me presenteou com um livro de Conan Doyle, "O signo dos quatro" ([1890]), mostrando-me a página inicial do romance que continha o seguinte relato do uso de cocaína descrito por Watson, amigo e médico do "herói":

> Sherlock Holmes tomou o frasco que estava sobre a borda da lareira e, abrindo um elegante estojo de marroquim, tirou a sua seringa hipodérmica. Com os dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a agulha delgada e arregaçou o punho esquerdo da camisa. Durante um momento pousou o olhar no pulso e no antebraço vigoroso, pontilhado de inúmeras picadas. Finalmente espetou a ponta da agulha, comprimiu o êmbolo, e reclinou-se na sua poltrona forrada de veludo com um longo suspiro de satisfação.

De algum modo, *junkie* teria um sentido identitário para esses jovens da rede da *Funhouse*, que podiam também se identificar como ***loosers*** ou ***punks.*** Imagino que tais "categorias" pudessem representar partes de identidades acionadas contextualmente a fim de se contrapor e questionar valores sociais contemporâneos. Essas "identidades" que condizem de algum modo ao *estilo de vida* que levavam ou gostariam de levar eram fundamentadas a partir de suas produções musicais, sonoras, literárias (fanzines e poesias), nas pinturas, imagens e vídeos, leituras e comportamentos traduzidos nesta maneira de legitimar experiências ancoradas em relatos que valorizavam a perspectiva da "contracultura". Estas pessoas investiam diretamente em uma produção cultural 'marginal' enquanto lema.

Diante disso, gostaria de esboçar a grade de classificação de onde partem os membros da rede da Funhouse para categorizar as pessoas que não são *loosers* ou *junkies*, estabelecendo diferenciações sociais entre jovens. Essas categorias e expressões circulam na rede de amigos que compartilham entendimentos mais próximos, por um lado devido a convivência cotidiana entre si. A diferenciação consiste em dizer que alguém é um *exodus* (a pronúncia poderia ser aproximada da seguinte grafia *ecsidans*) ou que alguém é um *jerbs* (a pronúncia com um tom de inglês acentuado no som do "j", *djerbs*). Sendo uma maneira utilizada intra-rede para fazer referências às pessoas que se diferenciam deles porque "curtem coisas politicamente corretas", por participarem de movimentos de política partidária, por gostarem de músicos como Chico Buarque e ritmos como "música regional", "reggae" ou "maracatu", etc. Além dos *exodus* e dos *jerbs*, a rede de amigos ainda aciona outros tipos intermediários para qualificar jovens com quem dividem certos espaços públicos de sociabilidade. Seria o que Hans chamou de *frescos* "o povo do roquinho *hype*, das banda inglesas fresquinhas", dando referências como "o *New Order* passando por *Strokes* até o *Of Montreal*". Em seguida, chegou a exemplificar com a cantora e apresentadora cearense, "tipo Karine Alexandrino", ou "a galera da festa do Lions", freqüentadores de espaços muito

semelhantes aos das pessoas encontradas na festa *New Rave*, apresentada anteriormente no capítulo 1. Para facilitar, transcrevo a seguir trecho de um e-mail trocado com Hans, que permite explicar ou ajustar melhor as caracterizações dos dois primeiros tipos de pessoas utilizados como distinções:

> Pesquisadora: *Exodus* e *Jerbs* poderiam ser descritas como formas utilizadas por certas pessoas que circulam na Funhouse como marcos usados para dentro e para fora em suas separações sociais?
>
> Hans: são usados tanto para dentro como para fora... mas não existe nenhum *exodus* em nossa turma!!!
>
> Pesquisadora: Vou dizer como entendi, me corrijam se estiver errado ou distorcido, por favor! Uma pessoa que é classificada como *exodus* seria quem de alguma forma deseja se encaixar num grupo de pessoas/"amigos" que não os seus tradicionais? São novos "amigos"? Alguém que adota um "novo estilo" para parecer mais atraente aos contatos sociais e amorosos, parecido com o entendimento de playboy?
>
> Hans: Não, longe disso... um *exodus* é um clichê ambulante que curte *reggae* e som da terra, musica regional, maracatu, malabares e coisas politicamente corretas sempre regadas a Bob Marley, Mano Chao, Chico Buarque, Janis Joplin e The Doors... e usa camisa florida, colarzinho hippie e fala '*brother*'... mandei exemplos pelo facebook...
>
> Pesquisadora: E, uma pessoa que é classificada como jerbs? Que você falou usar o "j" na palavra criada para dar um tom de encontro de jovens. É aquela que se engaja em movimentos políticos partidário, que adota a postura militante e "bicho grilo" de comitê eleitoral e repete lemas de campanhas em lugares onde frequenta?
>
> Hans: isso mesmo, não tem mais o que explicar!!!
>
> Pesquisadora: E, agora, me diga: será que a categoria *junkie* poderia ser colocada como uma outra faceta das classificações propostas pela galera da *Funhouse* para se afirmar diferente dessas outras posturas citadas acima?
>
> Hans: sim... mas a gente meio que tem uma auto-denominação desde a época de juventude que é *cheira-colas*!!!! Um *junkie* é uma pessoa que usa drogas injetáveis e essa é a premissa principal... não tem nada a ver com *rock'n'roll* e sim com seringas... a pessoas pode ser o que for... usou droga injetável é *junkie*!!!

Esse longo diálogo expõe as diferenciações entre jovens aqui tratados. Vale salientar que alguns elementos descritos parecem se associar às referências que estavam presentes, em certa medida, na rede social do Studio (*reggae*, malabares, Bob Marley). Além disso, expõe claramente como o uso de seringas é o aspecto crucial de identificação e diferenciação de jovens no caso do consumo de substâncias psicoativas. Um *junkie* é aquela pessoa que usa

substâncias de forma injetável, não necessariamente alguém que gosta de música pesada ou *rock*, mas essas expressões culturais podem convergir, conformando certo estilo de vida, seguindo as palavras de Velho (1975). Deve-se ressaltar, porém, que algumas pessoas podiam conhecer pessoas de redes sociais diferentes, inclusive as discutidas nesse trabalho, conseguindo um nível de aceitação mais amplo, tal como o caso de Dourade, citado no capitulo anterior, que se relaciona com membros das duas redes aqui comparadas.

3.3 - Apresentando os *junkies* da rede social da *Funhouse*:

Descrevo aqui quem eu considero como participante central para o desenvolvimento da pesquisa na 'rede Funhouse'. Exponho algumas características e atividades que consegui perceber individualmente nas pessoas que lá se encontravam. Acho importante essa primeira explicação para que os fatos posteriormente relatados possam ser entendidos melhor. Devo lembrar, portanto, que a banda Xperience, que tocou na festa da Boate Motel 90, era formada por quatro rapazes que freqüentavam a *Funhouse*. É claro que "os caras que se picam" não faziam apenas isso. Nas interações entre familiares, nos relacionamentos, no trabalho formal (quando têm), nas redes de amigos, em locais de estudo, com admiradores, fãs, na internet, eram elaboradas formas de atuar e criavam-se identidades que se sobressaiam mais fortemente em determinados locais e com pessoas específicas.

Em primeiro lugar, devo apresentar Ramon. Ele provinha de uma família das camadas médias-baixas de Fortaleza. Morou com os pais até poucos anos atrás. Depois que seus pais se mudaram para um apartamento em um bairro vizinho de melhor localização e status sócio-econômico, eles lhe deixaram parte do que foi a casa em que viveram para que ele morasse sozinho, onde ficava a *Funhouse*. Disse numa entrevista ter sido cuidado por várias mulheres quando era criança, que o ajudavam em suas crises de asma (mãe, tias e avós). Estudou em escolas particulares e entrou para o curso de Ciências Sociais. Quando ficava doente ou tinha dificuldades financeiras, voltava a ficar na casa dos pais.

Foi o guitarrista, compositor e vocalista da banda Xperience, banda com a qual se apresentou desde o ano de 1997. Trabalhava num projeto social realizado pela prefeitura até meados do primeiro semestre de 2008. Até nosso ultimo contato, continuava atuando na cena musical, não mais com a banda Xperience. Além disso, trabalhou nos fins de semana no *Needle´*s bar como garçom ou DJ em alguns dias. Quando o conheci, era o namorado de Iara.

Em nosso último contato, ele estava atuando em uma peça teatral junto com alguns amigos da "rede Funhouse", liderando outra banda e tentado uma "desintoxicação" em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, questão que tratarei em parte posterior da dissertação.

Ele era um rapaz alto, franzino e usava os cabelos geralmente desgrenhados, mas, ao ver fotografias mais antigas, percebi a mudança na fisionomia e no corpo, quando parecia ter mais peso antes. Dizia que não se preocupava muito com o corpo nem com a saúde. Disse ser fortemente influenciado pelas músicas e por atitudes dos ídolos do rock inglês e americano dos anos 60 e 70 e fazia uso de morfina desde 2001. Nesse período, vinha usando ao menos uma dose de F.Q. por dia. Também fazia uso de outras substâncias injetadas como cocaína e *ketamina*, porém se dizia dependente apenas de morfina. Também usava maconha, crack, tabaco e álcool, além de comprimidos de *rivotril* e *ocadil* para reduzir a "fissura" por mais outra dose, por exemplo, de cocaína.

Como Ramon estudava Ciências Sociais, ele pretendia escrever uma monografia, onde ele se colocava como "pessoa central para a manutenção do uso de morfina entre a galera". Justificou a importância do tema de 'pesquisa', pois queria relatar a história do uso de morfina por esse grupo de pessoas. Achava que era importante deixar relatado o que representou o uso dessa substância na "cena rock" da cidade e falava a partir da sua posição na própria rede. Contudo, sua monografia tinha sido, então, interrompida porque seu orientador não tinha concordado com sua proposta de trabalho. De algum modo, minha pesquisa possibilitava que Ramon pensasse sobre seu próprio trabalho e, em diversos momentos, houve um franco diálogo entre nós, inclusive com a troca de referências bibliográficas[15].

Hans[16] era um rapaz alto, um pouco gordo e bem falante. Seu pai foi militar. Vivia com os irmãos num apartamento localizado num bairro de camadas médias, mais próximo da praia. Disse ter sido aluno das turmas especiais do FB (colégio particular – classe-média e alta), mas decidiu fazer, assim mesmo, o curso de graduação em Ciências Sociais. Disse uma vez com um ar de quem parecia não esperar grandes coisas nessa carreira, talvez porque se visse mais como músico. Contava que se preocupava com a saúde: "Eu sou meio

[15] Por exemplo, o livro de Gilberto Velho, "Nobres e Anjos" (VELHO, 1975), que foi lido entre eles e serviu para eles pensarem sobre o trânsito das meninas entre a turma e compara com a circulação das meninas na casa.
[16] Pseudônimo escolhido pelo interlocutor. Disse que é uma homenagem ao piloto de Stuka, avião de guerra alemão que bombardeou Guernica. Disse que ele era "o nazista mais imbecil e idiota da face da terra"; o soldado preferido de Hitler. Justifica que detesta todo tipo de racismo, mas que gosta da história do piloto Hans Ulrich Rudel.

hipocondríaco. Por isso, pratico esportes, vou fazer as vivências na 'lua do Norval'[17], já corri, mas hoje ando de bicicleta pelo bairro, pela cidade". Falou de sua preocupação com a alimentação e já não comia carne como antes. Estava se tornando aos poucos vegetariano para tentar ficar bem. Em algum momento, encontrei Hans com curativos adesivos e perguntei o que havia acontecido e ele respondeu que tinha feito vários exames, pois esteve "meio mal" por uns dias. Hans era o baixista da banda e sempre falava das dificuldades que eles tinham de fazer o circuito de bandas rock da cidade. Contou que usou morfina pela primeira vez em 2001, mas intensificou o uso nos últimos anos. No período da pesquisa, estava fazendo uso quase diário de F.Q.

Daniel era um rapaz de 29 anos, muito culto e pertencia à uma família abastada. Seu pai era um profissional de saúde bem sucedido. Ele foi durante algum tempo guitarrista da banda Xperience. Vivia sozinho, em uma casa próxima a de Ramon. Contou-me que escrevia textos literários e disse que um dia iria mostrá-los para mim. Disse ser um curioso sobre a música e a mente desde a adolescência. Não chegava a trabalhar formalmente e recebia apoio financeiro dos pais, que não moravam em Fortaleza. Mas ele conseguia mais algum dinheiro através da venda de Dimorf[18] para a rede social de amigos. Ele conseguia adquirir o medicamento através de receitas que ele próprio falsificava. Essa conjunção de fatores lhe possibilitou acesso a materiais e informações que com o tempo foram servindo para aprimorar a "receita do F.Q.". Chegou a dizer que tinha apresentado o modo de beneficiar o remédio para a "galera da Funhouse", mas não tinha mais condições de utilizar F.Q. porque as suas veias não suportavam mais. Usava morfina há onze anos, mas, na época da pesquisa, usava apenas Dimorf e, às vezes, cocaína. Era um dos freqüentadores assíduos do *Needle´s bar*.

Dandré tinha 27 anos e foi também estudante de Ciências Sociais, mas abandonou o curso. Dizia ser oriundo das camadas médias. Fazia vídeos: 'curtas', clips, e filmagens da banda. Tinha interesse geral por cinema. Era uma espécie de produtor da banda Xperience e administrava o *Needle´s bar*. Era um conhecedor aplicado dos signos do zodíaco e muitas das características dos elementos que os dividia (terra, ar, fogo e água). Baseava-se muitas vezes nessas 'indicações' para interpretar características de pessoas próximas. Ele não usava morfina diariamente. Disse que, de vez em quando, "brincava com as pedras", referindo-se ao

[17] São caminhadas conduzidas por um terapeuta corporal/educador físico durante uma noite de lua cheia pelas margens de um rio até o mar, passando por travessias a nado, passagens por vegetação de mangue, caminhadas nas dunas.
[18] Sulfato de morfina.

uso de crack, mas misturado com maconha ("bleid"[19]). Achava que o maior problema para ele era o de se injetar com cocaína, porque era bom, mas perdia totalmente o auto-controle. Na época da pesquisa, estava às vésperas de se tornar pai. Uma vez, o encontrei com sua namorada, já grávida e ela contou que também tomava morfina até engravidar, mas que sentiu o corpo diferente com a gravidez e que nem sentia mais vontade de tomar morfina.

Ahmed era um rapaz magro, pardo de estatura mediana. Tinha 28 anos, mas vivia num apartamento com a mãe num bairro considerado das camadas altas da cidade. Sua mãe era professora universitária. Conheceu Ramon e Hans estudando Ciências Sociais na mesma época que eles. Era o único de cabelos longos que freqüentava a Funhouse. Ele tinha um jeito sério, mas se tornava engraçado quando contava histórias e gostava de imitar as pessoas. Dizia ser um "*junkie* de fim-de-semana" porque geralmente usava morfina no máximo duas ou três vezes por semana. Não usava cocaína como os demais rapazes anteriormente apresentados. Quando lhe disse que me referia a ele utilizando o pseudônimo Leonel, mas gostaria de saber se havia algum outro que ele preferia a este, ele respondeu:

> "Sei lá, pode ser Ahmed, que tem o mesmo número de letras do meu sobrenome e quatro letras em comum. Leonel me lembra Brizola, que por sua vez me lembra 'bright'[20]. Acho que fica mais apropriado para algum dos 'speedfreaks'[21].(risos)". (julho de 2008).

Disse que estudava religião, gnose, Cabala e se interessava também por textos védicos. Falou de arcanjos, das vertentes gnósticas e, ainda mais, da sua crença de que devia ter havido seres que experimentaram a sensação de iluminação. Seria uma espécie de "psiconautismo"[22], como ele gostava de ressaltar. Disse que seus interesses por esse tipo de estudo e leituras se associavam, de alguma forma, ao uso de morfina e outras substâncias que lhe causavam "expansão mental". Portanto, suas práticas pareciam refletir sua visão sobre si e sobre o mundo.

Glauber tinha aproximadamente 27 anos. Ele conhecia Ramon desde a adolescência por morarem próximos, compartilharem gosto pela música e experiências conjuntas com uso

---

[19] Redução da gíria bei bleid => bleid. Usada para representar a mistura de maconha e crack em forma de cigarro.
[20] Gíria para pó ou cocaína.
[21] Gíria usada para se referir aos rapazes da *Funhouse* que usam cocaína injetada.
[22] Segundo o site Wikipédia o termo psiconauta vem do Grego e significa literalmente um navegador da mente/alma. Seria a pessoa que se induz intencionalmente a estados alterados de consciência, a fim de investigar sua própria mente, e nesse intento busca encontrar respostas para questões espirituais, através de experiências diretas. O site diz que psiconautas são pluralistas e buscam explorar tradições místicas de religiões variadas, meditação, sonho lúcido e privação sensorial. Frequentemente utilizam substâncias psicodélicas e enteógenas. Jonathan Ott e Ernst Jünger são importantes referências a essa prática.

de psicoativos (desde cheirar cola até usar injetáveis). Era um tipo quieto, falava pouco e com uma voz baixa. Pude ver alguns desenhos feitos com caneta em papel assinado por ele e dedicados a um amigo ou outro, colados nas paredes da *Funhouse*. No *Needle´s bar*, trabalhou como segurança em algumas das noites que pude acompanhar. Usava morfina e, segundo Ramon, tinha problemas pelo uso de cocaína. A primeira vez que o vi na *Funhouse*, ele estava um tanto catatônico e muito sonolento. Nessa ocasião, despediu-se dizendo que iria dormir, pois havia tomado dois comprimidos de "olcadil"[23] para "rebater" os efeitos da "fissura do pó".

Felipe de 26 anos era o baterista da banda. Era de uma família das classes populares e vivia próximo da *Funhouse*. Nunca trabalhou fixo além do tempo em que teve que servir ao Exército no período de alistamento militar. Gostava de jogos eletrônicos e vinis. Era negro, magro, mas tinha os músculos dos braços muito definidos. Disse ter tido mais cuidado com seu o corpo antes de começar a usar morfina e passou a ficar mais relaxado quando começou a 'mandar bright'. Contou que antes jogava futebol e que, no período da pesquisa, não sentia mais vontade de praticar esporte nenhum. Conseguia dinheiro comercializando cocaína. Justificava que ele vinha de uma família de criminosos (segundo ele, seu primo era um dos maiores bandidos no bairro), mas ele mesmo tinha deixado tais atividades há algum tempo. Uma vez, contou que estava se sentindo "um verme" por estar levando a cocaína ("essa porcaria") para a rede de amigos e para a namorada. Ele era um rapaz que falava pouco. De fato, consegui conversar mais vezes com ele quando estávamos no *Neddle`s bar*. Não poderia explicar se isso se devia pelo ambiente mais aberto ou pelo simples fato de estar bebendo. Uma vez disse que eu devia provar a "lombra" do rivotril com álcool e me presenteou com um comprimido.

Neto era um rapaz alto, forte, de pele clara que freqüentava a *Funhouse* por ser amigo do Daniel, Ramon e do Dandré. Tinha, então, 27 anos. Ele não usava morfina. Disse que vem de uma família "simples" e contou que o pai e o avô eram bons cozinheiros. Contou que, como ele era o primogênito da família, ficava em casa cuidando dos irmãos aprendeu a cozinhar cedo. Ele era o cozinheiro do *Needle´s Bar*. Disse que por ser mais quieto, introspectivo, não combinava tanto com o tipo de "lombra" da morfina e sentia-se melhor quando fumava crack, porque dava-lhe um efeito de maior extroversão ou agitação. Algumas vezes, vi os dois fumando "bleid" (crack e maconha na forma de cigarro).

[23] Nome comercial do medicamento com principio ativo do cloxazolam, um tranqüilizante do grupo dos benzodiazepínicos.

Nicolas[24] era um interlocutor que, nesse período, não estava tão freqüentemente na *Funhouse*, mas quando voltava à Fortaleza, sempre se hospedava lá. Considero-o interlocutor porque foi ele quem mediou meu contato com essa rede social e ainda manteve contatos em encontros pessoalmente ou via internet tanto com as pessoas da 'rede *Funhouse*' como comigo. Viveu alguns anos em Fortaleza quando estudou na universidade e manteve um convívio bem próximo no campus universitário, dentre outros lugares, com algumas das pessoas que compunham a rede. O *campus* foi o local onde desenvolvi a pesquisa de graduação a qual me referi no início. Grande parte dessas pessoas citadas anteriormente fumava maconha com freqüência variada. A maconha era reconhecida entre muitos dos interlocutores como um psicoativo agregador de pessoas, haja vista a forma de uso coletivo localmente utilizada (faz-se uso em rodas). Essa foi uma das primeiras formas de criação de vínculos que se estabeleceu entre Nicolas, Ramon, Hans e Carlos. Pude ver um vídeo gravado com ele em 2003. O tema do vídeo era ciência, espiritualidade, consciência e preconceito. Nicolas falava especialmente sobre espiritualidade e afirmava que ela "faz parte da missão que as pessoas têm a partir do momento em que lhe foi concedida à vida". Acreditava que os encontros ecumênicos faziam com que as espiritualidades renascessem e se renovassem. Durante a pesquisa, ele estava vinculado à UDV, a União do Vegetal, um grupo neoxamânico que utiliza uma bebida alucinógena conhecida como ayahuasca.

Algumas mulheres faziam parte da rede de Funhouse. Por exemplo, Kelly era a namorada de Felipe. Era uma moça com menos de 25 anos, baixinha, de pele clara, magra e de pouquíssima fala. Morava próximo à *Funhouse* e trabalhava em um supermercado do bairro. Disse que uma vez experimentou morfina, mas não gostou da sensação. Afirmava gostar mesmo de cheirar cocaína, mas disse que trabalhava para poder diminuir o ritmo do uso da substância. Certa vez, perguntei se ela fazia exames de sangue com alguma periodicidade. Ela respondeu que o ultimo exame que havia feito foi um de gravidez (que deu negativo! - Respondeu com alívio). Não se lembrava de ter feito nenhum outro para saber sobre infecções transmissíveis pelo sangue.

Existiam mais duas moças que faziam uso de morfina injetada e iam mais esporadicamente à *Funhouse*. Estive algumas vezes com elas. Uma delas era Iara, ex-namorada do Ramon, que era estudante de História. Era a única que, além de ter sido namorada de um dos rapazes, era referida por Hans como continuar freqüentando a casa por

[24] Quando perguntei-lhe sobre o que o motivara na escolha aquela do pseudônimo disse: "talvez seja por conta de um guitarrista da banda dark tranquility".

que seria "amiga da galera". Ela tinha 27 anos e pertencia às camadas altas. Trabalhava em uma loja de roupas da família e pareceu bastante interessada em moda.

A outra era Flávia, que tinha, então, aproximadamente 29 anos. Durante a pesquisa, não ia muito à *Funhouse* porque não usava mais F.Q., apenas Dimorf, como explicou. Flávia trabalhava como recepcionista de um grande hotel localizado na orla de Fortaleza. Ela namorava Neto. Os dois viviam juntos num pequeno apartamento ao lado da *Funhouse*. Uma vez falou que estudou inglês desde cedo. Foi uma das únicas mulheres que se dispôs e mostrou interesse em falar sobre suas experiências e como as entendia. Tinha um jeito fácil de conversar e gostava de relatar sobre suas relações familiares e afetivas, suas experiências, valorizando moda e beleza. Parecia se importar bastante com o visual que exibia. Quando estava no *Needle's* bar percebi o cuidado com peso, os cabelos, os óculos, as roupas ou estampas nas blusas e botas cano longo que usava em algumas noites em que estava no bar. Disse que gostava de fazer, contar e ver outros fazerem algumas contravenções (furtos, usos de substâncias ilegais e 'pesadas'). Chegou a me dizer de algumas estratégias que usava para adquirir substâncias através de receitas médicas nas farmácias. Seu contato afetivo (longa amizade) com um médico possibilitava a facilidade de acesso a receitas controladas. Ela também "passava" medicamentos estimulantes e ansiolíticos para os amigos (não vi vender para outras pessoas que não estivessem próximas da rede de amigos).

Havia mais outros interlocutores com os quais mantive contatos durante os meses que realizei a pesquisa, mas de forma não tão intensa como foi o caso destes que aqui apresentei. Outras pessoas que, porventura, venham a aparecer nos relatos da pesquisa, serão descritas com as características que eu pude perceber.

Podemos pensar a rede social da Funhouse como uma equipe que envolvia cooperação (BECKER, 1977). Assim, enquanto Felipe, Daniel, Hans e Ramon tocavam e cantavam na *Xperience*, Dandré, o administrador do *Neddle´*s bar, fazia filmagens, edição de vídeos e negociava contratos da banda. As namoradas divulgavam, faziam parte da platéia e participavam das apresentações e de algumas gravações de músicas. Iara, ex-namorada do Ramon, gravou o "backing-vocal" de algumas músicas no cd da banda. No *Needle´*s bar, havia também um modo de divisão do trabalho. Dandré gerenciava o bar e sua cozinha, além do salão, coordenando os garçons, enquanto Glauber ficava na porta controlando a entrada de bebidas e a saída de copos. Na cozinha, era Neto quem preparava a panqueca de brócolis, o pão de alho, pastéis de soja, carne de sol com macaxeira e outras coisas mais. Mas Flávia ficava fora do bar, conversando com Carlos, Daniel e outras pessoas que estivessem no local,

ela fazia pequenas negociações entre a turma, proporcionando algumas horas de "lombras" diferenciadas para os que naquelas noites queriam experimentar. Era Hans, Ramon, Milton e Daniel que se revezavam com o som, tocando muito *rock'n'roll*, *black music*, *soul*, *jazz*, um pouco de *punk* rock e alguma música eletrônica. Felipe ficava sentado nas poltronas de cipó bem reclinadas na entrada do bar, que parecia uma recepção. Certa vez, quando conversamos, disse que não gostava muito de sair, mas ia para o Needle´s bar porque ali freqüentava a "galera da *Funhouse*". Não chegava a ser tão explícito, mas ele "passava"[25] cocaína para as pessoas que estavam com a "galera". Ao discutir a "arte como ação coletiva", Howard Becker destacou o caráter de cooperação, o que se aproxima da idéia de sociação, pensada por Simmel como (re)criação, técnicas e divisão do trabalho:

> A arte que conhecemos envolve redes elaboradas de cooperação. Uma divisão do trabalho necessário ocorre. [...] Como são divididas as várias tarefas entre as pessoas que as fazem? Em caso algum o caráter da arte impõe uma divisão natural de trabalho; a divisão sempre resulta de uma definição consensual da situação. (BECKER, 1977; 207).

3.4 - Etnografia: Uma noite na *Funhouse*:

Para dar um pouco do tom, do *ethos* dos encontros da rede Funhouse, faço aqui o exercício de relatar junto a uma interpretação de uma noite na casa onde essas pessoas se reuniam. Em uma noite de domingo, fui a *Funhouse* querendo encontrar Ramon. Mais cedo, eu havia ligado para a casa de sua tia, que ficava colada a dele. Era ela quem atendia o telefone e contatava Ramon. Combinei que eu passaria por lá, mas, ao falar comigo, ele me disse que não estava se sentindo bem, mas disse que eu fosse, mesmo assim, porque os meninos também estariam por lá. O que ele falou no telefonema me fez pensar que seria um momento interessante para conversar sobre o que tinha acontecido, o que causara o mal estar. Queria saber o que ele fizera um dia antes e o que ele achava que deveria fazer para ficar bem.

Quando cheguei, quem abriu o portão foi Ahmed, um dos rapazes que compunha aquela rede de pessoas. Seguindo pelo corredor, passamos em frente ao quarto que estava com a porta aberta e pude ver Ramon deitado. Ele parecia estar dormindo. Depois, Ahmed disse que não acreditava que ele se levantaria mais naquele dia. Ahmed era um das pessoas que

[25] Gíria usada como sinônimo de venda.

utilizava morfina com uma freqüência regulada apenas pelos fins de semana, se bem que, algumas vezes, em outros dias da semana, encontrei-o por lá, mas pareciam dias excepcionais.

Fomos para a cozinha e lá estava Daniel e um rapaz que eu ainda não conhecia, mas depois soube que era Glauber, de quem já tinha ouvido falar por Ramon. Cumprimentei os dois e Daniel me apresentou a Glauber, que estava num grau tão alto de letargia que mal conseguia abrir os olhos, mas ficou insistindo com Daniel para que o acompanhasse até a "boca"[26]. Queria muito conversar com Daniel, pois Ramon havia dito que ele era a pessoa da rede que tinha mais anos de uso de morfina. Ele contou-me que já fazia onze anos que usava a substância, mas não conseguia usar mais F.Q., porque suas veias não agüentavam mais. Ele só usava, então, o "dimorf". Dimorf era um comprimido a base de sulfato de morfina, cuja pureza da substância era maior que o do F.Q., o modo de preparação de dimorf era apenas quebrar o comprimido e diluí-lo em água, não envolvia todos os passos para a preparação do F.Q. (mostrarei mais adiante). E o principal, o F.Q. continha álcool e cânfora em sua composição, substâncias que agrediam muito as veias e causavam dor maior.

Expliquei os objetivos da pesquisa, dizendo que pretendia falar sobre o que se fazia na *Funhouse*, quais eram as características das pessoas, o que elas contavam ou associavam às experiências de uso de psicoativos. No ato, Daniel respondeu "Eu acho que posso te ajudar", pois, "eu sou o último rastilho de pólvora". Parecia querer dizer que era quem tinha restado de algum grupo, que havia resistido a alguma coisa. Começou, então, a me contar sua história de vida. Desse modo, contou que era filho de um médico bem sucedido e teve uma excelente formação escolar. Durante a adolescência, passou a ficar interessado por "drogas" junto do interesse pela música e pela literatura produzida nos Estados Unidos e na Inglaterra nos anos 50 e 60. Sua primeira referência musical foi o guitarrista Jimmy Hendrix. Contou que o ouvia tocar e pensava que só uma pessoa com estado de consciência alterado poderia fazer um som como o dele. De literatura, ele se referiu ao livro "Junky" de William Burroughs, além de tecer referências à história do estilo punk e suas influências artísticas. Certo momento, Daniel expôs outra referência da sua rede ao comentar o filme inglês *Trainspotting*, dirigido por Danny Boyle, citando a frase "imagine o melhor orgasmo que você teve na vida" para explicar a sensação de um "pico de heroína". A partir de tais referências, eles criavam suas próprias letras de músicas e explicavam seu modo de vida. Era o reflexo de um estilo de vida *looser*[27].

[26] Local em que se compra crack, maconha, cocaína, rivotril, artani,

[27] Alguém que não tem muitos vínculos ou responsabilidades. Uma pessoa solta e sem tantas preocupações com normas.

Logo, Daniel explicou que teve sua primeira experiência de alteração sensorial ao usar maconha. Achava que ao usar tal substância ouvia o som com mais intensidade e nitidez. Segundo ele, a passagem da maconha para a morfina não demorou muito tempo. Conseguia entender a motivação de quem toma morfina: "é uma coisa muito agradável para quem toma". Para ele, não era só escapista, mas traz certo conforto, uma sensação de paraíso. Era uma experiência muito aconchegante, uma "sensação de volta ao útero". Mas o problema era a abstinência que causava depois de algum tempo de uso, quando as doses tinham de ser aumentadas. Falou também que só usava cocaína se tivesse certeza de ter morfina para rebater, porque a cocaína causava compulsão. Afirmou que nunca tinha usado "pedra", ou seja, crack. Deve-se notar como ele fazia comparações. Por exemplo, ele associava o vício da morfina a algo tranqüilo, que se tornava parte da vida como se fosse comida ou água. O uso de cocaína, porém, causava "uma euforia sem alegria", além de ser uma droga vendida na rua, o que impedia que a pessoa soubesse, de fato, o que estava misturado à substância. A discussão sobre a mistura imprópria da cocaína tinha uma razão particular. As pessoas da rede *Funhouse* reconheciam a má qualidade do "pó" ao "mandar", quando a substância ficava "empapada" na seringa.

Durante os encontros noturnos que acompanhei, percebi que as pessoas chegavam na casa de Ramon com o intuito de tomar morfina entre pessoas conhecidas, que, além disso, podiam trocar experiências ou simplesmente conversar. Cada pessoa trazia informações de interesse bem particulares, mas de alguma maneira dialogava com os interesses dos outros amigos. De modo geral, tanto no quarto como na cozinha da casa, pude presenciar várias conversas sobre música, livros, bandas, jogos eletrônicos, filmes, esportes e torneios nacionais, internacionais e locais (*rock'n'roll*, blues, '*black music*', futebol, boxe, corridas de carros, super nintendo). Quando essas pessoas estavam juntas, elas falavam de tais assuntos. Algumas vezes, pude perceber como cada um se mostrava sobre determinado assunto, se era mais ou menos conhecedor. Isso foi o caso de Ahmed, por exemplo, com maior interesse a respeito de religião ou Hans e Ramón em relação à música ou como Daniel com relação a químicos e D'André com relação a filmes. Por exemplo, um dia Hans levou uma revista que tratava de grupos neo-xamânicos ayahuasqueiros. Outra vez, mostrou sua grande admiração por carros antigos e por acessórios esportivos. Mas de alguma forma todos dominavam um saber prático sobre substâncias psicoativas, principalmente as que faziam uso cotidiano.

Falavam ainda bastante de acontecimentos recentes que envolviam pessoas do convívio mais próximo e muitas das histórias tinham a ver com uso de psicoativos, a relação

com a polícia e, com menos recorrência, a família. Em alguns momentos, percebia que teciam comentários um tanto misóginos e também homofóbicos. Porém, relatavam ter relações de cuidado e afeto com as namoradas e amigas, além de terem, entre seus conhecidos próximos, pessoas que se identificavam com práticas homossexuais.

Além de muita música ser tocada na *Funhouse*, vale ressaltar que ela era motivo constante de conversa. Falavam muito da banda que formavam, dos contatos que fizeram, os shows, as músicas, instrumentos, os gastos e desentendimentos com o estúdio de gravação do CD. Eram assuntos que permeavam as conversas, além do uso regular de substâncias. Nesse período, o encontro de todos os músicos se dava principalmente para gravar um CD. Uma vez, Hans contou que a Xperience foi a banda mais votada em um concurso para participar de um festival de música do Ceará, mas que houve um boicote dos organizadores. Parecia dizer que sua banda era marginalizada na 'cena rock' de Fortaleza. Quis saber a razão disso e ele me respondeu que eles tinham a fama de quebrar coisas no palco, tais como os equipamentos de som... Ao perguntar se eles faziam isso, respondeu-me negativamente. Acrescentou que também achava que essa situação acontecia por causa do conhecido "estilo de vida *junkie*" dos componentes da banda[28].

3.5 – Remédios e Farmácias:

Apresento agora algumas situações que acompanhei durante a pesquisa de campo. Utilizei a farmácia como um local onde posso exemplificar alguns níveis de atuação de meus interlocutores para conseguir remédios. Estive em algumas farmácias de grandes redes de Fortaleza. Pude conversar com as farmacêuticas responsáveis pela liberação de medicamentos em dois estabelecimentos, depois de mostrar minha carta de apresentação expedida pelo programa de pós-graduação. Falei com duas mulheres com idade entre 30 e 40 anos. Tentei tomar informações sobre os procedimentos de venda e o controle estabelecido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) através da notificação de receitas no cadastro eletrônico do SNGPC (Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados). As funcionárias farmacêuticas foram categóricas ao afirmarem que todo medicamento era

[28] Disse que, uma vez, convidou um jornalista para ver o ensaio da banda Xperience. Esse jornalista e músico fez uma matéria difamando a apresentação da banda durante um festival que aconteceu em um estado vizinho. O convite foi feito no intuito de poder modificar a idéia que ele tinha feito da banda. Disse que esse jornalista os convidou para tocar em outro evento.

vendido mediante a apresentação das receitas. Porém, acompanhando as negociações de compra tanto de Dimorf[29] como de F.Q. pude perceber a incongruência entre as falas das farmacêuticas colhidas anteriormente e a atitude do balconista que entrega os medicamentos sem cobrar receitas.

No caso de remédios conhecidos popularmente como "tarja preta", controlados pelo modelo de receita timbrada[30] (nos termos da ANVISA "tipo A" – barbitúricos, antidepressivos, narcóticos, etc.), o procedimento sugerido é o recolhimento da receita. Além disso, dever-se-ia registrar no SNGPC nome completo, endereço e o número da identidade do cliente correspondente a compra do medicamento, assim como os dados do médico que o receitou (com destaque para o número de registro do Conselho Regional de Medicina). No caso de medicamentos dispensados através do modelo de **receita branca**[31]**,** correspondente aos conhecidos por "tarja vermelha", a farmacêutica contou que uma das vias deveria ficar na farmácia. Contudo, isso não era exatamente o que constava do portal oficial da ANVISA: "preparações a base de ÓPIO contendo não mais que 50 miligramas de ÓPIO (contém 5 miligramas de morfina anidra), ficam sujeitas a VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA SEM A RETENÇÃO DE RECEITA". Nem tão pouco foi o que aconteceu com as pessoas que acompanhei.

Acredito que as respostas obtidas nas farmácias das grandes redes refletiam uma esfera em que a institucionalização do discurso em concordância com as leis da ANVISA se fazia mais presente. Explicavam-se ainda em razão da hierarquia dos quadros de funcionários, mas também porque minha forma de apresentação foi através de documento de universidade. As observações sobre a compra de F.Q. foram descritas sem que me apresentasse enquanto pesquisadora, pois algumas vezes acompanhei os interlocutores em suas incursões às farmácias e *bocas*[32].

Além disso, foi importante saber antes como um de meus interlocutores obtinha as receitas médicas. Ele chegou a contar todo o processo:

> "A primeira era 'tosquíssima'[33]. Consegui com um médico, mas agora, consegui fazer uma com um amigo que saca de computação gráfica e ficou muito boa mesmo. A falsificação é

[29] Medicamento a base de morfina, "tarja preta", deve ser dispensado apenas se for apresentada receita específica para esse tipo de medicamento além de feita a verificação dos dados do paciente e do médico.
[30] Expressão usada por Daniel ao mostra-me a receita que ele mesmo fazia e a "perfeita falsificação do fundo timbrado".
[31] Expressão utilizada por uma das farmacêuticas para diferenciar os procedimentos na venda de diferentes tipos de medicamentos.
[32] Nome utilizado para denominar o local onde são comercializadas substâncias ilícitas.
[33] Significa dizer que era muito mal feita, ou pouco convincente.

> quase imperceptível. Tenho todo o cuidado com a aparência da receita, com a numeração (tenho lá em casa uma tabela com as numerações), com o carimbo do médico e uns números do CRM e sei onde comprar. Não dá pra ser nas grandes redes, tipo Pague Menos ou Dose Certa, pois eles têm um controle dessas coisas muito maior. Mas, também não são todas as farmácias pequenas que têm o medicamento. Algumas vezes vou comprar na própria farmácia, mas tem umas que vão deixar em casa. Algumas fazem vista grossa para esse negócio de receita".

Era Daniel quem conseguia adquirir e comercializar a morfina em comprimidos. Ele comprava a caixa de remédio por volta de R$180,00 e vendia as unidades para os amigos, ganhando certa margem de lucro. Revelou que preferia as "pequenas farmácias porque a cobrança da vigilância sanitária é menor, nem todas têm sistema de notificação informatizado". Ao explicar como fazia para conseguir tais fármacos, contou ter se juntado a um amigo que sabia utilizar um programa de edição gráfica e conseguiram "fazer uma receita perfeita, com carimbo e tudo". Acrescentou que dava nomes falsos de pacientes, inclusive "Daniel" era um dos nomes que ele usava freqüentemente nas receitas. Explicou que elaborou uma seqüência numérica de série para as: "receitas que são expedidas diretamente da minha impressora. Tivemos o cuidado de colocar o carimbo bem em cima do telefone do consultório para dificultar, caso alguém desconfie da procedência". A assinatura do médico também era forjada por ele mesmo. Pude acompanhar em parte de uma das compras da "morfina pura", como eles chamavam o remédio a base de morfina, uma das substâncias que consta na lista "A1" do anexo da portaria 344/98 da ANVISA[34].

Assim, estava num fim de tarde na *Funhouse* com Ramón e Iara que encomendara 10 comprimidos do remédio a Daniel. Ele chegou depois de atrasar algum tempo, dizendo que havia ligado para uma das farmácias que costumava comprar F.Q e pedido que ele fosse entregue no endereço residencial da Flávia, uma de suas "clientes", outra interlocutora da rede *Funhouse*, que morava próximo à casa do Ramón. Como as farmacêuticas que eu havia antes entrevistado disseram que havia um rigoroso controle para a venda de fármacos deste tipo, tanto dos dados da receita, do paciente e do médico antes de liberarem o medicamento, perguntei como ele conseguia entrega em domicílio para esse tipo de remédio. Daniel respondeu que oficialmente não poderia ser entregue, mas como ele já tinha inventado uma história e contado ao dono desta farmácia de que não podia se deslocar para comprar, por

[34] Consultei a portaria e o Art. 35 diz: A Notificação de Receita é o documento que acompanhado de receita autoriza a dispensação de medicamentos a base de substâncias constantes das listas "A1" e "A2" (entorpecentes), "A3", "B1" e "B2" (psicotrópicas), "C2" (retinóicas para uso sistêmico) e "C3" (imunossupressoras), deste Regulamento Técnico e de suas atualizações.

algum motivo não explicitado, e como era, assim disse, "um freguês assíduo, coisa que interessa muito aos donos de negócios...", eles abriram essa exceção.

Posso inferir, por um lado, que há diferenças de rigor e controle entre as farmácias de grandes redes e as de pequeno porte e, por outro lado, que há uma margem de negociação entre quem compra e quem vende, que varia de acordo com a proximidade entre os negociantes e os interesses implícitos na negociação. Era uma maneira interessante de subversão das normas impostas pela ANVISA, mas que não conseguia dar conta do controle da comercialização de medicamentos com total eficiência. Assim, davam-se as negociações no cotidiano, pois as próprias contravenções faziam parte dos trâmites do mercado. Eram previsíveis, mas não eram admitidas ou aceitas nos relatos dos farmacêuticos.

3. 6 – *Mandando* na veia: uma etnografia do uso de morfina injetável.

No mesmo dia, aqui descrito, de compra do remédio, Daniel saiu da *Funhouse* e, logo em seguida, voltou com um envelope de comprimidos. Iara que já estava bastante nervosa pelo atraso, pois, além de ansiar por sua "dose", ainda teria que ir à academia de ginástica. Ela tinha comprado por oitenta reais 10 comprimidos de 30mg de Daniel. Quando ele perguntou se ela ia precisar de mais quantidade na semana seguinte, Iara respondeu negativamente. Assim que recebeu a encomenda, pegou um comprimido e partiu em duas partes iguais. Colocou uma das partes numa colher com um pouco de água colhida da torneira, aqueceu em uma boca do fogão até que o comprimido dissolvesse numa mistura esverdeada e esperou que esfriasse pra *puxar*[35] com a sua *grinfa*, a expressão que davam para a seringa. Quando ia começar a puxar, Ramón esbarrou na colher onde estava o concentrado e fez com que derramasse um pouco da **dose** sobre a mesa. Iara reclamou da falta de atenção de Ramón, mas logo em seguida perguntou para ele se teria que fazer um complemento com mais ¼ do comprimido para repor o que foi perdido, ele respondeu com um dar de ombros indicativo de "não saber" ou "não querer responder". Ela não complementou a dose e ***mandou*** o que ali havia.

Muitas vezes, a aplicação acontecia na cama do Ramón, pois em seqüência ao "pico" vinha o baque[36] e, nesse momento, tal como pude ver, a pessoa devia ficar deitada para que o

[35] Seria o ato de colocar um chumaço de algodão dentro da mistura e filtrá-la (normalmente é utilizada a ponta do filtro do cigarro que ainda não foi fumado) ao sugar para a seringa o que em seguida será injetado.
[36] É como denominavam o momento que sucede ao "pico" de morfina.

efeito fosse sentido da melhor forma. Depois, ela falou para mim: "tava só esperando eu passar o algodão em cima da mesa, não era?!" Começou a rir. Mas a *lama* foi passada a Ramón. Ele ficava com as sobras do que era usado ali na *Funhouse*. Pude perceber que a *lama* funcionava como moeda de troca das pessoas que circulavam no lugar. Mas, geralmente, o dono da casa ficava com o que sobrava tanto na colher como na frigideira, ou seja, o resto do preparo de morfina a partir dos remédios.

Gostaria de reconhecer agora até uma característica minha, pessoal, que poderia ter se tornado um problema e inviabilizado a pesquisa, se eu mantivesse meu próprio limite: certa falta de coragem de ver ou lidar com sangue. Na vida, quando em momentos que via sangue ou ferimentos graves, costumava sentir a pressão baixar e, algumas vezes, cheguei até a desmaiar. Quando me propus iniciar a pesquisa com esses rapazes que, usando suas palavras, "mandam nos canos", foi um desafio, de alguma forma, de estar passando por uma experiência que, até então, ia além do meu controle, de meu limite. Depois pude entender, aos poucos, esse contexto como uma maneira particular de estranhamento, critério importante no ofício antropológico, o que foi se tornando mais claro. Era como se eu estivesse encarando e vivenciando meus próprios limites, considerando meu próprio controle, refletindo de alguma maneira a experiência da rede da *Funhouse*.

Outra vez, eu estava na *Funhouse* por algumas horas, depois de acompanhar Ramon tomar três doses. Perguntei, então, quantas doses ele já havia tomado e Ramon respondeu que achava que aquela em sua mão era a quinta, mas, normalmente, ele não contava quantas doses a cada dia. Isso me fez pensar em outra coisa. Três doses do quê? Não podia dizer ao certo. Quando alguém levava "pó" para a *Funhouse*, era uma prática comum fazer "montanha russa". Ou seja, tomar uma dose de "pó" e, depois, uma de morfina. Foi descrita a sensação de subida e depois descida. Outra prática era fazer a mistura de duas substâncias numa mesma dose. Ramon chamava a mistura de *speedball*, citando o livro *Junky* (Burrroughs, 1977). Mas ele chegou a me dizer, uma vez, que evitava *mandar* "pó" se não tivesse uma dose de morfina para rebater depois. Para ele, a fissura se tornava quase insuportável em alguns dias. De fato, nesse dia, as pessoas estavam fazendo aplicações misturadas mais variadas, de F.Q., dimorf, cocaína e o que mais viesse misturado em forma de "pó". Pode-se dizer que, dependendo do dia, as experiências *junkies* podiam ser mais extremadas ou não, o que nos mostra outra vez a relevância da intensidade para esses jovens.

Foi curioso perceber que havia algumas práticas desempenhadas de modo especial por algumas pessoas. Isso concernia tanto ao trabalho (banda de rock/bar) como no processo de

comércio, manipulação e utilização principalmente das substâncias injetáveis. Por exemplo, Daniel era a pessoa vista como a mais capaz para adquirir os remédios. Além disso, o "saber fazer" e o "fazer bem" era o que garantia reconhecimento dentro da rede. Ramon e Daniel eram considerados bons aplicadores. Na *Funhouse*, era Ramon quem, normalmente, aplicava as doses nas pessoas. Durante a pesquisa, soube que Iara, Ahmed, Flávia e Felipe também iam tomar doses de Dimorf na casa do Daniel, mas, quando a mãe dele chegava da cidade do interior onde morava, e se instalava na casa do filho, isso não era possível.

Seringas descartáveis tinham outro sentido e valor para essa rede. Usavam água sanitária para limpar e re-utilizar as seringas que carregavam consigo, cuja duração excedia uma aplicação, trocavam seringas quando as agulhas ficavam **cegas**, quando entupiam ou se quebravam, quando as perdiam. Preocupavam-se em não usar o algodão de cigarros já fumados para filtrar a morfina e cocaína, pois, como lá ouvi, entendiam que num filtro usado existiam muitas toxinas, além das que já vêm no processo de preparação dos injetáveis. Várias destas pessoas afirmaram não compartilhar seringas por temerem infecções transmitidas através do sangue. Mas qual era o alcance real dessas práticas locais de "redução de danos"? E quando elas expressavam a própria ambigüidade das experiências *junkie*? Estariam elas entre a intensidade e o saber apropriado das técnicas de uso das substâncias? Veremos mais adiante estas questões.

3.7 - Pausa para demonstração:

Para dar uma dimensão mais descritiva ao que expliquei até agora, passo a demonstrar com imagens o modo mais comum de preparo da morfina obtida a partir do F.Q. De fato, nas noites em que estive na *Funhouse*, pude notar que chegavam no local vários amigos de Ramón com um saquinho contendo um, dois, às vezes, três frascos de F.Q. para realizar o processo de beneficiamento do medicamento na famosa cozinha da casa. Geralmente, Ramón aplicava as injeções, já que apenas ele, Daniel e outro rapaz possuíam o *expertise* de injetar em outras pessoas e em si mesmo. O processo forjado por Daniel que há mais tempo (11

anos) usava derivados de ópio de modo injetável[37], iniciava-se com o flambar do líquido despejado do frasco em uma frigideira:

Os interlocutores informaram que este procedimento serve para que o álcool e a cânfora evaporem mais rápido. Nessa hora, o cheiro de cânfora que exalava do líquido aquecido já dava seus primeiros sinais. Em seguida, o concentrado é aquecido numa boca de fogão. Nessa hora, quando ferve, é que o cheiro se torna bastante forte – fator principal para denuncia da prática, e motivo que faz da prática uma interdição na casa dos que vivem com familiares, por ser moralmente condenada:

[37] ALCANTARA, J. L. ; VALLE, Carlos Guilherme do . Uso e comércio de "morfina" entre jovens "junkies" de Fortaleza - Ceará. In: KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía; PIRES, Lênin. (Org.). *Burocracias, direitos e conflitos. Pesquisas comparadas em antropologia do direito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

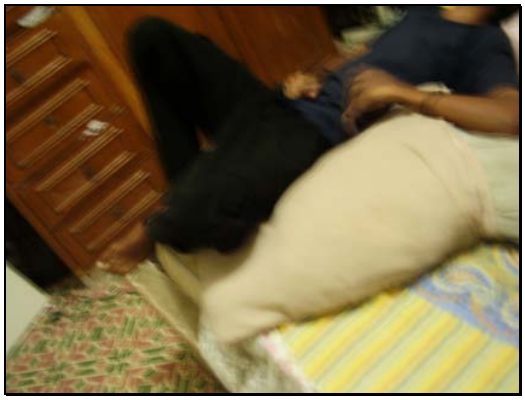
O passo seguinte era esperar que o preparado esfriasse e "cristalizasse" (é o termo nativo) para, em seguida, se mergulhar um chumaço de algodão (filtro de cigarro não-usado) para filtrar o líquido e "puxar" com a seringa.

E por fim, ajustava-se uma boa música para acompanhar o "pico" de quem "mandaria morfina nos canos":

A escolha da música demandava uma negociação entre Ramon e a pessoa que seria enviada para "os sonhos de Morpheu". Nessa hora, a *expertise* do neófito se apresentava ao escolher músicas certas. Mais do que agradar ao *junkie* iniciante, as músicas escolhidas deveriam satisfazer também o gosto da turma de amigos. Era um momento de demonstrar diálogo com o grupo em termos musicais.

Há um aprendizado que, além de sensorial, é de técnicas, tal como pressionar o braço para que Ramón encontre a veia certa.

Há perícia para não movimentar-se e não ocorrer de perder a veia.



Na foto anterior, percebe-se a posição logo em seguida ao "baque", quando o *junkie* levantava as pernas para que a circulação de sangue no corpo ocorresse num menor espaço e a sensação desejada se intensificasse.

O que sobrava na frigideira (a "lama") era aproveitada por Ramón, que diluía a sobra em um pouco de água colhida da torneira e "mandava" em si mesmo. Por ser o dono da casa e quem dominava a técnica de aplicar as injeções, essa troca funcionava como "dádiva" (MAUSS, 1994) entre as pessoas que iam ao local.

3. 8 - Efeitos e Alívios Possíveis:

Uma vez, estava na *Funhouse* conversando com Ramon e Hans, no quarto, depois que os dois tinham tomado suas doses de morfina. Enquanto Hans estava deitado na rede e Ramon ficou sentado ao pé da cama, eles discutiam o arranjo de mais um baixo em uma das músicas da banda. Pouco tempo antes, circulava-se "um beck" (ou *baseado*)[38], mas a conversa continuou em torno dos custos de gravação e mixagem em estúdio. Em certo momento, Ramon começou a se coçar e, se sentindo mal, resolveu tomar um banho para ver se passava a coceira. Logo depois, foi a vez de Hans começar a se coçar sobre o tórax.

Saí do quarto e fui até a cozinha, onde estava Ahmed de olhos fechados, mas, ao mesmo tempo, alerta, sentado na cadeira ao lado da geladeira. Quando notou que alguém chegava, abriu os olhos e me convidou a sentar próximo. Perguntei, então, sobre as sensações

[38] Um dos nomes dados ao cigarro de maconha. E um dos mais usados pelos interlocutores, seguido por "um" e "unzinho".

que eram causadas pela morfina e ele me respondeu que, primeiro, tinha o "baque", quase uma sensação de sono, mas sabendo que estava acordado, que durava alguns segundos. Logo em seguida, vinham os "sonhos de Morfeu" que eram formas de relembrar coisas que aconteceram de forma mais tranqüila. Mas ainda havia as coceiras como efeito, tal como Ramon e Hans estavam sentindo.

Por sua vez, D´andré contou certa vez que não se "picava com pó" porque era muito bom e, assim, perigoso. Para perder o controle, era muito fácil. Achava, entretanto, que "brincar com as pedras" era administrável. Hans identificava também a cocaína com perigo, porque achava que sua "instigação" era mais forte do que a proporcionada pela morfina. Para ele, não se segurava a "fissura" de "pó", pois se fazia de tudo para conseguir uma "dose", mesmo se ela fosse de outra pessoa, mesmo se houvesse resto de sangue dentro da seringa. Certa vez, Hans chegou a salientar, o que já indica algo de revelador, que ele era diferente das outras pessoas da *Funhouse*, afirmando que se preocupava com a saúde. Acredito que ele se referia as infecções transmitidas pelo sangue. Por sinal, justificando que era corpulento, ele preferia usar seringas de 3 ml, maiores do que as usadas por seus amigos, mas também podia ser por segurança. Como ele era o único a usar agulhas mais grossas, essa diferença reduzia a possibilidade de troca casual de seringas, pois todos os outros usavam agulhas finas.

Um caso relatado por Flávia pode dar a compreensão de algumas características pessoais que culminavam em certos efeitos. Disse que era uma pessoa muito agitada e passou algum tempo em acompanhamento psiquiátrico. Com o tempo, percebeu que as medicações receitadas por seu médico lhe tiravam "a libido", deixando-a, ainda mais, "meio lesa", o que a incomodava, tanto pelo estado em que se encontrava como pela falta de desejo de ter relações sexuais com o parceiro. Ao saber através da rede de amigos que a morfina tinha entre seus efeitos acalmar e relaxar, resolveu interromper o tratamento, passando a fazer uso diário de morfina injetada. Em seu caso, a morfina dava alívio, ajudava em não deixá-la mais calma sem ficar embotada, que nem os remédios psiquiátricos que lhe foram prescritos.

Em 2001, Iara começou a usar morfina junto de Ramon como se fosse mais uma "droga", além da maconha e dos cigarros, mas ela vinha, na época, usando quase todo dia. Como efeito, suas "veias afundaram". Mas a morfina obtida através do F.Q ardia ainda mais quando entrava em suas veias, que não suportavam a química do remédio. Quando terminou o namoro com Ramon, pesou o fato de ter sempre ter a casa dele para poder *mandar* a substância. Explicou que não se "picava" sozinha e comentou que, quando a pessoa começa a injetar morfina sozinha, ela "entra para o clube", uma expressão criada por Daniel para

identificar aqueles que se injetam sozinhos. Aparece aqui a questão da dependência, do *vício*. Para Iara, ela não tinha esse problema, mas afirmou que não passava mais de três dias sem usar morfina, ainda que estivesse namorando um rapaz *careta* há dois anos, que usava apenas bebida alcoólica. Chegou a sugerir que eu fosse conversar com seu namorado para que eu tivesse a visão de quem convivia de perto, mas não usava injetáveis.

Para Daniel, o vicio não era considerado, de início, como uma possibilidade, alegando que a morfina que usavam, a do remédio F. Q., não tinha muita quantidade para isso, tal como a heroína. Foi só depois que os amigos da Funhouse chegaram a um cálculo mais preciso que a cada quantidade de remédio havia concentração de ópio suficiente para viciar. Eles perceberam que cada frasco do medicamento tinha 1,5ml de morfina, só que o consumo que faziam chegava, em certos momentos, até a 1g de morfina. Como aconteceu com Iara, uma nova relação sexual-afetiva provocou alguma mudança de uso da substância. Ao casar, Daniel diminuiu seu consumo e sua esposa chegou a ajudá-lo em sua dependência do remédio. Para Daniel, a noção de vício seria:

> "Se tornar viciado é perder a noção da sua vida. Se você é um universitário é deixar de ir para aula, deixar de estudar, ou pegar o dinheiro que deveria ser para comida ou para pagar as contas e tirar para comprar a droga".

Considerando os efeitos corporais de *mandar* a substância nas veias, relatados por Iara, foi necessário perguntar o que significava para ela usar morfina, o que motivou a ela dizer: "é sair do tédio... é se sentir preenchida". Ainda mais, o ato de "se picar" significava se arriscar. Foi interessante pensar em suas palavras sobre risco, pois havia músicas da banda *Xperience*, que descortinavam como essa noção do risco era ambígua, quando confiança e saúde estavam em questão.

Depois de apresentar todos esses relatos pessoais, podemos pensar as implicações do uso de morfina, como as pessoas da rede *Funhouse* pensam os efeitos e alívios possíveis em suas próprias vidas, em seus cotidianos. Não se pode resumir aqui à descrição etnográfica do uso, do *mandar* morfina na veia, mas pensar como toda essa prática envolve outras questões, pertinentes para esse trabalho, dos limites do auto-controle, dos riscos e dos efeitos diretos para o corpo, que corroboram uma visão específica sobre saúde e prazer. Vale salientar que não pretendo dar uma visão, digamos, moralista destas experiências e sim entender como meus interlocutores reconheciam esses limites, os riscos e os efeitos possíveis da substância em seus corpos, a possibilidade de se sentir "bem", ao mesmo tempo considerando as formas de alívio, as estratégias buscadas para contornar certas ambigüidades do limite reconhecido de

uso. Talvez fosse menos uma preocupação com o corpo em termos de "saúde", tal como se pauta e define a medicina, mas seria um modo de considerar os limites possíveis **no** e **para** o corpo, muito mais do que uma preocupação com a saúde em si, como se fosse uma meta a buscar.

Como expliquei no inicio desse trabalho, minha proposta era saber das relações entre prazer e/ou hedonismo e o uso de algumas substâncias, o que se estabelecia nas relações de sociabilidade mediadas por esses usos, quais seriam os significados que se atribuía ao corpo em interação com esses utensílios e com o uso de morfina para aquelas pessoas que freqüentavam a *Funhouse*. Além disso, apontei que minhas preocupações envolviam o tema da saúde e queria saber também sobre os cuidados com o corpo, se havia algum tipo de preparo para o uso principalmente da morfina, como se fazia os diferentes preparos dos medicamentos, se eles se preocupavam com os danos, se houvessem, que esse uso podia causar. Essas questões nortearam minha pesquisa etnográfica com as pessoas da rede *Funhouse*, embora eu tivesse alcançado um nível mais amplo de conhecimento do que eu esperava a princípio.

Desde o início deste capítulo, busquei mostrar que as pessoas que compunham a rede da *Funhouse* usavam ou consumiam, mesmo diferencialmente na rede, as mais variadas substâncias, legais e ilegais. As bebidas alcoólicas e cigarros eram consumidos diariamente por algumas pessoas. Mas Ramon e Daniel faziam uso constante, se os tivessem, inclusive essa era uma das minhas "moedas de troca" na pesquisa de campo. Toda vez que ia para a *Funhouse*, eu levava ao menos uma carteira de cigarros, pois sabia que nem sempre eles podiam comprar. Certa vez, quando fiz uma das entrevistas com Daniel, ela foi regada a cachaça com sabor de menta, que estava sendo recentemente comercializada. Pude notar que ele tomou umas seis ou sete doses durante o tempo de entrevista, por volta de duas horas. Acho que das pessoas com as quais convivi, ele era uma das que mais apresentava sinais corporais de algum problema decorrente dos usos intensos de várias substâncias. As veias que ele acessava para injetar-se não tinham a mesma possibilidade de variação que os mais novos na prática. Por vezes, tinha que utilizar as veias dos pés ou da virilha para conseguir "mandar". Havia em seu pulso um grande ferimento que nunca cicatrizava por ser um dos poucos locais que conseguia acesso certo.

Considerando mais outros efeitos, podemos pensar a preocupação com as marcas corporais pelos usos das substâncias. Havia uma constante atenção aos furos e marcas deixados por conta das agulhas. Eram ferimentos, alguns até imperceptíveis, mas podiam

virar hematomas bem visíveis, dependendo do grau de infecção em que se encontrava o local das aplicações. Gontijo et. alli (2006) aponta para as marcas, formando "caminhos nas veias", observadas pelos dermatologistas que atendem usuários de cocaína, que eram geradas não só pela repetição das injeções, mas principalmente pela presença de impurezas nas misturas existentes nas substâncias vendidas. Mas nem sempre era necessário encobrir a marca, disse uma vez Ramon: "Eu, por exemplo, só fico com essas marcas, [mostra as marcas no braço], se estiver me picando com pó, cocaína". Contudo, nos dias em que estive mais próximo dele, acompanhando seu cotidiano, quase sempre podia ver as marcas. Alguns dias, elas eram, de fato, menos acentuadas, talvez não fossem marcas tão perceptíveis como as de Daniel.

Na verdade, havia diferenciação de quem podia ou não ver as marcas corporais. Isso parecia se dever às possíveis represálias que os interlocutores temiam sofrer ou, mesmo, chegar a comprometer pessoas que lhes fossem próximos. Relato um exemplo interessante disso, que pode mostrar como se dava as técnicas e estratégias de ocultação das marcas corporais bem como a diferenciação de quem podia vê-las ou não. Estávamos na *Funhouse* no final da tarde de um domingo. À noite, estava para acontecer um "chá de casa nova"[39] de um casal de amigos, cujo rapaz não estava muito próximo da rede nesse período. Chamou-me, porém, a atenção um potinho de base de maquilagem facial em cima da mesa. Pude ver quando Ramon tomou o potinho e começou a passar nos braços, por cima das marcas que tinha. Desde a noite anterior, as pessoas estavam reunidas usando substâncias e, até àquela hora, não se havia dormido na *Funhouse*. De comida, pouco foi consumida, além de algumas barrinhas de cereais que Steve, um amigo da galera da *Funhouse*, que ia lá poucas vezes, havia comprado e distribuído. Um rapaz, tido como traficante de cocaína do bairro, estava na casa desde cedo. Isso colaborou para a maior quantidade de uso de cocaína e o fato da noitada ter se estendido sem parar. Quando perguntei a Ramon porque ele estava usando a base de maquilagem, ele respondeu que a mãe e outros parentes do casal estariam presentes e, assim, não "pegava bem" aparecer com aquelas marcas nos braços[40].

Todavia, se elas apareciam, então, provavelmente existirão momentos em que elas precisam ser encobertas. Uma das maneiras relatadas foi a de usar roupas que cobrissem os

[39] Espécie de comemoração entre amigos e parentes motivado pela mudança de local de moradia ou formação de casal, onde a/s pessoa/s que vai/vão morar em uma nova casa fazem pedidos de utensílios e adereços.

[40] Passei a pensar mais tarde sobre a validade das fotografias que eu tirava na casa. Algumas delas, focalizavam os braços e pulsos das pessoas da rede. Uma vez, quando pedi permissão para fazer uma fotografia do pulso de Daniel, ele fez comentou que isso podia chocar outras pessoas, se elas vissem as imagens. Foi muito depois que esse comentário pesou na consciência e me fez repensar certo ideal romântico, que vez por outra nos assalta, de colher informações que parecem ser únicas e, se não forem coletadas, naquele determinado momento se esvaem. Atualmente, não acredito que a descrição precisa das marcas corporais serve de informação. Espero poupá-los de uma exposição desnecessária que apenas provocaria a sensação de inquietação.

braços e pulsos ou outros locais onde ficavam as marcas do uso de injetáveis. Assim, era muito comum que usassem blusas e camisas de mangas compridas e sapatos fechados. De fato, os braços eram os principais locais de cuidado com a visibilidade e a exposição dos sinais. Mas as veias dos pés eram também utilizadas para se injetar, quando não se conseguia "pegar as veias mais fáceis". Desse modo, o estilo de roupa usado pelas redes sociais investigadas, sobretudo a *Funhouse*, ajudavam no acobertamento dos sinais, mostrando certa racionalidade utilitária no ato de se vestir, pensada aqui em termos de estratégia de evitação. Mas acho inviável separar a necessidade estratégica de encobrir marcas corporais e o que se expressava como símbolo do estilo de vida de determinada parcela de jovens. Essa relação imbricada não se resumia a uma atitude mais "útil" demarcadora de fronteiras, pois ela podia se estender para outras expressões, tais como as da arte e da moda.

Relacionar a idéia de encobrimento ou acobertamento de informações ao "uso de máscaras sociais", que acompanhava a interação entre os interlocutores/as, seus pares, a pesquisadora e, ainda, muitos outros (por exemplo, os farmacêuticos) foi um exercício bem interessante para perceber até onde, de fato, havia condições e possibilidades concretas de sucesso no "encobrimento". Além disso, ajudou a saber como essas informações, enquanto sinais ou uma linguagem de relações, conforme diria Goffman sobre o estigma (1988) eram utilizadas para negociar as práticas e ações de cada uma das partes em interação. À medida que se aproximavam, duas ou mais pessoas, que dominavam certos códigos e compartilhavam práticas, havia a possibilidade de haver associação e empatia sobre conhecimentos, valores e usos práticos do corpo e de substâncias.

Isso podia se apresentar de formas diversas. Por exemplo, a organização de shows da banda Xperience foi confrontada algumas vezes por essas questões. Uma vez, deram um show e os membros da banda não puderam tomar a "dose" de morfina antes. Nesse dia, eles se desentenderam no palco, houve troca de desaforos: "o show foi péssimo". Um dos rapazes, contou, certa vez, que a banda viajou para outra cidade e tiveram que se hospedar na casa de um amigo que morava com a mãe. Não houve nenhum problema de usar morfina com o amigo, que não se incomodava com a prática, mas sua mãe não podia saber. Surgiu, então, um problema: como fariam a extração da morfina? Todos tiveram que esperar a mãe do amigo sair de casa para prepararem o remédio e se "picarem". Segundo ele, o show teria sido muito bom, pois todos estavam, então, bem sintonizados.

Mas esse exemplo precisa ser comparado à situação concreta e mais arriscada de encobrir os usos de morfina através das compras de remédios em farmácias, usando, além

disso, prescrições falsificadas. Está aqui uma interessante situação de risco e encobrimento que perpassa grande parte das experiências mais públicas dos jovens da rede *Funhouse*. Acho que aqui está uma boa relação do problema do segredo, do encobrimento de sinais e informações, que começa no corpo dos jovens, mas envolve outras práticas e situações.

Podia acontecer também quando havia necessidade de escamotear a negociação, o porte e o uso das substâncias psicoativas que circulavam na rede. Uma vez, ouvi um relato de que se uma mulher portava as substâncias, facilitava o trânsito das pessoas, porque corriam menos risco de serem paradas por policiais. Existia menos policiamento feminino nas ruas e por elas mesmas saberem que uma mulher só poderia ser revistada por uma pessoa do mesmo sexo, utilizavam-se disso para andarem com "paradinhas"[41] de maconha ou de cocaína.

Estamos diante da questão da ambigüidade do segredo. Seria o mesmo se pensarmos sobre aquilo que, de fato, se revela de práticas que podem ser estigmatizantes, o que se pode mostrar ou não. Ao falar sobre estigma e os modos de controle de informação, Erving Goffman ressalta essas maneiras, muitas vezes estratégicas, de revelar ou esconder atitudes e marcas. Até mesmo o nome que os rapazes criaram para definir a rede, *Funhouse*, acionava um código de compartilhamento de determinados saberes específicos que circulava apenas entre ditos 'entendidos'/'informados' (Goffman, 1988). No caso do nome da rede, era um termo específico com nítido entendimento que circulava entre pessoas que curtiam *rock'n'roll* e/ou que se orgulhavam de serem *junkies*.

Portanto, havia, em primeiro lugar, a diferenciação do que se podia controlar extra-rede e, em segundo lugar, a preocupação com o que se deixava escapar intra-rede. As sutis variações envolviam os aspectos mais diferentes, desde os traços físicos, características da substância, o status legal, a forma de consumo, alguns fatores que faziam de algumas substâncias mais visadas e outras menos. Do mesmo modo, internamente à rede, existiam modos de controle de saber, por exemplo, se a substância estava no fim, se estava fácil de ser vendida ou comprada, se podia ser dividida ou não e servir como "lama"[42]. Modos de negociar sua permanência entre os jovens da rede social de bom grado. Já que a "lama" de determinadas pessoas não interessavam, justo por sua presença ser também descreditada de interesse para as pessoas que compunham o núcleo duro da rede.

Toda essa temática do segredo e encobrimento de informações envolve, diretamente, algumas questões-chave, ao menos para mim, da pesquisa: a dos riscos de saúde. O que me era revelado e o que me era encoberto ou velado sobre isso? De algum modo indicativo de

[41] Usado para referir-se a pequenas quantidades dessas substâncias
[42] Termo usado pelos interlocutores para referir-se ao que sobra de uma dose, seja de E.P, seja de dimorf.

certa preocupação com riscos de saúde e a manutenção da vida, pude observar que não se procurava ou compartilhar seringas, pois cada pessoa, segundo eles, teria a sua "grinfa"[43]. Isso tinha relação com a prevenção de doenças que podem ser transmissíveis pelo sangue, como a AIDS ou hepatite C, que eram conhecidas por eles. Foi o que Ramon me disse da primeira vez que falamos, mas pude perceber, quando passei a intensificar os contatos e visitas à *Funhouse*, que havia algumas seringas guardadas numa caixa na última prateleira da estante da cozinha. Isso também foi relatado por Nicolas, que chegou dizer que elas serviam para outras pessoas, mas eles usavam água sanitária para limpá-las. Um fator que merece ser ressaltado é que, ao menos, quatro dos meus interlocutores, deles entre os quais Flávia, relataram reserva em fazer exames de sangue. Quando perguntei se havia o receio de saber o resultado dos exames, tanto a resposta de Daniel como a de Flávia foi parecida. Disseram que nem era tanto o medo de saber-se portador de alguma doença, mas a dificuldade que os profissionais da saúde tinham em "achar" as veias. Segundo eles, as veias iam, aos poucos, se afundando e ficava difícil alcançá-las. De fato, muitas vezes nem eles mesmo conseguiam achá-las.

Outra problemática que creio ser importante ser apresentada neste momento é a dos riscos e adoecimentos relatados pelas pessoas da rede *Funhouse,* o efeito de uso continuado de morfina pode sobrecarregar o fígado e os rins. Vários deles reconheciam, aliás, esse problema. Foi Flávia que relatou, de modo dramático, uma dessas mazelas. Ela contou que ficou hospitalizada certo tempo ao sentir fortes dores em seus rins e os médicos não conseguiram diagnosticar o que ela sofria. Quando os médicos passaram a suspeitar de câncer, propondo "abrir" seu corpo, ela sentiu-se pressionada a contar-lhes sobre sua prática cotidiana de usar morfina injetável. Assim, partiram para outra terapêutica de recuperação.

Ficava, aliás, evidente que as pessoas da *Funhouse* notavam muito bem certas práticas de risco. Isso acontecia, sobretudo, quando comparavam os efeitos da cocaína com os da morfina. Essa comparação foi presente em muitos relatos que apresentei mais acima. Quem usava cocaína tinha menos condição de auto-controle do que aquele que só mandava morfina nas veias, supostamente mais controlado. O modo de perceber a diferença no manejo de cada "droga" pode ser interessante para demonstrar como eles apreendiam noções de uso, de "fissura", de cuidado, de maior ou menos risco relativos aos controles físicos. Veja a seguinte fala de Ramon:

[43] "Gringa" ou "grinfa" é como eles denominam a seringa.

> ... aqui também, às vezes, a galera faz altas coisas 'trash'[44]. Eu mesmo. Já aconteceu isso daí mesmo comigo. Eu sei que provavelmente qualquer dia isso [alguma infecção de DST] pode ocorrer, mas até hoje nada disso aconteceu. Talvez por isso as pessoas não dêem tanta importância, né! Mas, eu notei que a galera perde mais o juízo, deixa de ser mais cuidadoso, mesmo, é quando é pó [cocaína]. Porque com pó você quer tomar uma dose aqui, depois quer tomar outra e como fica tomando várias vezes...e acaba assim... nisso você não consegue, assim, realmente ser ... tão ávido por outra dose que não consegue fazer todos os procedimentos que, de fato, esperava. Então, a galera, assim... Tem um amigo meu que, depois que ele toma, chega a dar vacilo. Deixa um pouco de sangue dentro da dose. Deixa algodão com sangue pro lado, pó do outro e tal...Na relação com a cocaína, esse negócio químico afeta bem mais. Mas, com a morfina, que é uma coisa bem mais tranqüila, que o cara só toma uma dose e fica na boa mesmo. Com a morfina, eu posso, ao menos, ler um livro. Com a cocaína, eu não posso fazer porra nenhuma.

Esse descontrole causado pela cocaína era, de fato, relacionado a muitas coisas: aos riscos mais variados, os "vacilos"; a maior presença de marcas corporais, à compulsão de não saber parar, tudo isso servia de caracterização de uma experiência intensa que não teria condições próprias de encontrar ou definir limites. Sem poder "segurar a fissura do pó", a pessoa podia fazer qualquer coisa e tudo ao mesmo tempo, para ter mais outra "dose", mesmo se ela usasse uma seringa ainda com sangue dentro. Segundo Hans e D'André, a cocaína era identificada com 'perigo' ou 'instigava' mais fortemente. Para Daniel, dava uma 'euforia sem alegria'. Até mesmo para um dos jovens que comercializavam substâncias, ela era uma 'porcaria'. Ainda mais, ela podia estar misturada com impurezas, outro motivo de reclamação e temor. As seringas podiam 'entupir' por causa do "empapado" das misturas, prejudicando a própria rotina de uso de substâncias psicoativas. Com a morfina, seria possível, para esses jovens, garantir a procedência e qualidade dos remédios e de suas substâncias químicas. O mesmo não se daria com a cocaína. Ela era, assim, o objeto de acusação e desestabilizava a própria sociabilidade *junkie* da *Funhouse*.

Mas, então, porque continuavam a usar cocaína? Uma das formas de atenuação ou alívio de seus efeitos seria usar, de modo alternado, cocaína e morfina, mas podia se usar também os remédios mais variados (*rivotril, olcadil*, etc), que "rebatiam a fissura do pó". Na verdade, talvez o uso de morfina não fosse, para meus interlocutores, o verdadeiro problema, mas sim o uso de cocaína. Era ela que dava um sentido diferente, muitas vezes negativo, segundo as falas, à própria 'ordem' de intensidade que se buscava na *Funhouse*. Se fizéssemos agora um exercício preliminar de comparação entre as duas redes, já seria possível dizer que as pessoas que compunham a rede da *Funhouse* também tinham suas formas de

[44] Traduzindo a palavra do inglês quer dizer *lixo*. Simboliza nesse contexto coisas sujas ou que são desqualificadas

cuidado e controle de riscos. Mas, talvez, fosse a cocaína que colocasse em questão essas formas de cuidado, o que pode explicar o significado tão negativo que podia ter.

As observações e percepções que tive ao acompanhar meus interlocutores em seu modo de regular suas relações de sociabilidade davam para perceber que as substâncias que permeavam seu cotidiano representavam códigos que faziam deles mais próximos entre si, ao partilharem os modos de conseguir, de se relacionar com seus efeitos imediatos e os posteriores, ao aprenderem que músicas compunham um ambiente interessante para o uso e a socialização, além de perceberem como cuidar da imagem que eles poderiam expor, entre si e entre outros que não pertenciam à rede.

Outro fator que aqui cabe ser retomado é com relação às práticas hedonistas que estas pessoas demonstravam ter. Mesmo sabendo de alguns dos riscos e entendendo, a seu modo, o prazer que o uso das substâncias psicoativas lhes trazia, a forma como se relacionavam com o uso das substâncias permite supor como eles se mostravam e como se resguardavam em suas práticas de uso, tentando dar conta de aspectos públicos como o trabalho, as relações familiares, a idéia de serem "ídolos" locais de certos jovens e também fazerem o que lhes apetecia, como se fosse uma recompensa por auto-diagnóstico de suas necessidades psicológicas e que determinavam certo aspecto *avant-garde*, conforto, ao "retornar ao útero materno", ou vontade de se arriscar, ao "cavalgar nas cortas do dragão" ou ainda ao "entregar-se aos sonhos de Morfeu". Respeitando a qualidade da sensação e a intensidade da satisfação.

Em conclusão...
Aproximando para comparar

Como os objetivos de meu trabalho são identificar, compreender e comparar como eram mediadas as relações, as práticas e os saberes quanto aos usos de substâncias psicoativas, considerando duas redes sociais de jovens de Fortaleza, o foco da pesquisa recaiu sobre o entendimento das sociabilidades, além da dimensão presente das técnicas do corpo, referida às buscas particulares de hedonismo. À primeira vista, preocupei-me em entender os usos próprios de saúde para essas pessoas e como elas faziam para mantê-la, observando os níveis de preocupação que essas pessoas alcançavam, além de buscar as representações e significações que estavam sendo produzidas e acionadas. Contudo, isso se tornou mais um dilema que surgiu na pesquisa: será que meus interlocutores quando formavam suas redes tinham como objetivo a "saúde"? Ou quando se juntavam, em suas conversas, traziam a baila assuntos que poderiam ser entendidos como de interesse para manutenção de um corpo menos adoecido?

Busquei entender, portanto, as representações e significações formuladas por estas pessoas sobre *corpo* e *prazer*, considerando o *hedonismo* como uma forte característica das práticas e concepções do individualismo ocidental moderno (DUARTE, 1999; EUGÊNIO, 2006), mas com efeitos diferenciados em cada contexto e local. Através das interações e relatos das pessoas que utilizavam substâncias psicoativas com fins de diversão, tentei perceber como se davam os aprendizados, os usos e a circulação das substâncias. Pretendi compreender e discutir as motivações das pessoas usuárias afim de alcançar certos efeitos biopsicossociais. Desse modo, a maneira encontrada para comparar diferenças e semelhanças nas atitudes e comportamentos das duas redes foi separando-as "a partir da" recorrência de determinados usos e as referências citadas mais freqüentemente.

Recuperando o trabalho, eu abordo, em resumo, a problemática do *uso recreativo de substâncias psicoativas* em áreas urbanas. Uma das redes sociais era composta por tatuadores, *disc jockeys* (DJs), malabaristas, ornamentadores que trabalhavam num Studio de tatuagens e *piercings*, que organizavam e participavam de certas festas de música eletrônica, denominadas *rave psy-trance*, utilizando prioritariamente nesses locais substâncias sintéticas (ecstasy, LSD e derivados), mas também maconha, bebidas alcóolicas e cigarros. A outra rede social era composta por músicos, seus amigos, namoradas e alguns conhecidos próximos, bastante

influenciada pelos movimentos artísticos e experimentais do rock nas décadas de 1960 e 1970-80, sobretudo em torno dos estilos de *rock and roll*. Essas pessoas encontravam-se quase diariamente na *Funhouse*, além de freqüentarem, aos finais de semana, um bar (o *Needle´s bar*) onde tocava esses estilos de música. Usavam especialmente morfina de modo injetável, conseguida por beneficiamento de remédios vendidos de modo legal em farmácias, além de outras substâncias (algumas delas também de modo injetável): cocaína, maconha, crack, ketamina, bebidas alcoólicas, cigarros, etc. Algumas pessoas usavam também barbitúricos. Definiam-se como "loosers", "punks" e "junkies".

Em termos sócio-geográficos, o Studio de tatuagens e *piercings* e o *Needle´*s bar ficavam localizados em bairro dito 'nobre', de classe-média/alta da cidade de Fortaleza. A casa particular, onde se encontrava a rede *Funhouse*, situava-se em bairro periférico, próximo a uma grande favela. Havia, tanto no Studio como na casa particular *Funhouse*, a circulação diária de muitas pessoas que se vinculavam às redes de amigos, conhecidos ou freqüentadores de cada local. Ambos os locais tinham suas diferenças de usos, de desvelo e de privacidade, graus de explicitação e segredo em suas práticas (SIMMEL, 1983), sobretudo de consumo de substâncias psicoativas.

Como a pesquisa de campo foi de caráter multi-localizado (MARCUS, 1995), encontrei, de certa forma, representações diferentes de "mundos sociais" (BECKER, 1977), que foram apresentadas por cada rede social. Ainda que a grande maioria dos interlocutores nem ao menos se conhecesse, havia determinados locais, assuntos e práticas que ligavam algumas pessoas, ao menos, em certos momentos. Muitas delas identificavam-se como artistas (tatuadores/as e ornamentadores/as) e músicos em diferentes âmbitos e, por conseqüência, compartilhavam certos códigos comuns dos mundos artísticos (BECKER, idem), embora diferenciassem-se em muitos aspectos, inclusive no estilo de vida adotado. Desse modo, as redes sociais não eram evidentemente fechadas. Um exemplo interessante desses trânsitos entre redes e mundos, foi, inclusive, motivado pela própria pesquisa, quando um de meus interlocutores, Nicolas, mais ligado à rede *Funhouse*, participou de eventos que eu etnografava da rede Studio, sem qualquer inibição. Pode-se dizer, aliás, que dentre as substâncias psicoativas usadas por ambas as redes, caracterizando seus estilos de vida, estavam as bebidas alcoólicas, a maconha e o tabaco – substâncias, aliás, de consumo muito mais abrangente socialmente, não muito restritas.

Não pretendo, portanto, dicotomizar as duas redes sociais apresentadas nesse trabalho como polares por razão das práticas observadas entre os jovens. Deixo claro, desde já, que ambas as redes são um recorte de uma realidade bem mais complexa, que podem ser situadas dentre a parcela de jovens que, de alguma forma, burlam certas noções morais vigentes. Em primeiro lugar, no que tange à modificação do corpo e sua imagem, refiro-me aqui a usar tatuagens e *piercings* que, atualmente, mesmo no Nordeste brasileiro, tem alcançado entendimento menos estigmatizante. Contudo, ainda assim, usar tatuagens, vários brincos e *piercings* pode ser visto como prática "desviante" (BECKER, 1971 [1963]). Em segundo lugar, no que toca a mudança das sensações através de usos de substâncias psicoativas, não é igualmente uma prática socialmente generalizável, ainda mais, por exemplo, no caso dos jovens que aderem de forma contumaz às drogas lícitas vendidas nas farmácias, utilizando ansiolíticos, narcóticos e anfetaminas a depender do estado emocional que se encontrem (AZIZE, 2002, 2006). Fora desta comparação está uma grande parcela de jovens que estão na mesma faixa etária e possui características socioeconômicas parecidas, mas que "opta" por não se envolver com uso de substâncias psicoativas, de maneira geral, ou excluem de seu rol de uso as substâncias psicoativas classificadas como ilícitas. Mas, podem usar bebidas alcoólicas e/ou tabaco em contextos de festas, tal como no caso das micaretas, vaquejadas, dos forrós, das próprias festas *rave* ou em bares e boates noturnas. O que me guia aqui é a idéia de que há um espectro de narrativas e atuações possíveis e observáveis.

Para ambas as redes, pode-se afirmar que as referências artísticas e influências culturais eram tomadas principalmente de certos movimentos ou estilos originados nos Estados Unidos, mas também na Europa (Inglaterra, França e Alemanha). Por exemplo, havia conhecimento e consumo, por parte da rede *Funhouse*, da literatura *beatnik-junkie* de William Burroughs, Ginsberg e Jack Kerouac; da música de *The Velvet Underground*, de Iggy Pop, do *punk-rock* do Ramones; além do cinema de Jean-Luc Godard. No caso da rede do Studio, havia maior consumo de sonoridades *reggae* e da música eletrônica *trance*, também criadas e produzidas no exterior, mas sem negar estilos musicais brasileiros, consideradas, por eles, como "alternativos" (mangue beat; maracatu, etc). Todas essas referências eram apropriadas, ressignificadas e simbolizadas a fim de estabelecer diferenças e fronteiras diante da grande maioria dos jovens cearenses que buscavam lazer ou produziam música de "boiada" (tanto na fala de Marcelo do Studio como de Ahmed da *Funhouse*), referindo-se ao modo massificado de participar de eventos de lazer e de pensar e executar música, visando criticamente

especialmente a cultura de forró ou da axé *music*. Em razão disso, nas duas redes sociais, vários sinais diacríticos eram tornados aparentes e mesmo exaltados entre os jovens, tanto os que freqüentavam as festas *rave* como os eventos organizados pelos *junkies* da *Funhouse*, por exemplo a festa Boate Motel 90. Havia o uso de determinados adereços ou vestimentas, definidores de identidade, pretendendo explicitar um estilo de vida particular. Expressavam as formas de socialidade (STRATHERN, 1999) e ainda os significados intensivos hedonistas muito particulares que constituíam cada uma das duas redes sociais.

Por mais curioso que fosse, deve-se comentar ainda sobre os investimentos, interesses e paralelos entre certas preocupações *New Age* nas duas redes sociais. Assim, isso era muito mais evidente e presente no ideário *New Age* da rede do Studio, em suas práticas e relatos de vida. Havia uma preocupação e um sentimento de cuidado com a Terra, a consciência corporal, a permanência dos seres humanos em paz e com o eco-sistema, sem contar a relevância das técnicas de permacultura no cotidiano das pessoas desta rede. Mas certo esoterismo apresentava-se, ainda, na rede *Funhouse*, pois seus membros conseguiam recuperar interesses e referências sobre psiconautismo, religiosidade, gnose, astrologia e neo-xamanismo. Por exemplo, os relatos de Hans sobre suas caminhadas noturnas com um grupo de pessoas, guiados por um guru, em noites de lua cheia, atravessando as dunas ao longo do rio Cocó. Além disso, vale pensar nas significações do uso injetável de morfina, relacionadas à "volta ao útero", como disse um interlocutor, à sensação de plenitude e calma, que a substância supostamente causava. Contudo, articulava-se à uma visão de mundo que alardeava desencanto.

Deve-se considerar a discussão apresentada por Simmel sobre a forma dos indivíduos se agruparem. No meu entender, é o mais próximo a chegar de uma situação de pesquisa ideal, pois o "real" se mostra sempre de maneira multifacetada. Explica, portanto, a importância da questão da sociabilidade e das formas de socialidade em meu trabalho, tal como indiquei desde a introdução desta dissertação e foi se apresentando ao longo dos capítulos. Essas pessoas que eu interagi e convivi na pesquisa não estavam apenas se "drogando" nas barracas de praia, casas e apartamentos, em mansões ou casarões, clubes, boates e bares da cidade. Elas desempenhavam outros papéis sociais embutidos em suas atuações. O que faziam na maior parte de seu tempo, quando não estavam se divertindo? Em suma, elas estudavam, trabalhavam, tocavam músicas e instrumentos. Eram pais e mães, irmãos e irmãs, filhos e filhas, enfim, representando-se de maneira diferenciada em cada

plano. Elas aprendiam a se comportar de diferentes modos, variando com as situações a que se expõem com o passar do tempo. Como um exemplo de tal relação entre experiências multifacetadas, vale lembrar de jovem interlocutora da pesquisa, Sininho, que relatou, em uma de nossas conversas, que deu uma pausa no uso de 'drogas' durante a gestação e amamentação do primeiro filho. Antes, ela fumava maconha diariamente e tomava bebidas alcoólicas com freqüência, além de ocasionalmente usar cocaína e LSD. Agora, depois de parar de amamentar, estava fumando muito menos pois sentia que, quando fumava, ela ficava mais lenta, com menos disposição e, agora, ela precisava dedicar mais tempo aos estudos, ao trabalho e aos cuidados da família. Essa afirmação atualiza aquilo que Howard Becker (1977) dizia sobre os aprendizados do uso de substâncias, que se concretizavam tanto no grupo de pessoas que estavam em contato constante, mas também nas situações reais em que as pessoas estavam envolvidas, utilizando certas substâncias em adaptação às suas necessidades de ação.

Para complementar, gostaria de retomar o que expus na parte de aproximação da pesquisadora com um dos interlocutores, no caso do "controle de informações". Outra forma de entendimento da atuação das pessoas é a constante negociação da identidade. Goffman (1988) descreve como o "controle de informações" seria a maneira pela qual alguém se expõe de algum modo ou coloca informações sob controle diante de certos grupos e pessoas. Assim, através de códigos, gestos ou marcas, ela apresenta os vestígios de sua biografia para os 'entendidos', tentando gerir ou administrar tais sinais diante de outros que podem tratá-los como estigmatizantes:

A mão de Dourade

Como a fotografia mostra, as pontas dos dedos amarelados são vestígios de um tipo de prática que deixava marcas visíveis. Além de revelar a técnica corporal (MAUSS, 2003) comum de segurar o cigarro de maconha (com os dedos polegar e indicador), também mostrava que o controle de informações desse interlocutor estava comprometido, principalmente para os 'informados', pois quem conhece o modo usual de fumar maconha logo interpreta que marcas são estas. Dou-me o direito de tomar uma frase de Sigmundo Freud para ilustrar esta observação "Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca cala falam as pontas dos dedos". Mas não tomemos radicalmente o que esse autor profere. Como forma de escamotear o uso da maconha, algumas pessoas relataram lixar as pontas dos dedos para que diminuísse a mancha ou preferiam alternar as mãos para evitar as marcas. Havia aqueles que usavam piteiras, mas isso era muito menos freqüente entre os interlocutores. Talvez a experiência de usar drogas injetáveis colocasse essa questão do segredo, do encobrimento e do controle de informações, que podemos retirar das leituras de Simmel e Goffman, algo muito mais acentuado. Entre os membros da rede *Funhouse*, como discuti no capítulo três, havia o uso de estratégias diversas para evitar a circulação e o reconhecimento de informação 'desacreditável' (por exemplo, o uso de vestuário para cobrir os furos e marcas das seringas), embora houvesse ambigüidade por parte dessas pessoas de se colocarem à mostra, sobretudo nas músicas e vídeos que realizavam, "dando a entender", em público, exatamente aquilo que não expunham às claras. No caso da rede do Studio, foi, muitas vezes, importante acobertar os usos de substâncias psicoativas para evitar o risco de acusação de anti-profissionalismo, enquanto artistas tatuadores ou DJs.

Para a rede social do Studio, havia uma ênfase no cuidado com o corpo e a evitação de riscos, tal como na preocupação acentuada com a higienização na prática da tatuagem. A preocupação com a esterilização dos instrumentos estava de acordo com recomendações da ANVISA (necessidade e uso de solventes para iniciar o processo de limpeza que finaliza-se em aparelho de autoclave), que dava autorização para o trabalho, o que sugere um saber profissional, autorizado em termos legais e por princípios de saúde pública. Acredito que a epidemia da AIDS e a recente preocupação do Ministério da Saúde com uma epidemia silenciosa de Hepatites B e C, além da valorização comercial e a difusão do uso de tatuagens em meados dos anos 2000, possam explicar ainda mais as precauções presentes no Studio com as agulhas e com a seriedade do trabalho no lugar.

Certamente, isso contrastava com as preocupações internas à rede da *Funhouse* quanto à limpeza dos utensílios utilizados para injetar-se (colher, frigideira, seringas, agulhas, algodão) de acordo com a possibilidade material e econômica (pouca) e com a noção de risco (pouco) que tinham. Tratava-se, assim mesmo, de um saber leigo, local, não profissional, que se investia, no máximo, através dos significados dos usos de água sanitária e água da torneira. Nesse caso, era, ainda assim, outra forma de 'preocupação', bem particular de assepsia, que não deixava de ter alguma correlação simbólica com os princípios de higiene respectivos do saber profissional da tatuagem. Ao que percebi, não havia, entre eles, grande motivação para fazer testes ou exames que buscassem detectar alguma infecção viral. Foi interessante perceber, inclusive, que ao levar um folder informativo sobre precauções e formas de infecção das hepatites virais, coletado por mim no Studio de tatuagens, pude ver a desinformação ou o pouco interesse de alguns dos jovens da *Funhouse* de buscar prevenção ou detecção de doenças desse tipo.

De fato, para a rede do Studio, o uso de agulhas voltava-se, sobretudo, para o trabalho e arte da tatuagem. Dentre os motivos desse trabalho, estava uma preocupação com a beleza, a ostentação de corpos modelados e que exibiam imagens, pinturas e *piercings*, evidenciando uma sensibilidade estética, cravada sobre o corpo. No caso da rede Funhouse, o uso de agulhas envolvia outro tipo de "trabalho", o exercício de injetar-se, cuja arte se daria exatamente em vista de intensidade hedonista, expressão que seria muito mais interiorizada e sensorial, cravada dentro do corpo. Todos esses aspectos até agora referidos mostram a centralidade do corpo ou, talvez melhor, das técnicas corporais (MAUSS, 2003) a guiar as questões de meu trabalho.

Para a rede do Studio, os usos de substâncias psicoativas (LSD, MDMA e Esctasy) dependiam de ocasiões entendidas como lazer, evidenciando ressalvas para seu uso em momentos de trabalho profissional, mas, ambiguamente, considerando seu potencial para criatividade e inventividade no trabalho. Havia uma valorização do uso em locais abertos, de contato com natureza, ouvindo música que lhes parecesse agradável, harmonioso. Havia outro sentido para a rede da *Funhouse*, pois o uso de substâncias psicoativas (morfina, cocaína) não era tão cerceado, já que podia propiciar maior eficiência na criação e execução de músicas, o que era positivo para a realização de "trabalho", sobretudo o musical, na banda Xperience, mas estava presente também em ocasiões e momentos lúdicos e de lazer. Contudo, o que, em geral, regulava o uso das substâncias era principalmente a falta de dinheiro para adquirir os

produtos diariamente. Mas se procurava regular o uso quando aqueles jovens compareciam a eventos que o uso ou efeito pudesse ser percebido e rechaçado.

Outro fato que deve ser notado é que minhas observações foram o reflexo dos espaços onde foram realizadas. Assim, em alguns momentos, refletem a maior privacidade dos ambientes, principalmente o quintal do Studio, depois das "16:20h", quando era possível fumar maconha no ambiente, compartilhar as narrativas de cada um/a sobre suas experiências de uso, planejar a organização de blocos de pessoas que pretendiam comprar substâncias como *ecstasy* ou "ácido". Na *Funhouse*, boa parte das observações dependeu da privacidade do local de manuseio de substâncias, que, ao serem aquecidas, liberavam cheiro forte de cânfora ou, no caso do crack, comumente misturado à maconha, liberava odor característico. Aqui, a cozinha e o quarto eram os locais privilegiados, onde as pessoas da rede ficavam mais aglomeradas em razão da sociabilidade interna. Em outros momentos, as observações foram registradas em locais públicos, tais como as salas do Studio de tatuagens, o *Needle´*s bar, as festas e apresentações dos artistas. Cada um desses ambientes produzia uma atuação que condizia com o local e as pessoas que nele se encontravam, portanto as interações e as socialidades. Assim, os relatos e observações sobre os riscos associados ao uso de agulhas (sejam elas para "tatuar-se" ou "picar-se") devem ser situados às arenas que dizem respeito ao caráter público e privado, ao caráter comercial ou íntimo de uso das agulhas.

Permito-me usar uma metáfora da variação de cores para pensar analise de situações etnográficas. A paleta utilizada para verificar esse colorido quadro permite apontar para o amplo gradiente das observações, variando desde cores escuras até as mais claras. Perceber as noções de saúde e cuidados com o corpo como sendo explicitamente relevantes para o fazer profissional cotidiano dos tatuadores, tal como Marcelo, com sua forma de lidar com o uso de álcool, cigarros e ácido lisérgico em dias que haveria apresentação de seu *set* de músicas *psy-trance*. Pode-se, assim, contrastar com uma das conversas iniciais de Ramón, afirmando que o pessoal da *Funhouse* não se preocupava tanto com saúde e, ao mesmo tempo, minhas observações sobre o cuidado freqüente, mas não sempre, de cada usuário de morfina ao reservar para si uma seringa ("minha grinfa") que embora fosse reutilizada (desinfetada com água sanitária), não era compartilhada[1].

[1] Aqui saliento o fato de haver um relato de pessoas que compartilharam seringas quando certa vez usavam cocaína, mas fatos como esse são expostos como exceções, o motivo para se arriscar desta forma é devido a "fissura" da pessoa que deseja mais um "pial" e não pode por algum motivo, seja financeiro ou contextual para adquirir "pó" e então propõe dividir a dose de cocaína já prepara de algum amigo.

Não podemos dizer, assim, que as pessoas ligadas à rede social da *Funhouse*, comparado à rede do Studio, não tivessem suas próprias formas de preocupação com a manutenção de cuidado e contenção aos riscos. Mas, certamente, essas formas de cuidado e preocupação poderiam ser vistas como displicentes, **mais *loose***[2], residuais, contestáveis exatamente por parte das pessoas da rede do Studio. Seriam formas distintas de significar, perceber e vivenciar o cuidado e a manutenção dos controles do risco quanto aos usos de substâncias psicoativas. Além disso, não deixavam de considerar o próprio modelo de práticas e idéias proposto pela medicina. Isso poderá ser percebido no próximo tópico.

Voltando novamente a *Funhouse*:

Para finalizar esse trabalho, gostaria de notar um claro cruzamento entre medicina e justiça, que se aplica ainda à dimensão do cotidiano das pessoas que estou acompanhando. Isso pode ser notado através da implantação dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS-ad), serviços especializados para atendimento à saúde de usuários de drogas, sob incentivo do Ministério da Saúde, passou a ser disponibilizado pelos governos municipais. É operado por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da enfermagem, medicina, fisioterapia, farmácia, psicologia e assistência social.

Como uma das maiores capitais brasileiras, Fortaleza é dividida administrativamente pela prefeitura em cinco regionais, disponibilizando uma unidade de CAPS-ad em cada uma delas. No portal eletrônico da Secretaria Municipal de Saúde, era informado que uma das principais agendas da gestão da prefeita Luizianne Lins, que governa desde o ano de 2006, envolvia o empenho relativo à saúde mental da população da cidade. Nesse período, foi criada a Célula de Saúde Mental junto a Secretaria Municipal de Saúde, que funciona no mesmo andar da Secretaria Municipal de DST/AIDS. Assim, pude conversar com o vice-coordenador da Célula de Saúde Mental à procura de informações sobre os motivos que levam as pessoas ao serviço por eles ofertado (CAPS-ad), além de querer acessar também dados estatísticos que pudessem auxiliar na contextualização do problema que investigava. Dentre os atendimentos que estavam sob a alçada do serviço, soube que o acompanhamento de usuários

[2] Em inglês, *loose*, é um adjetivo que significa "solto, livre, desatado, desprendido, frouxo; folgado; desconexo; desagregado" (Dicionário Inglês-Português de Antonio Houaiss et al. Rio de Janeiro: Record, 1982).

encaminhados pela justiça ganhou maior relevância a partir de 2007[3]. Consegui, então, obter um quadro que seria a única fonte de informações disponível sobre atendimentos até aquele período (maio de 2008; ver anexo II). A partir do quadro, foi interessante observar que os atendimentos dos CAPS-ad eram mais decorrentes, em ordem decrescente, do uso de álcool, tabaco, crack e benzodiazepínicos. Deve-se ressaltar que apenas uma, a terceira, das substâncias é classificada como ilegal.

Ao saber que dois interlocutores da rede Funhouse tinham procurado os serviços do CAPSad para se *desintoxicar*[4], comecei a questionar-me sobre as dinâmicas societárias de uso de substâncias para as pessoas dessa rede e os objetivos e dinâmicas particulares do serviço, o que poderia influenciar na vinculação ou abandono do "tratamento", que exigências eram feitas pelos profissionais, pelos pacientes, pelos familiares, pela "comunidade" para que houvesse uma "parceria" entre o serviço e estes atores sociais.

Ramon foi o primeiro a buscar auxílio para *desintoxicação*. Ele me **c**ontou que decidiu procurar o CAPS-ad, que funcionava na regional onde residia, ao perceber que sua "vida estava muito louca... não tava legal". Ao chegar ao serviço, procurou logo a psiquiatra em busca de um tratamento-substituição: troca da morfina por codeína ou metadona. Ofertaram-lhe codeína, pois o serviço não dispunha da metadona. Parte do tratamento estava vinculado ao Hospital Mental de Messejana, onde a dispensa do medicamento era feita mediante a presença de um familiar que deveria acompanhar esse "paciente em recuperação". Desse modo, Ramón acrescentou que para fazer o tratamento teve que deixar a *Funhouse* e voltar a morar com os pais. Sua mãe tornou-se a responsável por administrar a codeína, o que implicava ficar vivendo junto do pai, o que era um problema devido à relação conflituosa que mantinham. Passaram-se dois meses após o início da substituição da morfina até sua saída da casa dos pais. Nesse ínterim, Ramón não deixou de fazer uso esporádico de morfina por ser este o momento em que convivia mais próximo com os amigos na Funhouse. Abandonou, então, o tratamento ao voltar a morar só, como vivia antes, em seu apartamento.

No caso de Hans, a freqüência de uso de morfina era semelhante a de Ramón. Ultimamente, ele fazia também uso de cocaína injetada, embora com regularidade mais espaçada, uma média de quatro vezes por mês. Em fevereiro de 2009, conversávamos sobre

[3] Segundo o vice-coordenador da Célula de Saúde Mental de Fortaleza: "mas isso (...) são apenas observações sem um rigor do acompanhamento epidemiológico, não há dados compilados sobre os atendimentos, informações de acompanhamento e de resultados no serviço. Ainda não temos nem computadores disponíveis para organizar no serviço de atendimento".

[4] Palavras em itálico servem para indicar termos usado por interlocutores em minha pesquisa de mestrado.

formas de transmissão endovenosa de vírus que causam hepatites B, C e AIDS, além de outros efeitos nocivos à saúde decorrentes do uso de injetáveis. Em razão de sua auto-declarada *hipocondria* e, talvez, por me associar ao tema do cuidado à saúde, Hans externou seu desejo de procurar uma opção menos danosa para o uso de sintéticos e perguntou se eu poderia mediar sua vinculação ao serviço do CAPS-ad de uma das regionais de Fortaleza. Na verdade, ele residia na circunscrição de outra regional, mas argumentou que não iria ao seu CAPS-ad correspondente porque um amigo de sua irmã trabalhava no lugar e ele não gostaria de expor-se a tal contato, o que evidencia a questão do estigma (GOFFMAN, 1988). Dias depois, falei com uma amiga que era supervisora do CAPS-ad de outra regional e soube que por lá trabalhava uma psicóloga que havia feito um estágio no programa de saúde voltado para usuários de drogas injetáveis de outro país. Imaginamos que a experiência com programas de redução de danos para uso de injetáveis e o interesse e simpatia da profissional pelas estratégias da redução de danos poderia melhorar a vinculação dele ao serviço.

Consegui, então, conversar com a psicóloga, Maria, que atendeu Ramón e Hans no CAPS-ad. Mostrando-se um tanto assustada sobre as misturas de substâncias sintéticas que eles faziam para uso injetável, falou-me de algumas de suas impressões, além das dificuldades do serviço em "acolher" aqueles dois casos "raros", ressaltando a falta de experiência e a pouca habilidade da equipe sobre o tipo de tratamento que deveria ser dispensado a eles. Entendo que atitudes e decisões carregadas de noções morais podem ser postas em andamento através de sistemas médicos e de justiça, operados por um corpo burocrático atravessado por fatores socioeconômicos, considerados como preponderantes, para a classificação de quem é "doente" ou que é "delinqüente". Além disso, a dimensão moral, que aflora através do embate pelas diferentes *visões de mundo* (BOURDIEU, 1987), se associa e interliga o tempo todo à conduta, às marcas e aos gestos corporais, ao trabalho, às relações gregárias e familiares. Essa dimensão terá valor preponderante quando tomamos a diferenciação societária, que pode gerar, portanto, hierarquias classificatórias (os "usuários", os "dependentes", os "doentes").

Depois, mantive contato pela internet com Hans que me fez um relato do atendimento que recebeu. Disse que fez diversas tentativas de telefonar para o serviço e nunca ser atendido, reclamou que, por vezes, foi às consultas no CAPS-ad e apenas chegando lá sabia que tinham sido desmarcadas. Contou, ainda mais, como era muito difícil ficar entre pessoas com problemas e perfil sócio-econômico tão diferente do seu e também ressaltou que a

companhia dos amigos da *Funhouse* lhe era muito importante, mantendo-o em contato com a 'cena rock', mas potencializava seu interesse de uso dos injetáveis.

Alguns desses fatos me suscitaram algumas questões: como estão sendo ancoradas as técnicas médico-terapêuticas aplicadas a "pacientes que se relacionam problematicamente com drogas"? As relações de sociabilidade estabelecidas a partir de determinado modo de interação ou internação (ex.: grupos terapêuticos e "crises") podem gerar sentimento de pertença, *reconhecimento cognitivo*? (GOFFMAN, 1988) Como certos tipos de trâmites médico-burocráticos podem marcar e identificar indivíduos? Envolver as pessoas mais próximas a este problema, ou seja, criar redes de solidariedade, implica incluir a "família e a comunidade" de que forma? Nestas situações, os discursos acionados pretendiam romper com "adesão ao mundo do senso comum e (...) produzir um novo senso comum" (BOURDIEU, 1996)? Evidentemente, são questões impossíveis de responder agora devido ao foco de meu trabalho, mas indicam as direções e alcances do que estou tratando mais diretamente, o uso concreto de substâncias psicoativas e os modos sociais de se lidar com ele.

Além do mais, pude acompanhar situações e eventos mais recentes e graves, sobretudo na rede *junkie* da Funhouse, que aconteceram no ano de 2010. É de extrema importância registrar a morte por overdose de dois rapazes ligados a esta rede, que não foram meus principais interlocutores. Estive presente em dois momentos na *Funhouse* em que Chan, um desses rapazes, usava cocaína injetada e inalada. Do outro rapaz, apenas ouvi relatos de suas atuações como DJ e usuário de injetáveis, por ser amigo próximo de Hans. Esse rapaz faleceu em novembro de 2009, o que motivou um relato bastante comovido e emocionado de Hans a minha página de depoimentos do Orkut:

> "Putz, perdemos um dos nossos!!! O George!!! Overdose de cocaína e morfina provavelmente, sozinho no quarto, na madrugada de sábado pra domingo... estou chocado, triste e com raiva!!! Eu decidi parar de vez... fui ao CAPS. Não tomo desde domingo!!! E não é comoção...é sério!!!" (Hans, 30 anos)

Diante da sua condição de usuário de morfina, Hans buscou ajuda em serviços de saúde pública, temeroso pela morte do amigo. Relatou que todos, que conheciam George e usavam injetáveis, estavam vivenciando uma situação tensa. Mas ele me afirmou depois que não havia conseguido se vincular ao CAPS-ad e gostaria de ter auxílio médico psiquiátrico para iniciar processo de desintoxicação. Depois, mantivemos contato por telefone e ele contou que passou meses tomando fortes doses de ansiolíticos e narcóticos para dormir, receitados

por um psiquiatra consultado através de um plano de saúde recentemente adquirido. Meses mais tarde, eu tive a oportunidade de receber mais notícias de Hans através do bate-papo *Google talk,* quando outro interlocutor da rede Funhouse teclava com Hans ao meu lado:

> Hans: aaaaah, hehhehehe. Manda um beijão pra ela Tb. Diz pra ela que no dia 28 do outro mês [novembro] eu estarei fazendo um ano de boa sem o "zé". Parece viadagem, hehehehehehehehehe.
> Nicolas: uati [what is] "zé"?
> Hans: a morf [morfina], a gente chama de Zé na internet. Eu tô tranquilão, trabalhando. Comprei um carro zero. Vou me mudar até o fim do mês.
> Nicolas: ah muleke!
> Hans: pagar meu próprio aluguel.
> [continuamos a conversa]

Em outubro de 2010, estive com D'André que estava contribuindo como *holding* e relações públicas de um grupo de artistas. Em uma casa de shows da Praia de Iracema, em Fortaleza, se apresentaria a nova banda que Ramón, Hans e alguns integrantes da rede social *Funhouse* criaram depois do fim da banda Xperience. Durante o tempo que a banda "passava o som", pude conversar com D'André em um banco em frente ao palco. Nas últimas vezes que nos encontramos, ele havia mencionado seu desejo de não mais utilizar morfina injetável. Ele revelou que o uso estava se tornando mais complicado por alguns motivos. Ele tinha sido "advertido" com um aviso da farmácia, recebido após uma entrega em sua residência. O aviso sugeria que o cliente poderia ser usuário de drogas. Afirmou suspeitar que o tal aviso, posto em suas mãos pelo entregador de medicamentos da farmácia, era reflexo do que ele chamava de "golpe da farmácia"[5], ato praticado por ele com mais freqüência nos últimos tempos. Além disso, o uso maior de morfina estava prejudicando o andamento de suas atividades, deixando-lhe mais disperso e pouco produtivo. Anunciou que iria viajar para uma cidade do interior e iria ficar "no meio do mato" sem acesso a farmácias e longe do contato dos amigos que faziam uso da substância para parar "na marra" por alguns dias, o que aponta para a centralidade do tema da socialidade para entender os usos das substâncias psicoativas.

[5] Este golpe foi descrito da seguinte forma: alguém faz a compra ou pedido de F.Q. em uma farmácia, o cliente vai a casa ou entra em algum imóvel onde marcou para o remédio ser entregue. Despeja o conteúdo do frasco em um recipiente e em seguida enche o frasco de água ou qualquer outro líquido. Devolve ao estabelecimento ou ao entregador despistando com a desculpa de que foi ver a bula e o remédio não serve para a doença que o cliente sofre ou que se enganou e não tem dinheiro só cartão de crédito, entre outras. O remédio é devolvido as prateleiras da farmácia ou o entregador leva de volta o frasco com conteúdo alterado para a farmácia. Isto torna a fraude passível de ser surpreendida diante da compra do produto por outro cliente e, então, haver denúncia.

Em agosto de 2010, faleceu outro rapaz da rede *Funhouse*. Ele era músico e, em alguns momentos, dividiu palco e situações com muitos dos sujeitos aqui descritos. A morte foi relatada por Ahmed na página pública de recados do Orkut do mesmo interlocutor que conversava no *Google Talk* com Hans da seguinte maneira:

> Ahmed [LUTO] - 7 setembro.
> -Público.
> Cara, parece que ele tomou uma porrada de comp. p/ bruxismo + uma porrada de comp. p/ dormir do pai dele. Tinha bebido e teve um refluxo dormindo na quarta (25). O vômito foi p/ pulmão e infeccionou geral. No hospital, deram um remédio p/ infecção *pauleira*[6], que tinha risco de dar problema nos rins, mas que era a única chance dele. Os rins pararam de funcionar na sexta e ele morreu domingo. Já tava com o organismo *sequeladão*[7]. Foda demais! Tá todo mundo jururu à beça por aqui... (grifos do pesquisador).

Era notória a preocupação dos vários interlocutores com a situação real, anteriormente desconhecida por esses jovens, da morte devida à overdose. A busca de mudança de atitude em relação ao uso de injetáveis, foi o resultado de uma combinação de aspectos: o sentimento de perda, o resguardo da identidade, o risco de uma eventual estigmatização, a relatada desordem na vida cotidiana, a escassez de meios para conseguir facilmente as substâncias, ainda mais a morte de pessoas próximas da rede *Funhouse*. Hans foi um dos que relatou parar de usar, porém dessa rede, apenas ele teve essa postura mais radical. Nenhuma das outras pessoas que conheci relatou ter parado o uso injetável de morfina, apenas expressaram o desejo e as tentativas de interromper com seu uso, mas todas falharam.

Contudo, parece estar aqui uma ambivalente relação entre o interesse de manter um nível de auto-controle no uso das substâncias psicoativas, considerando a dimensão do corpo e seus limites como centrais nesse aspecto, e, por outro lado, os investimentos claros por uma intensidade hedonista. Essa ambivalência parece clara no caso dos jovens da rede *Funhouse* que podiam, ao mesmo tempo, considerar os modos de controle ou não que tinham diante das sensações e dos possíveis riscos que os usos das substâncias induziam no corpo e em suas vidas. Deve-se notar que muitos interlocutores reconheciam a "desordem" presente em seu cotidiano (segundo Ramon, a "vida muito louca") a partir do uso mais "descontrolado" das substâncias. Explica-se aqui à busca por *desintoxicação*, por um lado, e os efeitos causados

[6] Algo forte. Os roqueiros falam que um rock-and-roll é "pauleira", quando o som é pesado, intenso, com batida forte e vibrante.
[7] Sequelado é outra gíria que se refere a alguém que perdeu o sentido ou a razão, ou alguém que está doente.

em termos emocionais e societários depois das três mortes por overdose. As práticas de "saúde" acabam se tornando uma alternativa estratégica, talvez pela busca aos CAPS-ad, talvez por procurarem profissionais de saúde que receitassem ansiolíticos e calmantes, talvez pela assimilação de alguma idéia de "redução de danos", que a própria pesquisadora acabava por mediar. Todas essas questões não eram tão preocupantes para os jovens da rede do Studio porque eles já operavam, em grande medida, com essas estratégias de cuidado, controle corporal e ideário de saúde, tal como registrado no capítulo dois. Mas era mesmo por uma experiência (ou, quem sabe, *Xperience*?) de des-controle que os jovens da *Funhouse* realmente viviam, o que explica como ambivalência e contradição seriam aspectos centrais de suas sociabilidades, de seu hedonismo e do uso das substâncias psicoativas.

Depois desses episódios, a *Funhouse* não existe mais do jeito que era, tal como eu conheci. O espaço está lá, mas a circulação das pessoas não é mais a mesma. Ramón passou a se empenhar mais em sua carreira de músico e pesquisador, estimulado por sua nova namorada. Continua a freqüentar a *Funhouse*, mas deixou de morar lá, o que mudou concretamente a dinâmica da rede. São novos projetos a influenciar o cotidiano de uma rede social, tal como disseram Howard Becker e Gilberto Velho (1975, 1994). Com esses outros contextos, fica, então, minha memória daquelas experiências singulares, tal como indica essas notas que registrei ao sair uma vez do lugar de encontro:

> Cadê a chaaaaaave? (é a pergunta que nunca falta na hora de alguém ir embora) E a busca em cima da cama, no meio dos lençóis, em cima das prateleiras, na mesa!!!...Depois das 23hrs, o portão da frente da casa é fechado e o jeito agora é subir três degraus e pular o muro lateral. A prima, conversando na escada com outra garota, sorri e dá tchau a quem está de saída. Tem gente morando lá em cima, a luz está acesa... No todo, olhando para traz lembra uma até uma pensão, a *Funhouse*.

GLOSSÁRIO[1]*

Aloprar: exagerar, endoidecer, ficar inquieto ou muito agitado.

***Bad trip* ou lombra torta:** do inglês traduzido ao pé da letra seria "viagem ruim ou má", em referência a experiência com o uso de substâncias que proporcionam a mudança de humor e sensações de forma a trazer desprazer e desconforto. A expressão pode ter como um sinônimo "lombra torta", comumente usada entre alguns interlocutores desta pesquisa.

Bala: um dos nomes bastante utilizado pelos interlocutores para se referir ao comprimido de ecstasy (ver descrição adiante);

Baseado: termo popularmente usado para se referirem ao cigarro feito de maconha; alguns outros nomes também são utilizados em campo como: "beise", "back", "tchonga", "mafu" (este termo é bem específico da rede social da Funhouse).

Bater: situação em que o efeito psicoativo de alguma substância atinge o ponto desejado ou excede. Ex.: "tomei a bala e não bateu lombra nenhuma..." ou "agora está começando a bater".

Bleid: Redução do termo "beybleid". Tanto "bleid" como "beybleid" são usados para representar a mistura de maconha com crack em forma de cigarro. Esse termo emergiu numa época em que o *anime* assim denominado passou a ser exibido no Brasil. Esse desenho animado tinha como mote batalhas entre peões. Provavelmente, em menção ao efeito da substância euforizante que simbolicamente no brinquedo se traduz no choque de um peão contra outro e resulta em barulhos de quicar, assim como o som da pedra do crack.

Bocada: termo utilizado tanto pelos interlocutores da Funhouse como por policiais da DENARC para referirem-se a mais comumente chamada "boca" - local onde vende-se substâncias ilícitas. "boca de fumo" - local onde vende-se maconha (cannabis).

Canal: palavra utilizada para designar a pessoa com a qual pode se conseguir comprar alguns tipo de substância psicoativa classificada como ilícita. Ex.: "Fulano, seu canal de "ê" tá de cima?", ele quer saber se a pessoa com quem fulano compra ecstasy tem comprimidos para vender.

Cena: termo utilizado para designar o cenário ou universo de uma determinada tendência artística ou musical, é espacialmente acionado quando alguém se refere a "cena eletrônica" ou "cena rock" em suas vertentes.

Cogu: forma falada da abreviação da palavra cogumelo utilizada, em geral, para refere-se aos efeitos alucinógenos do fungo; "lembra quando a gente comeu cogu?...".

Coletivo: auto-atribuição entre certo número de pessoas que se denominam participes de um grupo (Coletivo Balance/BA [Redução de danos em festas e festivais rave], Coletivo Nuact/CE [cultura trance]) com propósitos políticos ou comerciais;

Curtir: é utilizado com o sentido de gostar ou de sentir prazer em experienciar algo;

---

* Apresento aqui palavras acessadas em campo cujo uso e entendimento parece-me particular a uma parcela restrita de pessoas. Tento dar conta de tornar entendível através de uma interpretação possível feita a partir das falas e do convívio em campo com meus interlocutores.

De cara: expressão que designa o estado em que a pessoa não usou ou não considera estar sob efeito de substâncias que causem alterações motoras ou de percepção. Ex.: "hoje estou de cada, não vou beber" ou "ainda estou de cara...será que não vai bater?"

Ecstasy/MDMA: comprimido/substância elaborada em laboratório com características estimulantes/perturbadoras. Muitas vezes tem efeitos diferentes pelas misturas químicas que há na composição dos comprimidos. (anfetaminas por terem efeito parecido são adicionadas na fabricação de alguns comprimidos). A composição química do ecstasy é originalmente **metilenodioximetanfetamina**, elaborado pela Merck, empresa farmacêutica alemã, no início dos anos 1900. Popularizada nos anos 1960, na Europa e EUA como forma de ajudar a elevar o ânimo. Nos anos 1970 e 1980 teve sua licença de venda proibida no mundo.

Encanar: ficar absorto por algo que causa preocupação ou tormento, sentir que está sem saída. ex.: "Fiquei encanado na hora da viagem".

Ficar: tipo de relação amorosa envolvendo normalmente duas pessoas na qual dentro de pouco tempo podem acontecer carícias, beijos e interação mais íntimas sem necessariamente envolver uma relação de fidelidade ou compromisso.

Fritar: é a situação identificada pelos usuários de psicoativos sintéticos como ecstasy e LSD na qual a pessoa fica saltitando, mexendo muito rápido e ritmadamente as pernas e braços devido ao efeito estimulante da substância, da música e do ambiente. "Fritar na pista", seria mais ou menos, está dançando intensamente sob efeito de psicoativos.

GLS: sigla inicialmente usada para referir-se às pessoas que se apresentam ou são entendidas como Gays, Lésbicas e Simpatizantes ou freqüentam lugares classificados assim. Fernanda Eugênio (2006) apresenta uma explicação genealógica da sigla, cito-a: "A sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes, versão brasileira e já marcada pelo acento local no meio, na ponte, no e - acento sobre o qual se debruça notoriamente o trabalho de DaMatta (1997). Como comenta Palomino (1999: 150), 'se os anos 90 foram chamados pela mídia internacional de "Gay 90s", no Brasil uma simples sigla ajudou a derrubar (ou afrouxar barreiras): GLS.' A jornalista nos dá conta da genealogia da expressão: teria sido criada em 1994 pelo publicitário André Fischer para nomear o público do festival de cinema experimental Mix Brasil, 'então uma pequena ramificação do New York Lesbian and Gay Experimental Film Festival', mas já dotado de uma peculiaridade em relação a seu 'modelo'. Além de reunir, sob o conceito de 'Mundo Mix' (que depois veio a nomear a loja que funcionou durante o evento, que na seqüência se autonomizou no Mercado Mundo Mix, uma grande feira itinerante de moda), não apenas gays e lésbicas, mas também 'skinheads gays, roqueiras punks, tatuadores, clubbers' - uma 'programação mais hype', enfim -, o festival tinha, ainda, um público heteróclito e diversificado, que não se deixava dizer sob a idéia de uma homogênea 'comunidade gay'. 'Sabíamos que, diferentemente dos festivais gays americanos, tínhamos um público mais misto, muito menos radical', disse Fischer em entrevista a Palomino (ibidem). A sigla acabou sendo gerada na tentativa de nomear esta diversidade. Fischer prossegue: 'Colocamos a sigla no folheto de lançamento do 2o. Mix Brasil, com sua explicação. O povo adorou e começou a usar imediatamente, até pela relação com a sigla dos automóveis versão luxo. Decidimos não registrar a marca, como fiz com Mix Brasil e Mundo Mix, justamente para que fosse usada por todos." (EUGÊNIO, Fernanda: 2006)

Jogo: nome dado ao pacote de maconha comprado em quantidade média de 20g, 50g, ou 100g cujo valor respectivamente gira em torno de R$ 20,00, R$ 50,00, R$ 100,00. "Fazer jogo" refere-se ao ato de comprar.

Ketamina/ Special K: substância com características anestésicas, elaborada nos laboratórios Parker e Davis em 1965, seu nome científico é **cloridrato de cetamina**, os modos de utilização relatados em campo foram os usos inalado (pó) e injetado (intramuscular e intravenoso).

Lama: palavra usada pela rede Fun House para se referir a sobra da preparação da dose principal de morfina. Seja a base de F.Q ou de Dimorf em capsulas e comprimidos.

***Laser*:** tipo de aparelho que produz radiação eletromagnética monocromática e coerente nas regiões visíveis, infravermelha e ultravioleta. Nos espaços das festas de música eletrônica são muito utilizadas para compor a ornamentação e num clima futurista.

Lombra: efeito produzido pelo uso de substâncias psicoativas, alteração de sentidos e sensações. cujos efeitos são aprendidos com o tempo e a experiência do uso.

LSD/Ácido: substância elaborada em laboratório em no final da década de 1930, cujo nome científico é **dietilamida do ácido lisérgico**, substância classificada com características perturbadoras e alucinógenas; em campo encontrei outros nomes utilizados pelos interlocutores para referirem-se a substância: doce, selo (é comercializada em pequenos pedaços de papel com imagens), *bike* (uma das mais populares imagens no Brasil estampadas nos selos), e no Universo paralelo (festival de música eletrônica acompanhado no reveillon de 2009 na Bahia) a gota era bastante popular, as pessoas colocavam uma ou mais gotas de LSD diluídas em garrafinhas meio litro de água e bebiam.

Mandar: termo também utilizado como sinônimo de injetar, porém é específico para aplicações nas veias. "mandar nos canos" é a expressão utilizada pelos jovens da rede funhouse para dizer que irá injetar algo (principalmente, morfina e cocaína) nas veias.

Picar: termo utilizado mais amplamente para injetar substâncias, não necessariamente precisa ser nas veias. (músculo ou epiderme)

Pick-up: aparelho que reproduz duas ou mais gravações e sons utilizadas por DJ em festas.

Pique: disposição para fazer algo, entusiasmo de fazer determinadas coisas, garra.

Pó: palavra utilizada por muitos dos interlocutores para referirem-se a cocaína, por ser vendida em forma de pó branco, por isso a referência. Há também as palavras: *bright*, brilho, luxo, branco, Brizola citados como outros nomes, mas pouco usados, o mais freqüente é 'pó'.

Pogar: efeito de dançar junto aos pulos, saltos, murros e chutes. Entra no grupo quem sente coragem e vontade de participar do ritual de dançar *punk-rock*. Muitas vezes quem está no entorno desse pequenos 'motins' são atingidos pelos corpos de quem está 'pogando'.

Seringa/Grinfa/gringa: termos utilizados pela rede social da Funhouse para referir-se a seringa;

Set: termo que designa a seqüencia de músicas e vídeos executada pelo DJ e/ou VJ durante seu tempo no comando das "pick-up" e computadores e projetores colocando músicas e imagens "pra pista".

***Spacecake*:** é o termo que alguns interlocutores da rede funhouse usam para falar do bolo feito com a poeira (sobras de maconha) que vão sendo juntadas ao fim de cada jogo (nome dado ao pacote de maconha comprado em quantidade média de 50g, que custa em torno de R$ 50,00)

Viagem: similar ao significado de lombra, *trip*, o termo é utilizado a mais tempo e representa a experiência dos momentos em que a pessoa fez uso e está sob efeito de alguma substância psicoativa na qual as sensações são relatadas como mais aguçadas. Pode ser também entendida com a viagem em busca de uma espiritualidade ou de autoconhecimento. Ex.:"aquela viagem de doce foi intensa."

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: Punk e Dark no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.

ABREU, Carolina de Camargo. *Raves: Encontros e Disputas*. Dissertação de mestrado defendida no PPGAS – FFLCH/USP, São Paulo em 2005.

ADLER, Patrícia e ADLER, Peter. "Observational Techniques". Em: Norma Denzin e Yvonna S. Lincon (eds.). *Handbook of qualitative research*. SAGE. 1994.

_____. "Membership roles in field research". Newbury Park, CA: SAGE. 1987.

AGAR, Michel. *Ripping and Running. A Formal Ethnography of Urban Heroin Addicts*. New York: Seminar Press, 1973.

ALCANTARA, J. e VALLE, C. G. O. Negócio de "junkies": Comércio e uso de substâncias injetáveis lícitas e ilícitas entre jovens de Fortaleza – Ceará. Em: *Anais do evento Reunión de Antropologos do Mercosur*. Buenos Aires. 2009

ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância; MS (Ministério da Saúde). Mídia e Drogas: o perfil do uso e dos usuários na imprensa brasileira. Coord. Veet Vivata – Brasília. 2005.

APPADURAI, Arjun. "La vida mais allá del primordialismo". Em: *La Modernidad Desbordada: Dimensiones Culturales de la Globalizacion*. Buenos Aires, FCE, 2001.

AZIZE, Rogerio Lopes. *A química da qualidade de vida: um olhar antropológico sobre uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 121p. 2002.

_____ . Saúde e estilo de vida: divulgação e consumo de medicamentos em classes médias urbanas. *Antropologia e Consumo: diálogos entre Brasil e Argentina*. Débora Krischke Leitão, Diana Nogueira de Oliveira Lima and Rosana Pinheiro Machado (orgs.). Porto Alegre, AGE: 119-137. 2006

BACAL, Tatiana. Músicas, Máquinas e Humanos: Os Dj's no Cenário da Música Eletrônica. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS – MN/ UFRJ. Rio de Janeiro em 2003.

BARNES, J. A. "Redes sociais e processo político" Em: Feldman-Bianco, Bella (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global. 1987. [1966]

BECK, Ulrich. Sociedade Global, Sociedade de Riscos. Em: Cad. Esc. Legisl. Belo Horizonte, 4(7): 51-81, jan./jun. 1998. Acessado em: http://www.almg.gov.br/CadernosEscol/Caderno7/sociedade.pdf

BECKER, Howard. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. *Los extraños: Sociología de la desviacion*. Buenos Aires: Tiempo Contemporâneo, 1971 [1963]

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

1985

BERREMAN, Gerald. "Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia". Em: Guimarães, Alba Zaluar (org.) Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1980

BRASIL 1988. *Constituição Federal de 1988*. Brasília:1988.

BRASIL 2005, Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD). *Política Nacional sobre drogas*. Brasília; SENAD; 2005. Disponível em: http://www.senad.gov.br/. Acessado em 26 de maio de 2008.

BOAS, Franz. Antropologia Cultural. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDOM, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão do sociólogo*. Petrópolis: Vozes. 2002. "Primeira Parte – A Ruptura" e "Segunda Parte – A Construção do Objeto" (p. 23-72)

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

_____ . *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____ . "Descrever e Prescrever – As condições de possibilidade e os limites da eficácia política". Em: *Economia das Trocas Lingüísticas – O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

BOURDIEU, Pierre. In: *Pierre Bourdieu - Sociologia*. Org. por Renato Ortiz. São Paulo, Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39). "Esboço de uma teoria da prática" e "Gostos de classe e estilo de vida", pp. 46-121.

BOURGOIS, Philippe; PRINCE, Bridget; MOSS, Andrew. The Everyday Violence of Hepatitis C among Young Women Who Inject Drugs in San Francisco. *Human Organization*; 63, 3; ABI/INFORM Global pg. 253-264, 2004.

BOURGOIS, Philippe. Being a Public Anthropologist: An Interview with Philippe Bourgois for Eric Haanstad. *Public Anthropology*. Acessível em: http://www.publicanthropology.org/Journals/Grad-j/Wisconsin/Bourgint.htm, 2001.

BOTT, Elizabeth. *Redes Sociais e Famílias*; Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

BRUNER, Edward. "Ethnography as narrative". Em: Victor Turner & Edward Bruner (Eds.). *The Anthropology of experience*. Urbana/Chicago: The University of Illinois Press. 1986

BUCHER, Richard. *Drogas e sociedade nos tempos de AIDS*, Brasília: Ed.UNB, 1996.

BURROUGHS, W. *Junky – Drogado*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: *Problemas do gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. In PRINS, Baukje ; MEIJER,Irene Costera. "Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler". In *Cadernos de Estudos Feministas*, s/l Jan 2002, (p. 155-167).

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade: A invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 1985

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". *O trabalho do antropólogo*. 2.ed. São Paulo: editora UNESP, Paralelo 15, 2000. (p.17 – 36)

CARNEIRO, Henrique. "A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas". Em B. C. Labate & S. L. Goulart (Orgs.), *O uso ritual das plantas de poder* (pp. 57-81). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 2005

CAVALCANTE, Tiago Coutinho. *O êxtase urbano: símbolos e performances dos festivais de música eletrônica*. Dissertação defendida no PPGSA- IFCS/UFRJ – Rio de Janeiro, em 2005.

_____. O uso do corpo nos festivais de música eletrônica. Em: *Drogas e Cultura: Novas perspectivas*. LABATE, Beatriz C.; GOULART, S.; FIORI, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 411- 432.

CLAMMER, John. "Approaches to ethnographic research". Em: Roy Ellen (ed.) *Ethnography research: a guide to general conduct*. Londres: Academic Press. 1984.

CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COHEN, Stanley. "Deviance and Moral Panic". In: *Folk Devils and Moral Panic*. London: MacGibbon & Kee, 1972.

COSTA, Zeila. *Do Porão ao Estúdio: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem*. Dissertação defendida no PPGAS/UFSC no ano de 2004

CSORDAS, Thomas. The Body's Career in Anthropology. In Henrietta Moore, ed. *Anthropological Theory Today.* Cambridge, UK: Polity Press, pp. 172-205. 1999

DIARIO do Nordeste. "Drogas – da balada ao vício" (Diário do Nordeste, 21-26) de janeiro de 2008.

DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. Rio de Janeiro. Perspectiva: 1979.

DUARTE, Luiz F. D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. CNPq. 1986.

_____. "O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna". Em: HEILBORN, Maria Luiza (Org.) Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999.

_____. "Sensibilidade religiosas contemporâneas comparadas". Em: Protestantismo em Revista, v. 15 (ano 07, n.1), jan.-abr. de 2008

EVANS-PRITCHARD, E. *Bruxarias, Oráculos e Magia*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005 [1937].

EUGÊNIO, Fernanda. *Hedonismo Competente*. Antropologia de Urbanos Afetos. Tese defendida pela UFRJ/ Museu Nacional em 2006.

_____. "Hedonismo Competente. Intensidade, funcionamento e modulação na "cena carioca". Em: *Desigualdade e Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-RJ*. N. 1 jul/dez. 2007

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". Em: *Cadernos de Campo*, n.13: 155-161, 2005.

FERNADES, L. "Tão perto de casa, tão longe de nós: etnografias das novas margens no centro da urbe". *Entrevista com Phillip Bourgois por Luis Fernandes*. Em: Etnográfica, maio de 2009: 13 (1): 197-211.

FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. *Coca-Light? Usos do corpo, Rituais de Consumo e Carreiras de "Cheiradores" de Cocaína em São Paulo*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. 2007

FERREIRA, Vitor Sérgio. "Tatuagem, *body piercing* e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização". Em: *Saúde e Sociedade*. São Paulo, V.19, N.2, p. 231-248. 2010

FERREIRA, Reinaldo. *Memórias de um ex- morfinômano*. Lisboa: Frenesi, 2006 [1935]

FOOT WHYTE, William. "Sobre a evolução da Sociedade de esquina". Em: *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1943]

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Ed. Vozes, 27ªed., Petrópolis, 2003

_____. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1989.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.

GONTIJO, B; BITTENCOURT, FV; LOURENÇO, LFS. Manifestações cutâneas decorrentes do uso de drogas ilícitas. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. 2006;81(4):307-17.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro. 4ª ed.: Ed. LCT, 1988.

GOSSOP, Michael. *Living with drugs*. Burlington: Ashgate Publishing Company, (2000 [1982])

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. Discipline and Practice: "The Field" as Site, Method, and Location in Anthropology. In: *Anthropological Location*: Berkeley, University of California. Press. 1997

HOLY, Ladislav.. "Theory, methodology and the research process". Em: Roy Ellen (ed.) *Ethnography research: a guide to general conduct*. Londres: Academic Press. 1984.

HUMPHREYS, Laud. "Methods: The Sociologist as Voyeur" e "Postscript: a question of ethics" *Tearoom Trade: a study of homosexual encounters in public places*. Londres: Gerald Dockworth & Co Ltd. 1974

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. In *Mana*, 3 (1),. Pp. 7-39. Abril de 1997

HANNERZ, Ulf. "Being there...and there…and there! Reflection on multi-site ethnography". *Ethnography*, vol. 4(2): 201-216. 2003

KULICK, Don. *Travesti: sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

LEENHARDT M., GUIART Jean. *Notes de sociologie religieuse sur la région de Canala* (Nouvelle-Calédonie). Cahiers Internationaux de Sociologie, 24, p. 18-33, 1958.

MACRAE, E. & SIMÕES, J. A.. *Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: Edufba. 2000

MALINOWISKI, Bronislaw Kasper. *Antropologia*. Org. Eunice Durham: Coleção Grandes Cientistas Sociais. N55. 1986.

MALINOWISKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3º ed. São Paulo; Ed. Abril Cultural. 1984.

MARCUS, George. "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography". *Annual Review of Antropology*, 24: 95-117. 1995.

MARTIN, Emily. "Preface"; "Introduction: Problems and methods", "Chapter 10: Educating and training the bodies: vaccines and tests"; "Chapter 11: Educating and training at work" In: *Flexible Bodies*. Boston: Beacon Press. 1994.

MAUSS, Marcel. "Uma Categoria do Espírito Humano: A Noção de Pessoa, a Noção de "Eu"; "As Técnicas do Corpo". In: *Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Nayfy, 2003, (p. 39-184.)

MEYER, Adrian. "A importância dos 'quase-grupos' no estudo das sociedades complexas" Em: Feldman-Bianco, Bella (org.). Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global. 1987. [1966]

O Globo. "As festas 'rave' e o aliciamento às drogas" (Rio de Janeiro, 30/10/2007).

ORTNER, Sherry B. "Subjetividade e crítica cultural". Em: *Horizontes antropológicos* vol.13 no.28 Porto Alegre Jul/Dez. 2007

PARKER, Howard. (et. alli). "The Normalization of 'Sensible' Recreational Drug Use: Further Evidence from the North West England Longitudinal Study". In: *Sociology*. Vol 36 N. 4 Nov. 2002

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: A prostituição viril*. São Paulo: Ed. brasiliense, 1987.

PONTE, Sebastião Rogério. "A Belle Époque em Fortaleza: remodelações e controles". Em: *Uma nova história do Ceará*. Simone Sousa (Org.). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SASSEN, Saskia. "The State and the New Geography of Power". In: *Losing Control? Sovereignty in an Age of Globalization*. New York: Columbia University Press. Pp 1-30 (1996).

SCHIVELBUSCH, Wolfgang. *Tastes of Paradise – A social history of Spices, Stimulants, and Intoxicants*. New York: Pantheon books, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira e LOURO, Guacira Lopes (org.) *Educação e Realidade*. Número especial Mulher e Educação. Porto Alegre, vol. 15, n.2, jul./dez. 1990. p.5-22

SIMMEL, Georg . "Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal". EVARISTO MORAIS FILHO (org.): *Simmel - Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, G. *Questões Fundamentais da Sociologia – Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2006.

_____ . "The Sociological Nature of Conflict". In: *The Sociology of Georg Simmel*. Nova Iorque/Londres: The Free Press/Collier Macmillan Pub. 1964.

_____ . "The Sociology of Secrecy and of Secret Societies". *American Journal of Sociology* 11 (1906): 441-498.

SLAVIN, Sean. "Drugs, Space, and Sociality in a gay nightclub in Sydney". In: *Journal of Contemporary Ethnography,* Vol. 33 No. 3, June 2004 265-295

STRATHERN, Maralyn. "Nos limites de uma certa linguagem". *Mana*, vol.5 (2), out 1999. pp. 157-175.

STRAUSS, Anselm. *Espelhos e máscaras: a busca de identidade*. São Paulo, Edusp. 1997

SCHWADE, E. Neo-esoterismo no Brasil: dinâmica de um campo de estudos. BIB. Revista *Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 61, p. 5-25, 2006.

SCHWADE, E. Carnaval da Nova Consciência. *Religião & Sociedade* (Impresso), v. 31, p. 180-208, 2011

THOMPSON, Kenneth. "Why the Panic?" – The Topicality of the Concept of Moral Panics". In: *Moral Panic*. London: Routledge, 1998.

TILLY, Charles. *Big structures, large processes, huge comparisons*. New York: Russel Sage Foundation. 1984.

TURNER, Victor, *O Processo Ritual*: Vozes, Petrópolis, 1974.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxico e hierarquia*. Tese de doutorado apresentada no departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 1975

_____ . "Projeto, Emoção, e Orientação em Sociedades Complexas", "consciência de Relevância e Motivação e a Noção de Subcultura", "Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto", "Observando o Familiar". Em: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____ . "O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social". Em: *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1985. [1974]

VELHO, G. e Karina Kuschnir (Org.). "O desafio da proximidade". Em: *Pesquisa Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003

VIANNA, Hermano. "A festa dos conceitos"; "O Baile". Em: *O mundo Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

WACQUANT, Loïc. "Putas, escravos e garanhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais". *MANA* 6(2): 127-146, 2000.

YOUNG, Jock. "Youth culture and Drug", "Social Policy and Drugtakers". In: *The Drugtakers: The social meaning of drug use*. London. Ed. Paladin, [1971], 1972.

ZALUAR, Alba. "Pesquisando no Perigo: Etnografias voluntárias e não acidentais. *MANA* vol. 15, nº 2. PP. 557-584. 2009

ZANANIECKI, Florian & THOMAS, William. " The peasant family". Em: Zananiecki, Florian & Thomas, W. *The Polish Peasant in Europe and America*. Boston, Bagdar, 1974: 1918: 87-128.

Sites Consultados:

http://www.unodc.org/brazil/pt/campanha_drogas_2007.html Acessado em 05.07.2008

http://www.senad.gov.br/ Acessado em 26.05.2008

www.anvisa.gov.br

www.oglobo.com.br

www.dnordeste.com.br

http://groups.google.com.br/group/somafortaleza/browse_thread/thread/ea4a6ab6e0dbae6b

http://www.permear.org.br/2006/07/14/o-que-e-permacultura/

http://www.allmusic.com/artist/the-stooges-p143693/biography